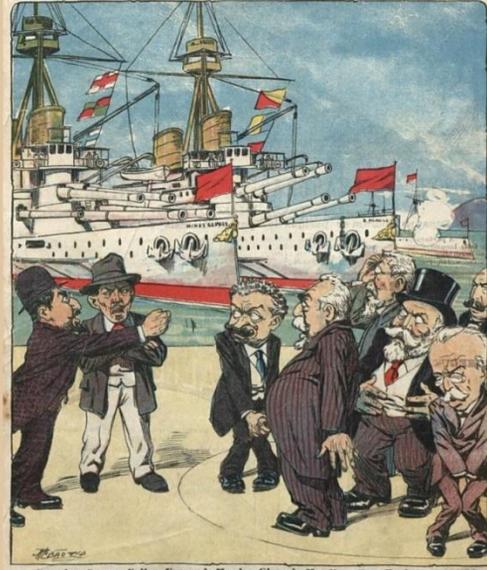


O MALHO

A AMNISTIA DO MEDO



Severino, Campos Sales, Fernando Mendes, Glycerio, Britello e Ray Barbosa em visita ao tremão de madeira. Leste lado o dabo, mas volte-se, volte-se já a amnistia, emquanto os marinheiros não desaparecerem os grossos canhões.
Felício Machado — Mas, Sr. senadores! Isto é o descrédito da autoridade constituída! Isto é anarquia! Isto é o suicídio de uma nacionalidade!
Ze Figueira — Apoiado! É a gente d'esta ordem, resolvendo pela pressão do medo e fazendo isto a apologia da covardia, que quer ter grandes esquadras e fazer figurar no mundo!...
Votem! Votem, e esperem pelo resto que virá depois... (E foi assim que se votou a amnistia...)

CARETA

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908



A DISCIPLINA DO FUTURO

Marinheiro. — Prompto, seu commandante. Aquelle homem afirma que eu não passo de um mero cabido de espada que não acompanha o desenvolvimento material das marinhas europeas.



Coleção
Documentos

106

A REVOLTA DOS MARINHEIROS EM 1910 NAS PÁGINAS DAS REVISTAS O MALHO E CARETA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

A REVOLTA DOS MARINHEIROS EM
1910 NAS PÁGINAS DAS REVISTAS *O*
MALHO E CARETA





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

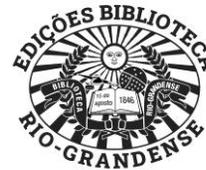
A REVOLTA DOS MARINHEIROS EM 1910 NAS PÁGINAS DAS REVISTAS *O MALHO E CARETA*



- 106 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2025

Ficha Técnica

Título: A Revolta dos Marinheiros em 1910 nas páginas das revistas *O Malho* e *Careta*

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 106

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910 e CARETA. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Maio de 2025

ISBN – 978-65-5306-050-0

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

APRESENTAÇÃO

O ano de 1910 foi agitado no campo político-eleitoral, a partir da acirrada campanha promovida em torno da eleição presidencial, na qual a candidatura oficial era representada pelo marechal Hermes da Fonseca, vindo a mesma a ser desafiada por uma dissidência oligárquica que ficou conhecida como Campanha Civilista, lançando o nome de Rui Barbosa. Apesar dos confrontos entre conceitos como civilismo e militarismo, situacionismo e oposicionismo e participação popular no resultado das urnas, como era padrão na República Velha, a eleição foi vencida por Hermes da Fonseca, que viria a assumir o poder em 15 de novembro de 1910. Uma semana depois da posse, o novo Presidente teve de enfrentar uma agitação no campo social, vindo a estourar um movimento insurrecional na Marinha. Desde o Império, a Armada era a força militar aristocrática por excelência, com tal segmento social dominando os postos de comando, ao passo que a marinhagem em grande parte era formada por negros e mulatos. Tal tradição criara um enorme distanciamento social entre comandantes e comandados, sendo estes submetidos constantemente a maus-tratos e castigos físicos. Com a República, tal situação não mudou substancialmente, havendo uma medida inicial quanto ao fim das sevícias, logo suspensa, de modo que as sevícias permaneceriam inalteradas.

Liderados pelo marinheiro João Cândido, os marujos passaram a fermentar uma rebelião, ideia que ganhou ainda mais força a partir de um castigo desmesurado destinado a um de seus companheiros, com elevadíssimo número de chibatadas. O instrumento destinado tais castigos corporais, a chibata, um cordel entrançado ou tira de couro na ponta de uma vara, usada

geralmente para fustigar ou castigar animais e pessoas, acabou servindo como uma das denominações da ação rebelde perpetrada pelos marinheiros. A Revolta da Marinha iniciou a 22 de novembro de 1910, com os marinheiros tomando de assalto e assumindo o comando das belonaves *Minas Gerais*, *São Paulo*, *Bahia* e *Deodoro*, ocorrendo durante a operação de captura dos navios a morte e o ferimento de oficiais. Donos da situação, os marinheiros expressaram suas demandas, exigindo a extinção dos castigos físicos e a anistia para os rebelados, caso contrário viria a bombardear o Rio de Janeiro, chegando a haver ataques nesse sentido. A partir das discussões entre a Presidência da República, o Congresso Nacional e o Ministério da Marinha, a decisão foi a de atender as reivindicações dos insurretos, dando-se o movimento por encerrado a 27 de novembro. Entretanto, vários acabariam sendo presos, levando a uma retomada do movimento, estourando a rebeldia entre os fuzileiros navais da Ilha das Cobras que, isolados, foram largamente bombardeados. Nessa linha, as forças governistas saíam vencedoras, pois grande parte dos rebeldes foi morta ainda enquanto defendiam suas posições. Além disso, dentre os aprisionados, diversos viriam a ser fuzilados e outros foram enviados para trabalhos forçados no norte do país¹.

¹ Acerca da Revolta da Chibata, ver: CAPANEMA, Sílvia. *João Cândido e os navegantes negros: a Revolta da Chibata e a segunda abolição*. Rio de Janeiro: Malê, 2022.; GRANATO, Fernando de Lima. *João Cândido*. São Paulo: Selo Negro, 2010.; LOVE, Joseph L.. *The Revolt of the Whip*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 2012.; MAESTRI, Mário. *Cisnes negros :1910 : a Revolta dos Marinheiros contra a chibata*. Porto Alegre: FCM, 2014.; MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata*. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.; e SILVA, Marcos A. da. *Contra a Chibata: marinheiros brasileiros em 1910*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

A imprensa teve um papel essencial na divulgação dos acontecimentos que trouxeram pânico para a população do Rio de Janeiro. Parte dos jornais chegou a ser acusada de certa conivência com os rebeldes, atribuindo-lhes um certo papel heroico e romantizado, como no caso de João Cândido, que chegou a receber o epíteto de “almirante negro”. Já outros periódicos criticaram fortemente o movimento, considerando as suas reivindicações como descabidas, vindo a censurar a quebra do status quo e a ruptura social e hierárquica que ele representaria, acusando-os de verdadeiro crime de lesa-pátria, para o qual seria necessária severa repressão. Dentre as publicações periódicas que circulavam na capital brasileira, um gênero que ganhava popularidade eram as revistas ilustradas, que, associando texto e imagem, encontravam um alcance extraordinário em meio ao público leitor². Em meio a

² Sobre as revistas no Brasil, verificar: CAMARGO, Susana (coord.). *A revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000.; COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; SCALZO, Marília. *Jornalismo*

esses magazines ilustrados, fizeram sucesso aqueles voltados à abordagem crítico-humorística, divulgando material textual breve, fotografias e caricaturas³. Este livro aborda as reações de duas revistas ilustrado-humorísticas cariocas, *O Malho* e a *Careta* frente aos eventos que marcaram a Revolta dos Marinheiros de 1910.

de revista. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2016.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

³ A respeito dos magazines ilustrado-humorísticos, observar: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 53-64.; e SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 290-334.

ÍNDICE

O Malho / 15

Careta / 169

O MALHO

O Malho foi uma das mais importantes revistas ilustradas cariocas, que atingiu extrema popularidade, vindo a ser distribuído nas mais importantes localidades brasileiras. Fundado em 1902, seu cerne editorial era voltado às cenas do cotidiano, registradas no formato textual, fotográfico e caricatural⁴. O movimento realizado pelos marujos brasileiros na costa do Rio de Janeiro ao final de 1910 constituiu um tópico recorrente nas páginas das edições finais da revista em tal ano. A impressão geral do magazine acerca da revolta foi de intensa reprovação, qualificando-a como uma atitude inaceitável. Em sua “Crônica”, que equivalia a uma matéria editorial, o periódico julgava o ato rebelde como uma “aventura sinistra” e questionava as motivações dos rebeldes:

A sublevação da Esquadra no porto do Rio de Janeiro veio surpreender tristemente não só o milhão de almas que habita a capital da República, mas certamente todo o Brasil ordeiro e trabalhador.

Por que se revoltaram as guarnições dos navios de guerra, prendendo e matando comandantes e oficiais e iniciando um bombardeio à pacífica metrópole da República e à pacatíssima Niterói?

Os motivos alegados – *castigos corporais* e *situação precária* (?) – nem são de prova fácil, nem, se o fossem, bastariam para justificar um movimento subversivo dessa ordem.

Ao fecharmos este periódico, e dolorosamente surpreendidos pelos tristes acontecimentos, não podemos discernir facilmente quais as verdadeiras razões desse grave delito contra a disciplina e contra a ordem pública; mas não nos parece descabida a suspeita de que o despeito político ousasse explorar a boa-fé da nossa

⁴ Sobre *O Malho*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A data natalícia de Getúlio Vargas como episódio cívico estado-novista: a presença na Revista O Malho (1940-1945)*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 10-23.

brava maruja, lançando-a numa aventura sinistra, com o fim de satisfazer ódios e vaidades mais sinistras ainda...

Praza aos céus que estejamos enganados e que o movimento se reduza à estreiteza dos limites que as primeiras notícias acentuaram!...⁵

Em um novo editorial, a publicação ilustrada se referia a dificuldades até mesmo para definir o movimento, considerando que os rebeldes “reclamantes” teriam perdido a razão, ao ameaçar os moradores e ferirem a ordem, princípio fundamental tradicionalmente defendido pela folha:

(...) E assim o Brasil ia aproveitando essa estrada real da paz interna e externa para se fixar definitivamente entre as nações de pé firme e cabeça segura, inspirando absoluta confiança e conquistando a simpatia e o respeito universais.

Eis senão quando – *re, pim, pá, pum!* – estala uma *greve* ou *reclamação* de marinheiros, que uns pessimistas chamaram *motim, sublevação, rebelião, revolta e até revolução!*

E o caso é que com todos esses títulos ou só com o primeiro, essa *reclamação* teve o poder de dominar completamente os destinos da Capital Federal, da metrópole da República, com todos os seus soldados e marinheiros fiéis ao governo, com todas as suas fortalezas e arsenais, com todos os seus aparelhos executivos, legislativos e judiciários, com todo o seu corpo diplomático, com todo o seu comércio e sua indústria e... com todos os diabos! – com todo o seu milhão de almas!

Tudo isso viveu agoniado três dias e três noites, sob a ameaça de canhões de quatro navios de guerra, dois dos quais haviam sido patrioticamente guindados à altura de *símbolos da nossa força e da nossa grandeza...*

Ao mando “reclamante” do hábil marinheiro João Cândido e depois de assassinados cinco oficiais de marinha, andaram esses quatro navios em guerreiras evoluções, dentro e fora da formosa Guanabara, disparando tiros aqui e ali, radiografando ordens e intimações, exercendo outros atos de força e embasbacando nacionais e estrangeiros pela audácia e presteza das manobras!

⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 nov. 1910.

Quem se atreveria a contrariar esses temerosos exercícios “reclamantes”? Quando constou que o governo ia praticar esse ato de... falta de cortesia, o Congresso votou sabiamente e em três tempos a anistia aos marujos rebelados, que haviam exigido *isso*, para só depois *disso*, largarem as armas!

“Razões de Estado” – sabe-se agora – determinaram esse rasgo do Congresso, habilmente sancionado pelo Presidente da República.

E, diante delas, a gente não tem remédio se não curvar a cabeça, e bendizer o acerto do ato que, de maneira tão singular, “restabeleceu a ordem e a disciplina”.

Praza aos céus que os marinheiros ou outros cidadãos armados não se lembrem mais de “reclamara” qualquer coisa por esse processo *benigno* de coação, que põe em palpos de aranha o *resto* da sociedade.

Permita ainda o Altíssimo que nesses movimentos “reclamantes” não embarque o interesse político de ninguém; e que, a terem de ser feitas algum dia, venham tais reclamações pelos canais competentes e devidamente documentadas, pois, do contrário, talvez passemos pelo desgosto de ver seguir o decreto de anistia prévia, acompanhado da preta dos pastéis, de charutos caros ou, pior ainda, escrito na pele dos cidadãos pacíficos e obedientes que não têm os canhões do *Minas Gerais!*...⁶

Em editorial voltado a criticar as ações no Legislativo no que tange ao encaminhamento orçamentário, *O Malho* retomava o tema da rebelião dos marinheiros, afirmando que, “passada a nuvem negra da revolta, voltou tudo aos eixos, inclusive a anarquia parlamentar”. Diante disso, a revista propunha ironicamente que “o único” que poderia solucionar tal “incomensurável patifaria” seria “aquele cuja experiência já demonstrou que não falha”, ou seja, deveria ser feito “o apelo ao ‘almirante’ João Candido, para que ele faça mover o *Minas Gerais* e passar um radiograma concebido mais ou menos nestes termos”, exigindo: “*ou orçamentos decentes, reais e feitos a tempo, ou tiros de canhão de*

⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

12 polegadas”, o que viria a ser “tiro e queda” para resolver o imbróglio parlamentar⁷. O magazine chegou a denunciar uma associação entre a eclosão rebelde e a atuação de certos legisladores, comentando que “não houve nenhum jornal criteriosamente orientado” que não tivesse ligado “o prurido insano de revoltas à anarquia parlamentar, que há muito” estaria “corrompendo, de cima, toda a noção da mais rudimentar disciplina”. Nesse sentido, opinava que a “revolta dos fuzileiros navais”, a qual “evidentemente contava com a frustrada adesão de navios”, apontando que a mesma fora “a segunda erupção do terreno vulcânico trabalhado pacientemente pela oposição”, bem como teria sido “a consequência lógica de atos, discursos e artigos facciosos” de cunho partidário. A partir de tais percepções, destacava que, o governo reagira “energicamente contra essa estúpida e misteriosa revolta que pela segunda vez, no curto espaço de duas semanas, punha em doloroso xeque o milhão de almas de uma cidade aberta, pacífica e laboriosa”, em atitude que, “em todo o Brasil”, contara com “um movimento unanime de entusiasmo e desafogo”⁸. Ainda a respeito da Marinha Brasileira, a folha se referia a “um perigoso *salto mortal*, que a lição dos últimos acontecimentos veio tornar mais patente”⁹.

Significativa parte da cobertura de *O Malho* voltada ao movimento rebelde deu-se a partir de registros fotográficos. Foi o caso do conjunto de fotografias sobre “A Revolta dos Marinheiros”, contendo “aspectos no dia da

⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.

⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.

⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 dez. 1910.

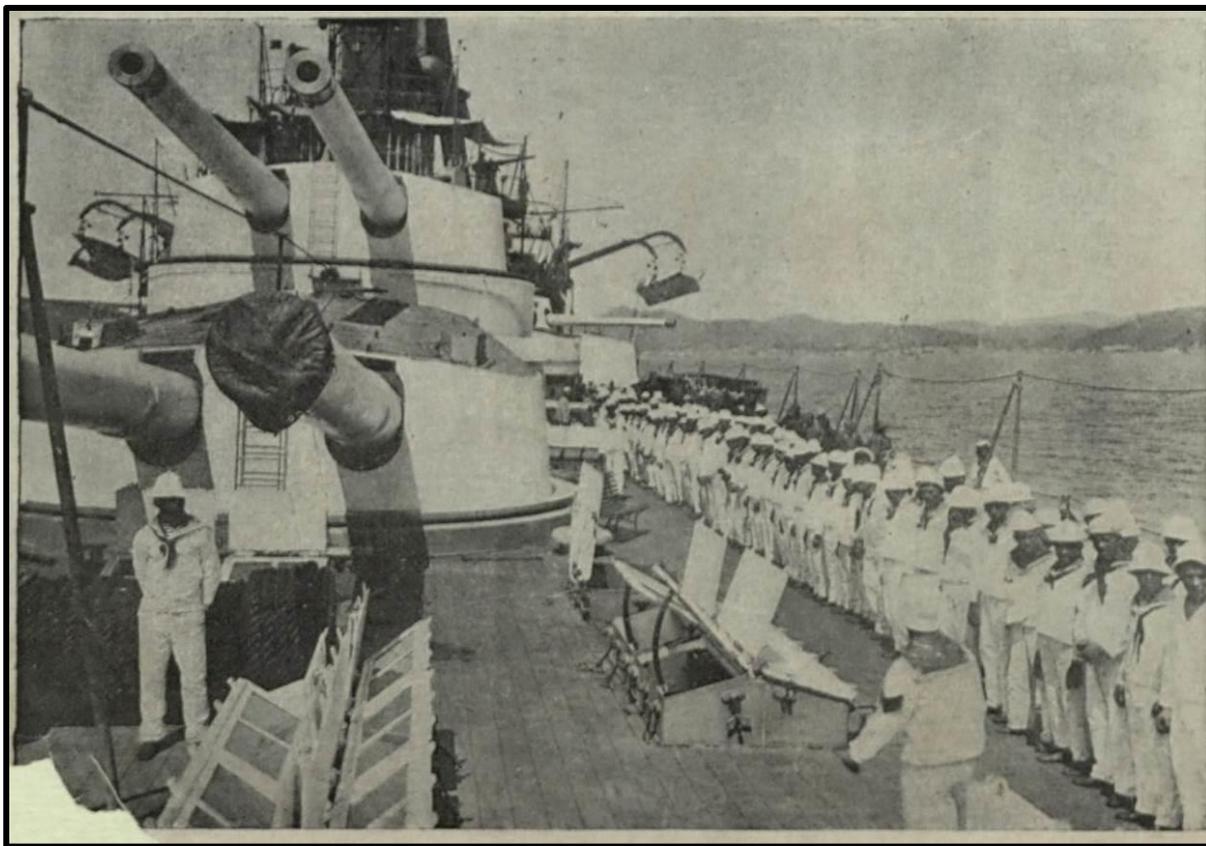
anistia”, com militares e repórteres e a guarnição em formatura, aguardando o decreto de anistia. Foram publicados também os retratos dos “chefes da revolta”, João Cândido e Gregório do Nascimento. Apareceu ainda “a chegada do comandante legal” e uma cena “a bordo do *São Paulo*”. Outra cena mostrava o acompanhamento das manobras por parte de oficiais do Exército e repórteres localizados no cais. Foram inclusos igualmente os retratos dos “imediatos da Revolta”, com o assistente de João Cândido e o marinheiro André Avelino. O militar e parlamentar José Carlos Carvalho, que negociara “com os marinheiros revoltados” foi outro personagem colocado em destaque. Outros dois cenários traziam “a leitura do decreto da anistia” e a “expectativa pacífica a bordo do *São Paulo*”. O capitão que resistira à revolta, Batista das Neves, que comandava o couraçado *Minas Gerais* foi retratado e definido como “o herói”, o qual lutara “heroicamente com a guarnição insubordinada, procurando dominá-la”, mas vindo a ser “cruelmente assassinado a golpes de machadinha e tiros de revólver”, de modo que teria morrido “cumprindo o seu dever militar na defesa do prestígio da autoridade constituída”. Foi igualmente estampado o retrato do tenente Álvaro Alberto, que resistira à investida dos amotinados, sendo ferido e estando em tratamento hospitalar. Outra notícia fotográfica publicada foi “Durante a revolta: aspectos”, mostrando contratorpedeiros, que haviam sido colocados em prontidão no sentido de promover a resistência à revolta. Já “No domínio da Revolta” trazia a movimentação dos “navios revoltosos evoluindo na baía do Rio de Janeiro”. A presença do “povo no cais, espiando o movimento dos navios revoltados” aparecia em “Espectadores da Revolta”. Em mais um registro

denominado “Revolta dos Marinheiros: aspectos”, surgia a ilustração do “cruzador couraçado *Barroso*, que os marinheiros não quiseram revoltar” e do “general Menna Barreto, comandante das forças do litoral”, que observava “os movimentos dos navios revoltados”. As forças legalistas em prontidão eram o conteúdo de “Revolta dos Marinheiros: a defesa do litoral” e “Aspectos da Revolta dos Marinheiros”, com a “guarda do palácio presidencial”. O semanário não poupava esforços para imputar aos rebeldes atos de violência descabida, como ao mostrar “Vítimas da Revolta”, com as fotografias dos corpos de crianças, que teriam sido feitos em pedaços, a partir dos ataques realizados pelos revoltosos. Os impactos da ação militar no cotidiano carioca eram retratados em “Aspectos da Revolta”, com carregadores que comentavam “gravemente os sucessos”. Até mesmo o registro dos “auxiliares do Presidente”, mostrando os membros da casa civil presidencial, fazia referência ao intento rebelde, esclarecendo que um deles percorrera “muitas vezes o litoral, para informar o Presidente sobre o que havia”. O interesse geral pelos acontecimentos surgia em “Na manhã de 23”, que continha “populares observando o movimento dos navios em poder dos marinheiros revoltados”. “Cenas da Revolta: terra para feijões” mostrava o pânico promovido por ocasião de um bombardeio promovido pelos rebelados. Em tom de curiosidade e buscando mostrar o caso de um marinheiro que atentara contra a ordem, o hebdomadário mostrava Pedro Cordeiro de Oliveira, militar que “não trata de

revoltas”, optando por redigir “versinhos cheios de filosofia e outras coisas leves e inofensivas”¹⁰.



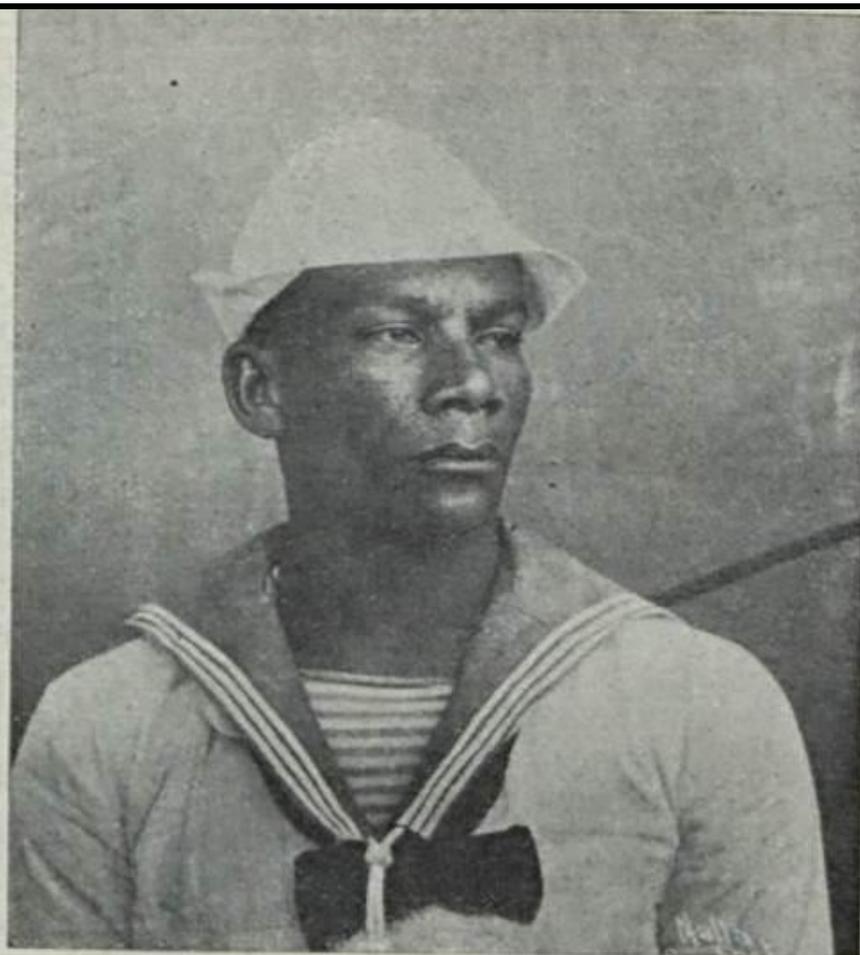
¹⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.





JOÃO CANDIDO

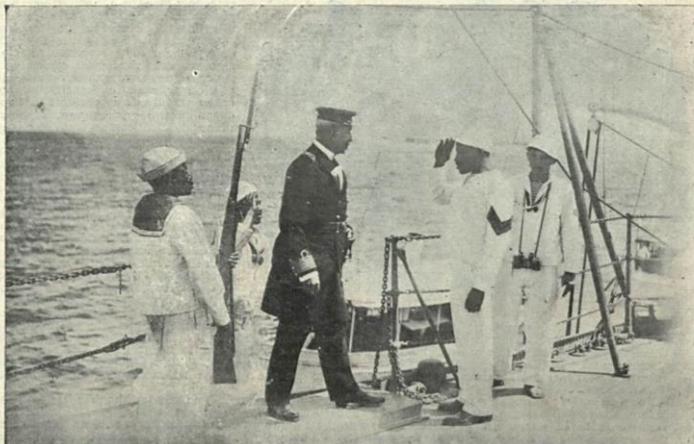
Marinheiro de 1.ª classe, natural de Campos. Foi o chefe da revolta e o commandante do *dreadnought Minas Geraes*.



O CABO GREGORIO DO NASCIMENTO

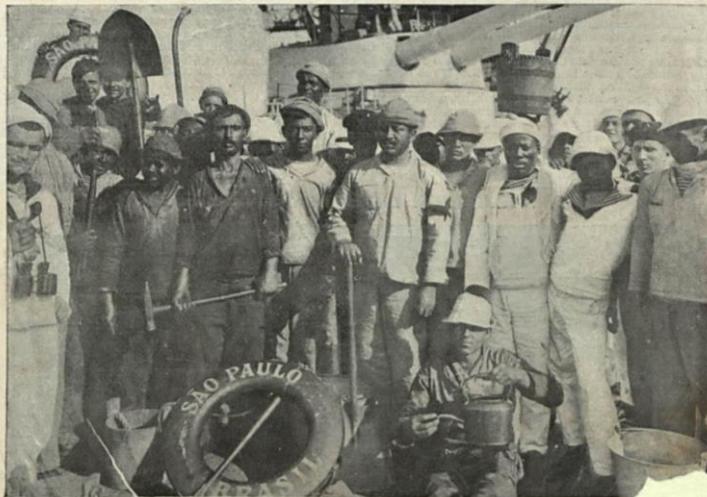
Foi quem, de accôrdo com João Candido e unanime acclamação dos marinheiros sublevados, assumiu o logar de commandante do *dreadnought S. Paulo*.

O MALHO
REVOLTA DOS MARINHEIROS
A CHEGADA DO COMMANDANTE LEGAL



O capitão de mar e guerra João Pereira Leite, commandante do *Minas Geraes*, nomeado a pedido dos marinheiros, entrando nesse vaso de guerra com o decreto de amnistia enfiado no peito da farda. Atrás vê-se o marinheiro João Candido que o foi receber na escada

A BORDO DO «S. PAULO»



No dia da amnistia : Grupo do pessoal das máquinas do couraçado *S. Paulo*. Um delles ainda teve «espir» no bico da chaleira...

A REVOLTA DOS MARINHEIROS



As forças do exercito e reporters d'A *Tribuna* e outras folhas no cás Pharoux, observando as manobras
adidos.

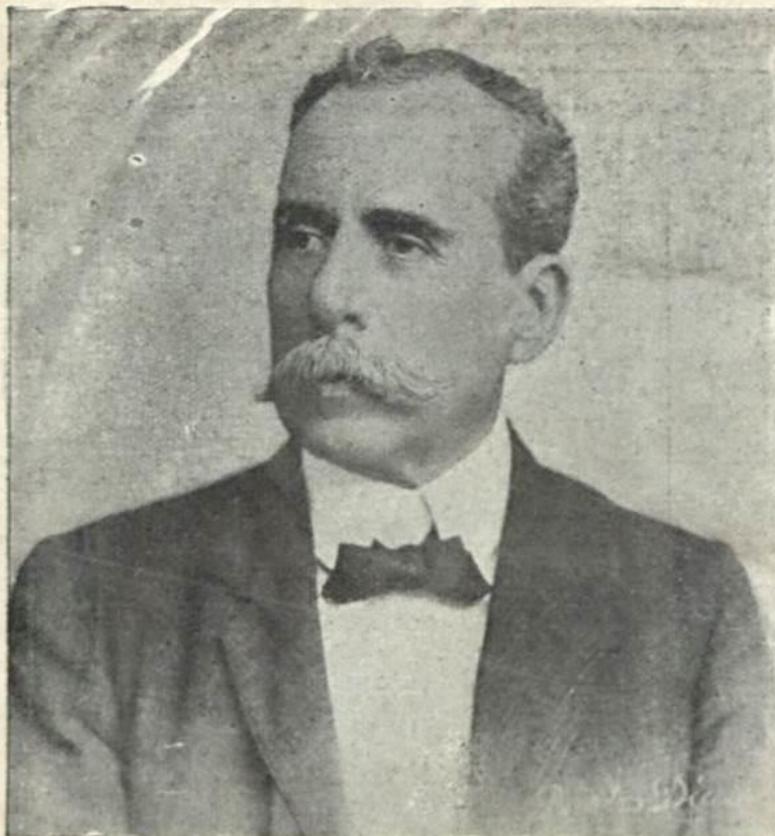


O marinheiro que servia de assistente a João Candido «almirante» da esquadra revoltada



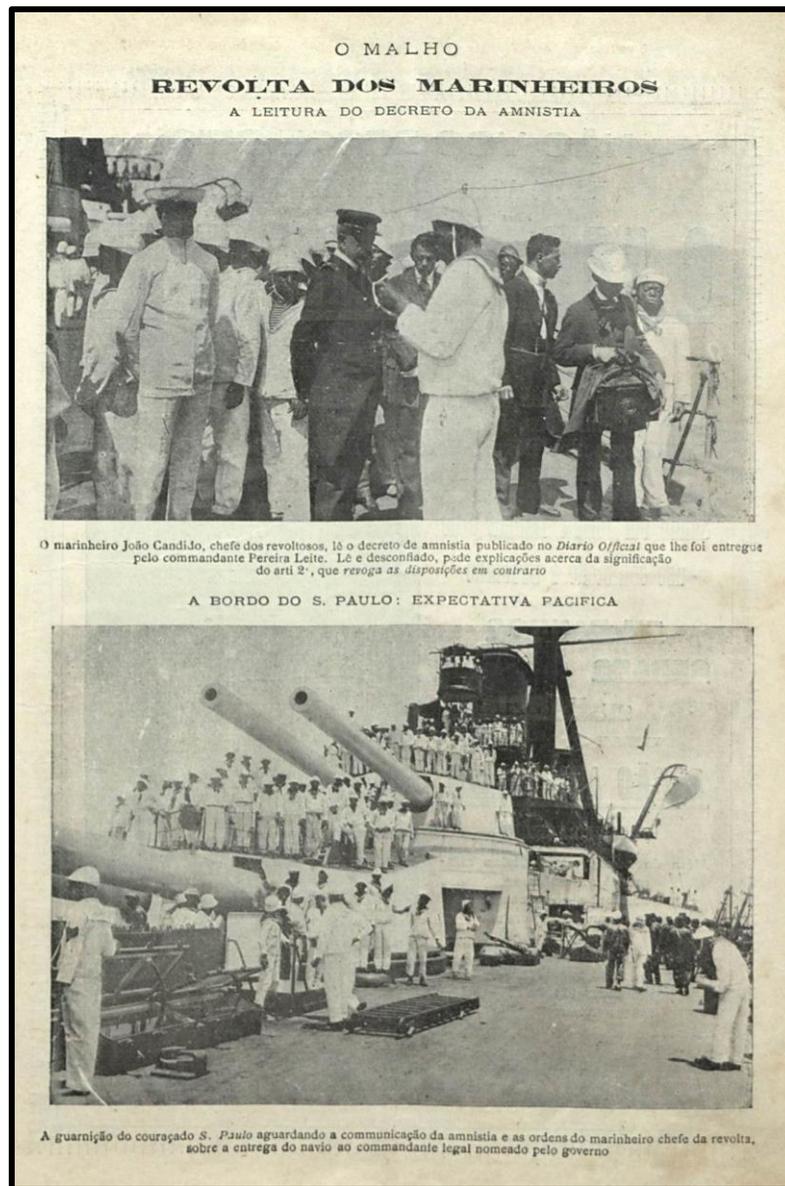
André Avelino, o marinheiro que desempenhou as funções
de imediato do *dreadnought* S. Paulo

O EMISSARIO DA PAZ



O Capitão de mar e guerra José Carlos de Carvalho
DEPUTADO FEDERAL

Eis o homem corajoso e patriota, que, a pedido do senador Pinheiro Machado e outros políticos, foi varias vezes a bordo do *Minas Geraes* parlamentar com os marinheiros revoltados, aconselhando-os a que depuzessem as armas e discutindo com elles as condições em que podia ser feito o acto de submissão, sem desaire para o governo. Prestou um grande serviço ao paiz.







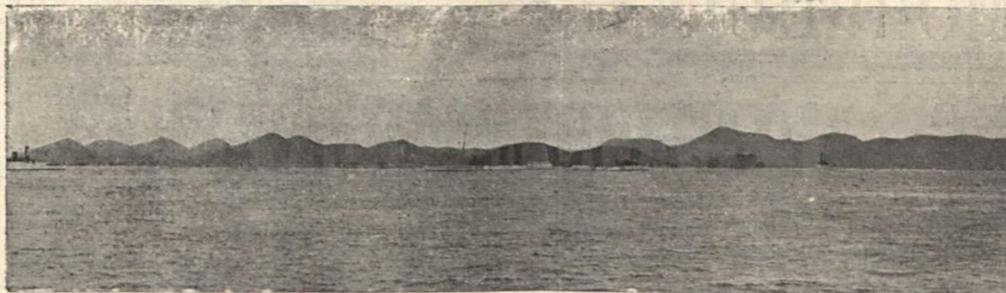
DURANTE A REVOLTA: ASPECTOS



O contra-torpedeiro *Paraibá*, recebendo carvão no novo cães do porto, afim de entrar em acção no plano de ataque dos navios revoltados — plano que não foi ávante devido a razões de Estado a que o presidente da Republica teve de ceder. Ao longe võem-se os varios contra-torpedeiros que tambem entrariam em acção.

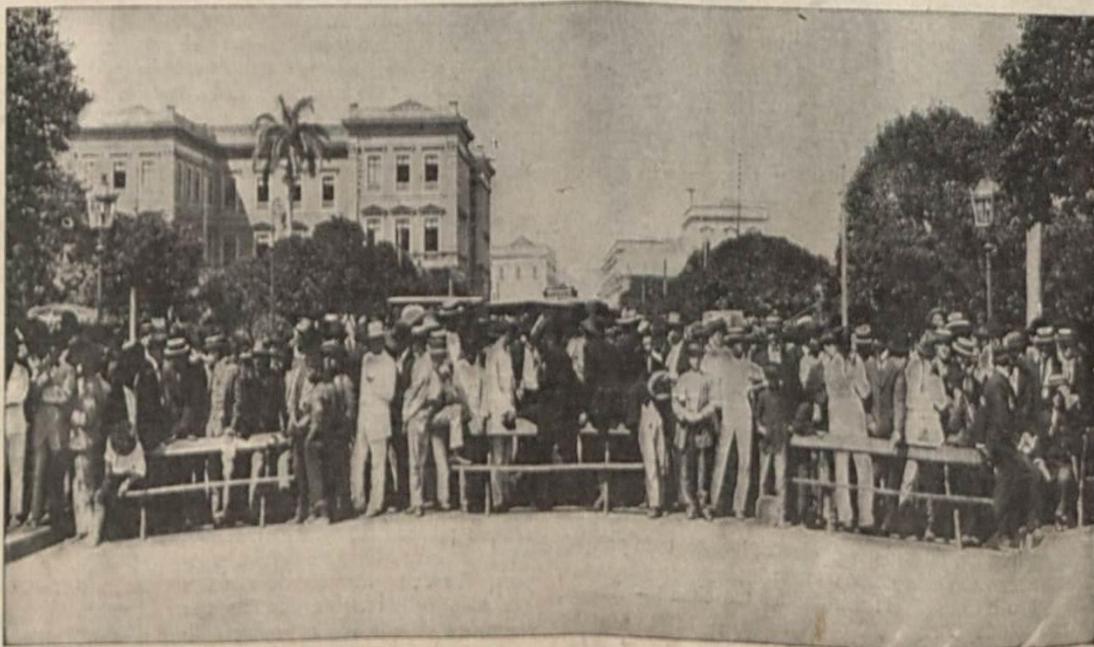
O MALHO

NO DOMINIO DA REVOLTA



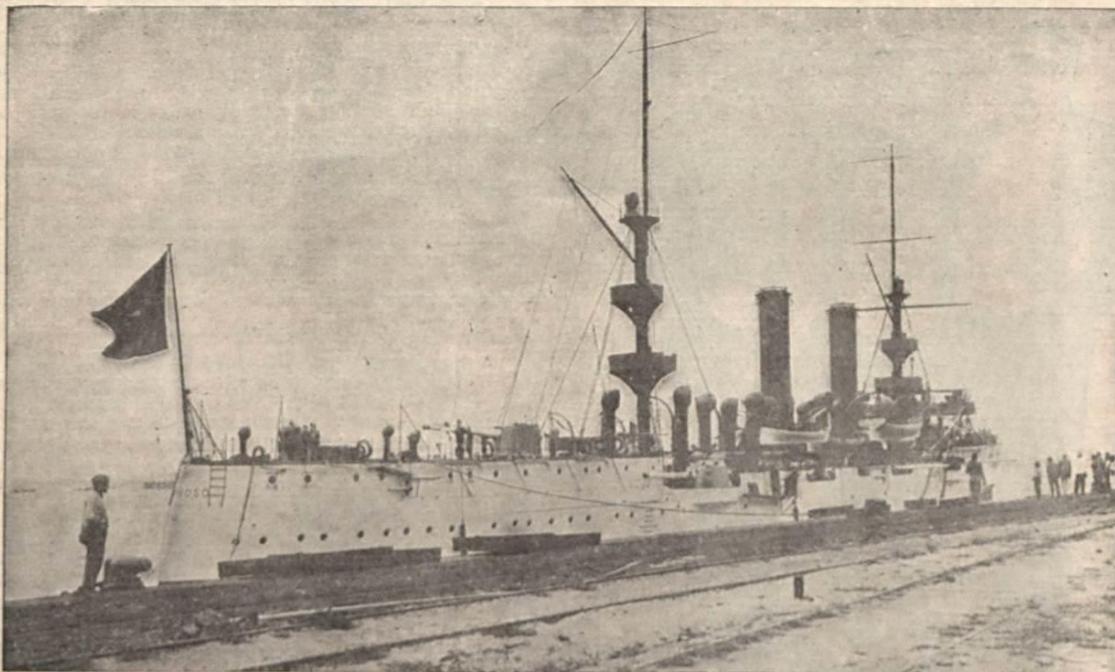
Os navios revoltosos evoluindo na bahia do Rio de Janeiro, A^a esquerda o *S. Paulo*; ao centro o *Bahia* e o *Desdoro*; ao fundo, manobrando, o *Minas Geraes*

ESPECTADORES DA REVOLTA



Povo no cães Pharoux espiando o movimento dos navios revoltados e contido a certa distancia por uma trincheira de...
assentos. E dizem que a curiosidade é uma *virtude* só do sexo feminino!

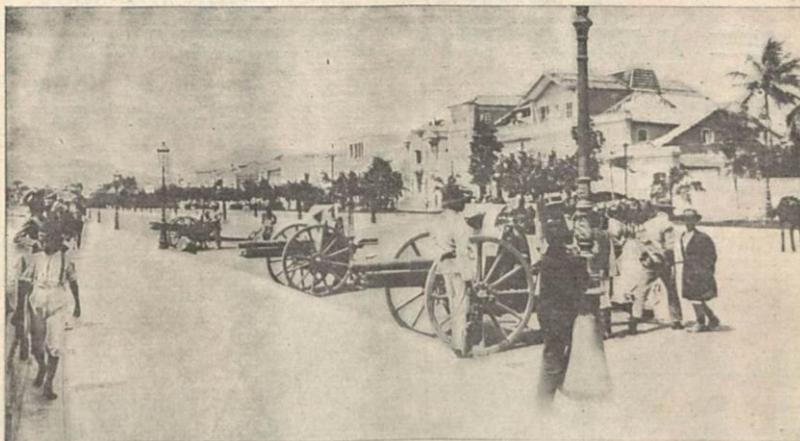
O MALHO
REVOLTA DOS MARINHEIROS: ASPECTOS



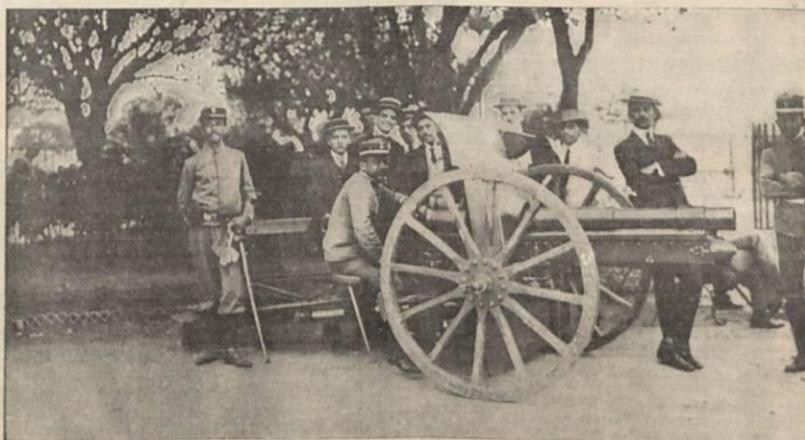
O cruzador couraçado *Barroso*, que os marinheiros não quiseram revoltar, atracado às cãs do Porto, e onde o capitão de mar e guerra Belfort Vieira içou o seu pavilhão de commandante da divisão de cruzadores



O MALHO
REVOLTA DOS MARINHEIROS: A DEFEZA DO LITTORAL



Um aspecto da Avenida Beira-Mar, nos fundos do palacio presidencial do Cattete: artilharia de campanha assestada para o mar.



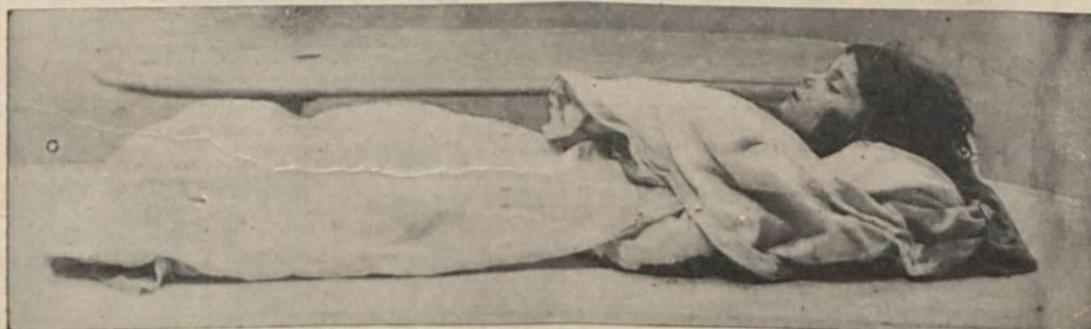
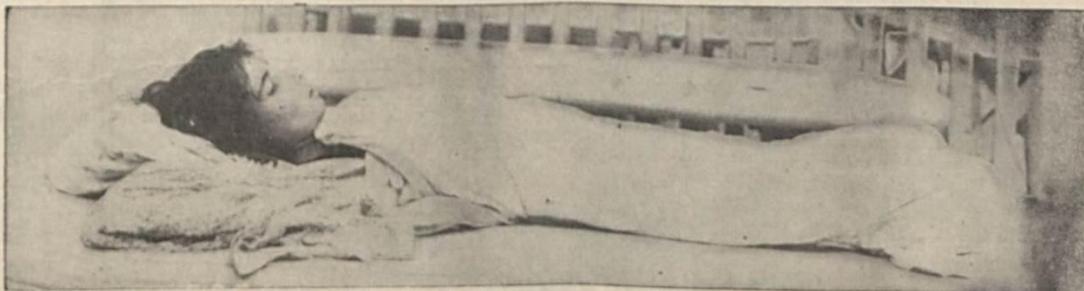
No caes Pharoux: um dos canhões da bateria de campanha alli assestada contra os couraçados *Minas Geraes*, *São Paulo* e outros navios revoltados.
Mais tarde foram armadas trincheiras com fardos de alfafa.

ASPECTOS DA REVOLTA DOS MARINHEIROS



A casa da guarda do palacio presidencial, no Catete, com a força extraordinária que alli estacionou durante os tres dias de apprehensões e desassocego em que o Rio de Janeiro viveu mergulhado.

VICTIMAS DA REVOLTA.



HERNANI E RICARDINA, FILHOS DO SR. HORACIO BAPTISTA LEAL, DESPEDAÇADOS PELA EXPLOÇÃO DE UMA GRANADA ATIRADA PELO
COURAÇADO «MINAS GERAES», QUANDO NA MANHÃ DE 23 DE NOVEMBRO BRINCAVAM DESCUIDADAMENTE
À PORTA DE SUA POBRE CASINHA, NO MORRO DO CASTELLO

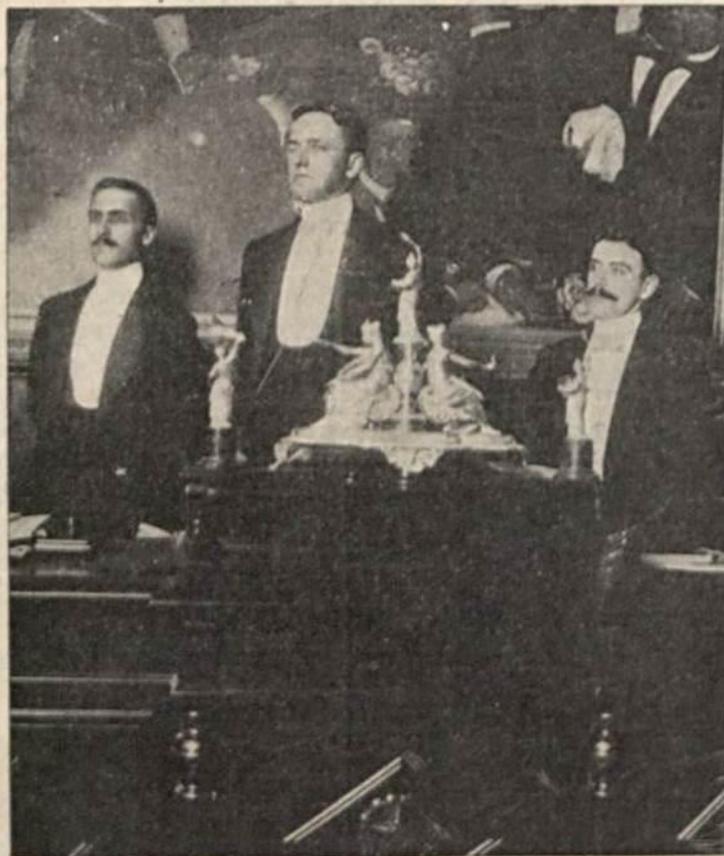
Hernani foi feito em pedaços, que foram atrados longe, sendo depois reunidos e recomposto o cadaver.
Ricardina foi apanhada por um estilhaço que lhe quebrou as pernas, vindo a fallecer, momentos depois, na Santa Casa.
O pai das innocentes victimas pediu e obteve do marechal Hermes recursos para enterral-as.

ASPECTOS DA REVOLTA



Carragadores na Avenida Central, commentando gravemente os successos, com grande gaudio de um caixeiro de padaria, que se mostra encantado com a conversa. Um delles olha para o ar, para ver se enxerga alguma *ameixa* atirada do mar..

OS AUXILIARES DO PRESIDENTE



A casa civil do Sr. presidente da Republica : ao centro o Dr. Alvaro de Tefê, chefe, tendo á sua direita o Dr. Mauricio de Lacerda e, á esquerda, o Dr. Gastão Teixeira, officiaes.

O Dr. Tefê, percorreu muitas vezes o littoral, para informar o presidente sobre o que havia.



UM QUE NÃO TRATA DE REVOLTAS



PEDRO CORDEIRO DE OLIVEIRA, MARINHEIRO NACIONAL QUE DA FORTALEZA DE VILLEGaignON NOS ENVIOU GENTILMENTE O SEU RETRATO COM OS SEGUINTE VERSINHOS, CHEIOS DE PHILOSOPHIA E OUTRAS COUSAS LEVES E INOFFENSIVAS:

ALMA INQUIETA

Dentro da trevosa noite
de minha vida.
onde pare, e alli se acoitte,
p'ra ser remida,

Busca est'alma de mortal.
buscae embora a noite humana,
onde habita todo o mal;
morrerá na lide insana?

Morrer? Nunca! O pó—fuligem
da treva espessa;
e tambem qualquer vertigem
que lhe appareça,
vencerá est'alma inquieta.

Noite não existe ao certo,
de que não se saiba a méta...
—Sobe a noite? O Sol vêm perto!

Alma! Luz! morrer na luta
buscando calma?
Não, jamais! Não têm cieuta
a noite p'ra alma
dos que vivem do peccado.

Toda a noite têm estrellas,
lá no Azul alcandorado,
para os nautas das procellas.

Pedro Cordeiro Oliveira (Villegaignon)

A folha ilustrada buscava desmentir a versão de que marinheiros haviam sido fuzilados, apresentando “Os cinco pseudo-mártires da Revolta”. Por outro lado, enfatizava o suposto sacrifício dos militares que lutaram pela causa legalista, ao mostrar “Consequências da Revolta”, com “as exéquias por alma dos oficiais mortos”. Houve também o registro dos marinheiros à espera do comunicado da anistia, “em frente à objetiva do nosso fotógrafo”, em “Aspectos pacíficos da Revolta”. “Memórias da Revolta” destacava os navios de guerra “com a bandeira vermelha da Revolta” e “Para inglês ver” trazia as belonaves “às ordens do governo por ocasião da revolta dos marinheiros”. O encontro do comandante legal com João Cândido e os “preparativos da marinagem para o *banquete*” por ocasião da publicação da anistia aos revoltosos eram os temas de duas inserções denominadas “Cenas da Revolta”¹¹. A retomada da rebeldia entre os marujos foi um tema recorrente nas páginas do magazine, em uma série de fotorreportagens denominadas “A Revolta dos Fuzileiros Navais”. Já “No cenário das revoltas” enfatizava a presença de autoridades públicas à espera do *Minas Gerais* e do *São Paulo*. Outro registro trazia a “formatura do Tiro do Realengo”, considerado como “sociedade que prestou leais serviços ao governo durante as revoltas de marinheiros” era o tema de “Patriotismo e lealdade”¹². A publicação teve um cuidado especial em buscar demonstrar as destruições que teriam sido promovidas a partir dos bombardeios rebeldes, como em “Garganta do Inferno”, “Os estragos em terra”, “Ecos da Revolta: estragos em terra”, “Outra vítima da

¹¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.

¹² O MALHO. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.

Revolta” e “Incidentes da Revolta”. A derradeira etapa do movimento foi temática de registros como “Ecos da Revolta dos Fuzileiros Navais”, “Ecos da sublevação dos Fuzileiros Navais”, “A Revolta dos Fuzileiros Navais”, “o Berço da última Revolta” e “Ecos da última Revolta”¹³.



¹³ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 dez. 1910.

O MALHO
CONSEQUENCIAS DA REVOLTA
AS EXEQUIAS POR ALMA DOS OFFICIAES MORTOS



O superior do Mosteiro de S. Bento, com seus auxiliares, e officiaes e praças do 1º batalhão de artilheria, aguardando a chegada do Sr. presidente da Republica, para assistir ás exequias por alma dos bravos — capitão de mar e guerra Baptista das Neves, capitães-tenentes José Claudio e Mario Lahmeyer e 1º tenentes Mario de Souza e Salles de Carvalho, assassinados pelos marinheiros, a bordo dos couraçados *Minas* e *S. Paulo*.



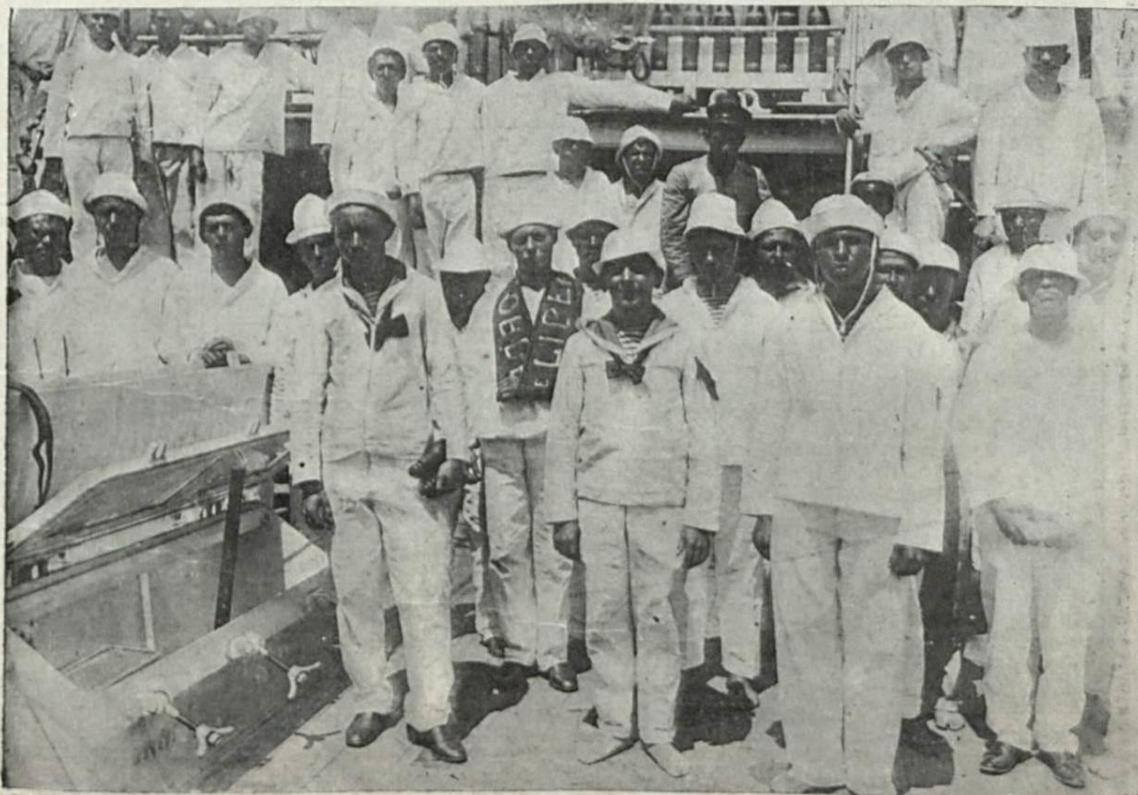
O marechal Hermes da Fonseca e o almirante Marquez Leão, ministro da Marinha, chegando ao Mosteiro de São Bento para assistirem ás exequias.
O Sr. presidente da Republica não occulta a dor profunda, que lhe punge a alma.



A viuva e os filhos do heroico Baptista das Neves, comandante assassinado do couraçado *Minas Geraes*, retirando-se da igreja do Mosteiro de S. Bento, após a celebração das exequias, piedosamente celebradas pelos frades beneditinos.

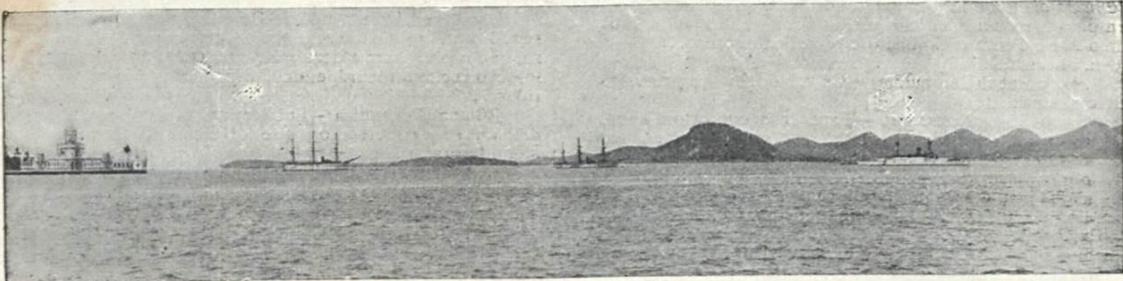


ASPECTOS PACIFICOS DA REVOLTA



A bordo do «scout» *Bahia*, pouco antes de comunicada a amnistia : o «commandante» revoltoso, Francisco Dias Martins, (o que tem o distico *Ordem e Liberdade*) o «immediato» (o que está de binoculo) e parte da guarnição, posando tranquillamente, em frente á obiectiva do nesso photographo

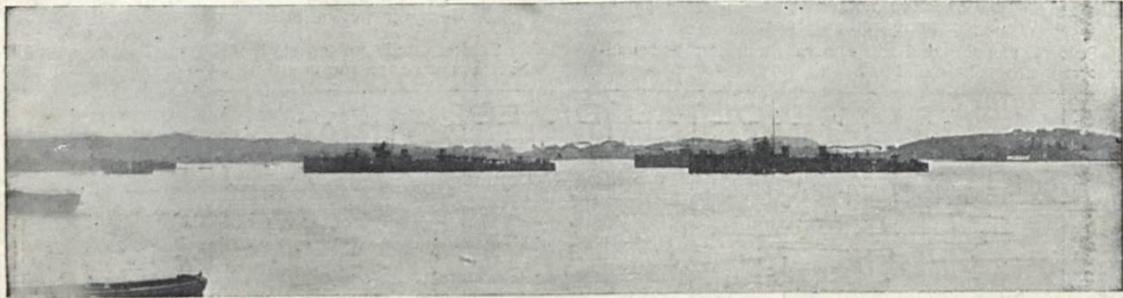
O MALHO
MEMORIAS DA REVOLTA



POSIÇÃO DE ALGUNS NAVIOS DE GUERRA NA MANHÃ DE 23 DE NOVENBRO, TODOS COM A BANDEIRA VERMELHA DA REVOLTA.

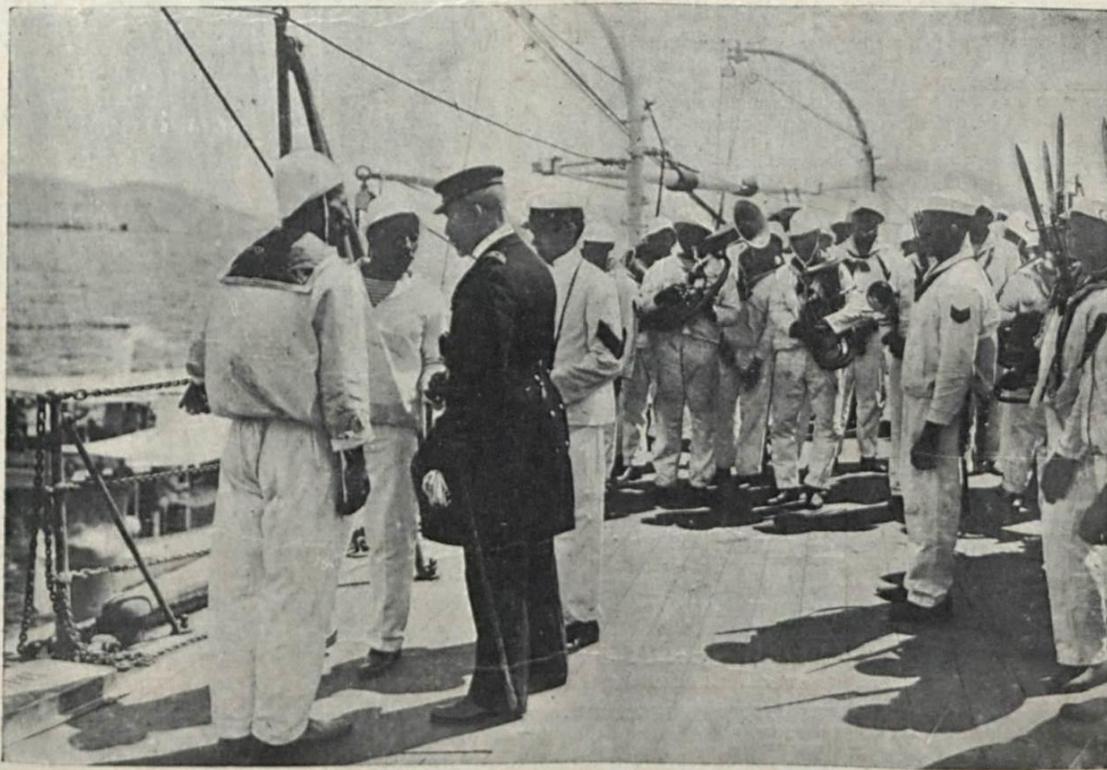
A contar da esquerda: cruzador *Benjamin Constant*, a corveta *Primeiro de Março* (ambos abandonados depois pelos revoltosos, por terem sido julgados desnecessários...) e, finalmente, o couraçado *Minas Geraes*, capitaneada da revolta sob o commando do marinheiro João Candido.

PARA INGLEZ VER



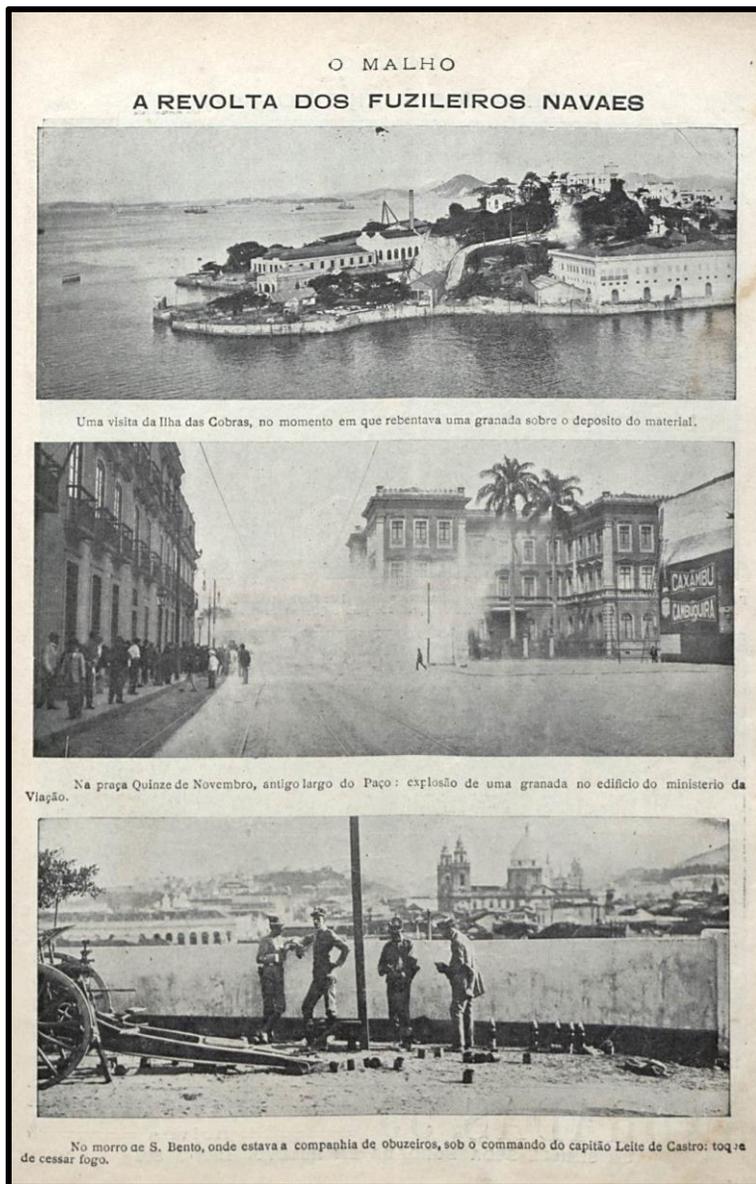
Os *destroyers* (contra-torpedeiros) construídos ultimamente na Inglaterra, fundeados no interior da bahia do Rio de Janeiro, às ordens do governo, por ocasião da revolta dos marinheiros.

SCENAS DA REVOLTA



Segunda recepção do commandante capitão de mar e guerra Pereira Leite a bordo do *Minas Geraes*. S. S. explica ao «almirante» João Candido (o marinheiro que se vê de costas no 1.º plano) o motivo pelo qual não era possível comparecer o deputado José Carlos de Carvalho e a comissão do Congresso que o chefe da revolta e os marinheiros haviam exigido fossem a bordo comunicar o acto da amnistia. Aceitas as explicações, o commandante legal assumiu o cargo com o ceremonial do estylo.





O MALHO

A REVOLTA DOS FUZILEIROS NAVAES



Praças do Batalhão Naval, que durante a revolta saltaram no Arsenal de Marinha disfarçadas em doentes do Hospital...
São conduzidas no meio de um quadrado para o Quartel General do Exército



No mosteiro de S. Bento : o obuz assestado em frente á escada e guarnecido pelos bravos tenentes D. Barbosa e Carlos Possolo e pelo cabo João Marques, uma das praças que mais se distinguiram durante o ataque á ilha das Cobras

O MALHO

A REVOLTA DOS FUZILEIROS NAVAES



O 1.º tenente Francisco Xavier Carneiro da Cunha

Pertencia á denodada officialidade do «scout» *Rio Grande do Sul* e sendo o primeiro a perceber, na noite de 9, que havia um movimento de anormalidade a bordo, dirigiu-se para junto dos marinheiros, procurando contê-los. Foi nesse momento que o bravo e illustre official recebeu dous ferimentos: um por baioneta, nas costas, e outro por bala. Conduzido muribundo para o Arsenal de Marinha, alli expirou no meio de geral consternação.

Era genro do Dr. Oliveira Ribeiro, ministro do Supremo Tribunal.



Grande numero de praças do batalhão naval, vindas da Ilha das Cobras presas e escoltadas por uma companhia de guerra dos atiradores do Tiro Federal.

E' de justiça salientar os excellentes serviços prestados ao governo para esses bravos rapazes das sociedades de tiro, que abandonaram o socego e o gozo do lar, collocando-se ao lado das auctoridades e compartilhando com entusiasmo do extenuante e arduo trabalho da repressão da revolta.



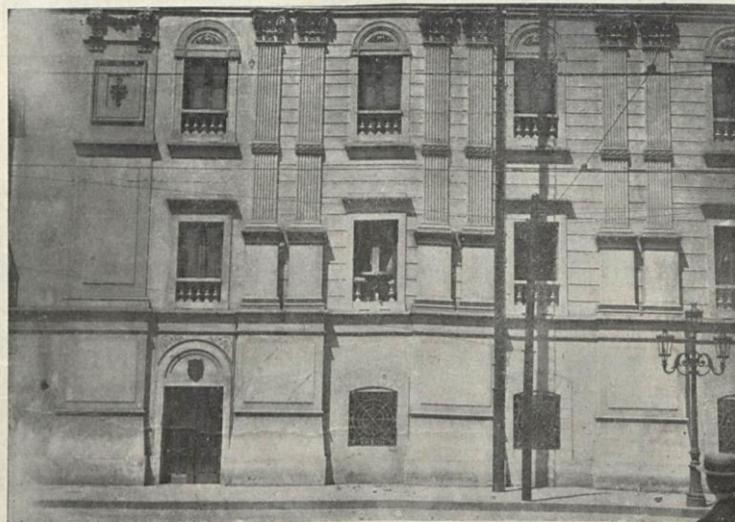
Efeito de uma granada atirada da Ilha das Cobras num compartimento do Mosteiro de S. Bento. Além dos estroços materiais causou a morte do alfaiate do mosteiro e um ferimento grave na mão de um frade beneditino.

O MALHO

A REVOLTA DOS FUZILEIROS NAVAES



Bateria do Mosteiro de S. Bento. A companhia de obuzeiros, sob o commando do capitão Leite de Castro; o tenente Possollo fazendo uma pontaria sobre a Ilha das Cobras

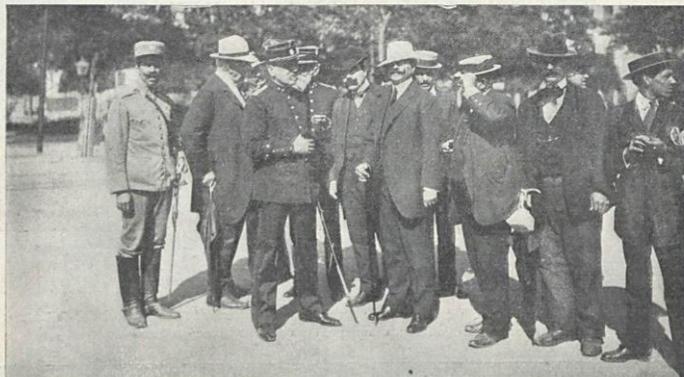


Parte do edificio do Museu Commercial, na praça Quinze de Novembro vendo-se uma das janella attingida por uma granada vinda da Ilha das Cobras.
Notam-se outros signaes das balas revoltosas.

O MALHO

A REVOLTA DOS FUZILEIROS NAVAES

AFFRONTANDO O PERIGO



Na praça Quinze de Novembro: Os generaes Siqueira de Menezes e Pinheiro Bittencourt, em companhia de politicos, *reporters* e populares, assistindo ao bombardeio da Ilha das Cobras.

OS ESTRAGOS



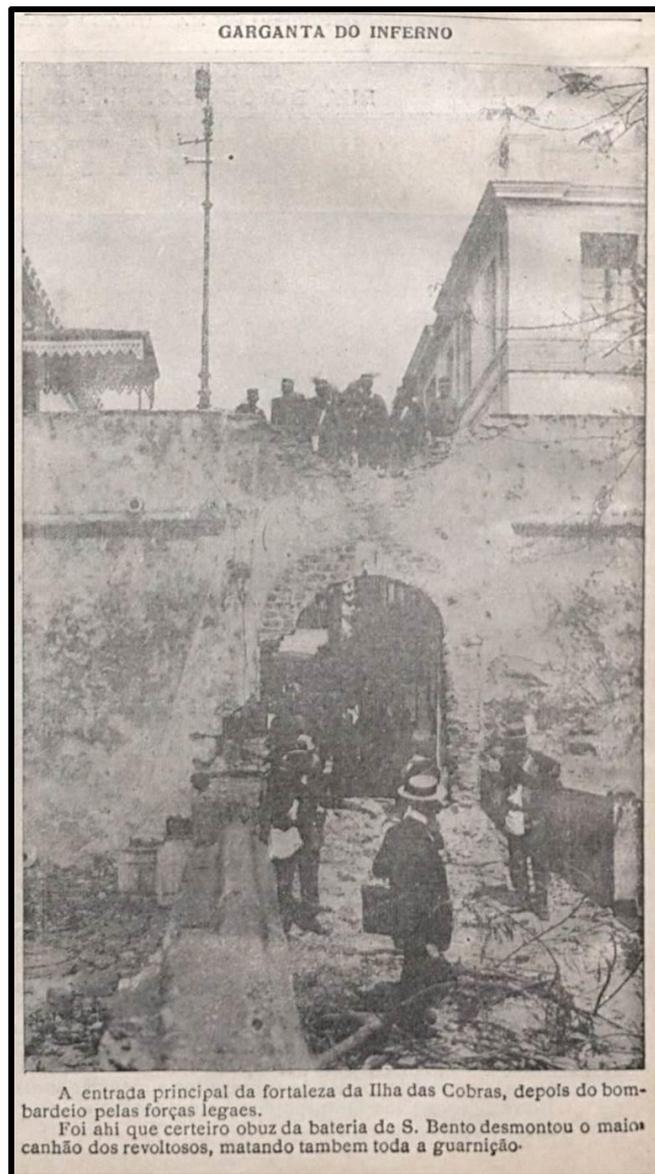
No Cães dos Mineiros: populares em torno de um poste telephonico, decapitado e duas vezes furado pelas balas de canhão vindas da Ilha das Cobras.
O pequeno está deseras encantado com o successo...

O MALHO
A REVOLTA DOS FUZILEIROS NAVAES
ASPECTOS DA DEFEZA



Trecho da rua Primeiro de Março em frente, ao Arsenal de Marinha, vendo-se as metralhadoras da Força Policial devidamente guarnecidas





O MALHO

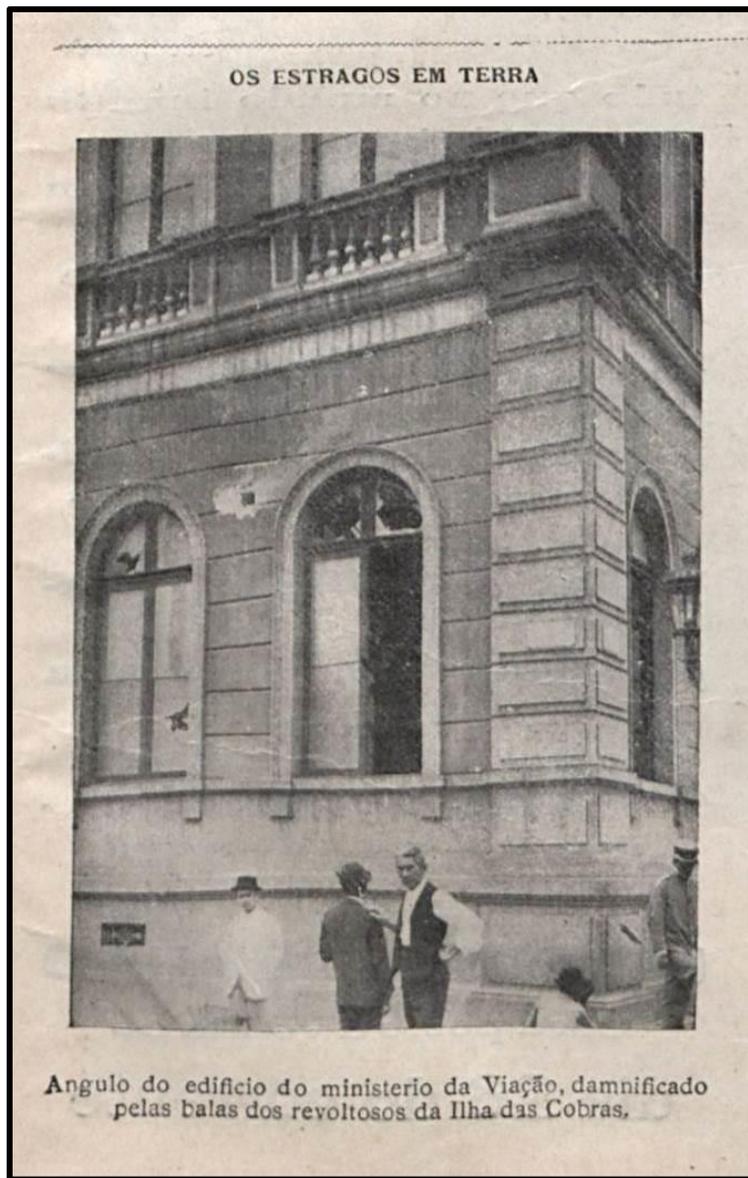
ECHOS DA REVOLTA DOS FUZILEIROS NAVAES



Na ilha das Cobras—Estragos produzidos pelo bombardeio das forças legas, destacando-se uma grande metralhadora inutilizada pelos obuzeiros do morro de S. Bento.

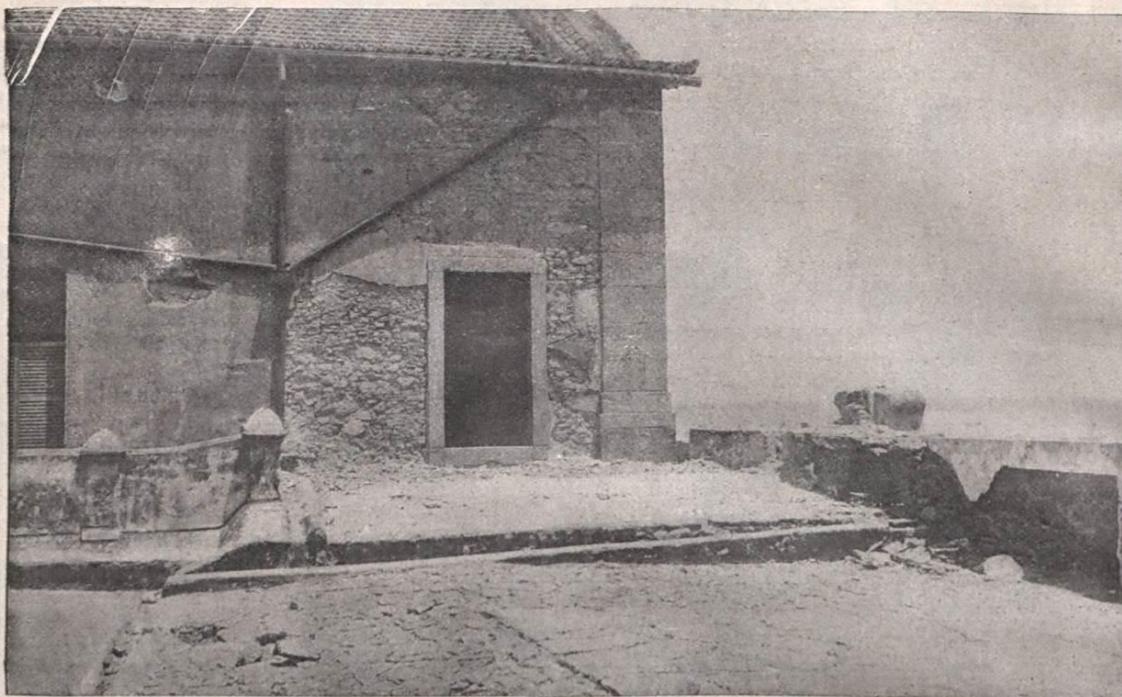


Estragos produzidos na sala de visitas da casa do tenente-ajudante do 3º batalhão de infantaria, na fortaleza do morro da Conceição, por uma das granadas atiradas da ilha das Cobras.
Na formidável saia, destaca-se o piano completamente esphacelado!



O MALHO

ECHOS DA REVOLTA : ESTRAGOS EM TERRA



Fortaleza da Conceição de onde foram feitos 299 disparos sobre a Ilha das Cobras: estragos na muralha e no quartel do 3 de infantaria, produzidos pelos canhões dos revoltosos

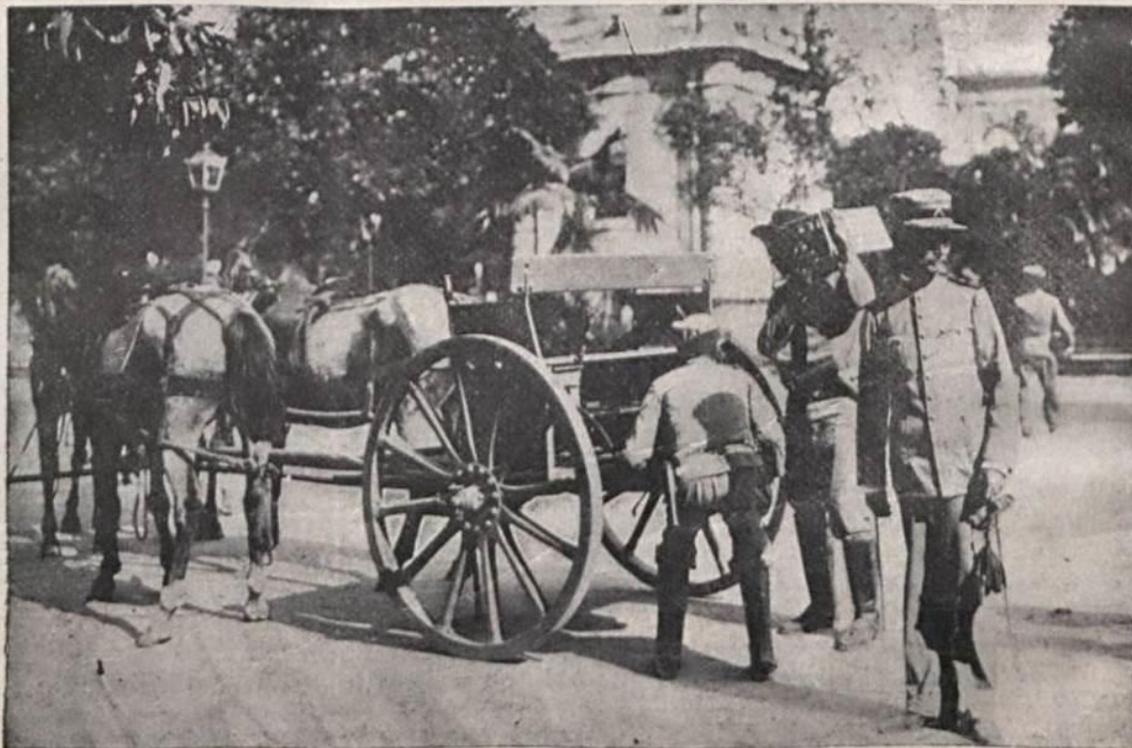
OUTRA VÍCTIMA DA REVOLTA



Na praça Quinze de Novembro: poste da iluminação eléctrica decapitado por uma bala da Ilha das Cobras.



ECHOS DA REVOLTA DOS FUZILEIROS NAVAES



Chegada de munições ao Cães Pharoux, onde as forças legas enfrentavam corajosamente a Ilha das Cobras

ECHOS DA REVOLTA DOS FUZILEIROS NAVAES



Um dos kiosques damnificados pelas balas da Ilha das Cobras, situado junto à rampa do mercado velho. Photographia depois do bombardeio... está claro...

ECHOS DA REVOLTA DOS FUZILEIROS NAVAES



Praças do Exército e da Força Policial guardando o mercado velho do Rio de Janeiro durante os dias de agitação

A REVOLTA DOS FUZILEIROS NAVAES



Os majores Peixoto e Lopes, da Força Policial do Distrito Federal e a guarnição de uma das metralhadoras da mesma Força, que muito auxiliou o governo, na repressão da sublevação do Batalhão Naval

INCIDENTES DA REVOLTA



Bombeiros retirando-se do edificio do ministerio da Vi-
ação depois de terem verificado que as granadas atiradas
da Ilha das Cobras não haviam produzido o incendio que
lhes fôra avisado.

O BERCO DA ULTIMA REVOLTA



A ilha das Cobras vista do morro de S. Bento, depois de bombardeada pelas forças legais. Avulta em cima a celebre caixa d'agua, que foi esvasiada com os tiros certos de terra

O MALHO
ECHOS DA ULTIMA REVOLTA



A' sahida do Arsenal de Marinha: revoltosos presos vindos da ilha das Cobras e escoltados pelos atiradores da sociedade n. 7 da Federação do Tiro.

Mantendo sua tradição, *O Malho* divulgou abundante produção de arte caricatural a respeito da Revolta da Chibata. Sob o título “O câmbio e a Revolta”, a folha mostrava os políticos tratando da questão cambial como se estivessem cozinhando em um caldeirão, diante do que o Zé Povo – tradicional representação do povo brasileiro – comentava que o resultado tendia a não ser bom quando muitos mexem na panela, citando o caso dos revoltosos, explicando que “tanto mexeram na panela velha da Armada, tanto a atocharam com ingredientes colossais e com temperos picantes, que ela estourou”, de modo que seria necessária cautela em tais casos. Em “Revoltados contra revoltas”, dois indivíduos conversavam sobre os gastos excessivos na compra de material bélico e belonaves, criticando os rebeldes, cujas justificativas não seriam cabíveis para que tivessem cometido “barbaridades”. Sob o olhar do Zé Povo, autoridades públicas brasileiras debatiam sobre a “vergonha” da “revolta da esquadra” em “Outro 23 de novembro”. Já em “Contra os pronunciamentos” aparecia o diálogo entre a figura alegórica que representava *O Malho* e o Zé Povo, que se referia à “inopinada revolta” e aplaudia as atitudes governamentais frente ao ato rebelde. A conversa entre o político Francisco Sá e o Zé Povo girava em torno da conjuntura política do país, concluindo este acerca da possibilidade de uma decadência a partir das rotineiras “descomposturas e revoltas”. Patriotismo e armamentismo era o tema de diálogo entre homens e mulheres retratado em “A propósito da Revolta”¹⁴.

¹⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 nov. 1910.



IMPRESSO EM MACHINAS ROTATIVAS DE MARINONI

ANNO IX | REDACÇÃO, ESCRITORIO E OFFICINAS: RUA DO OUVIDOR N. 164 E ROSARIO N. 173 | N. 428

O CAMBIO E A REVOLTA



Zé Povo, vendo o Calligeras, o Irineu, o Barbosa Lima, o Bulhões, o Cincinato, o Chico Salles e o Severino: — E' vocês são todos uns grandes sábios, mas não sabem que — panela em que mistos mexem... Olhem a revolta dos marinheiros... Tanto mexeram na panela velha da Armada, tanto a atocharam com ingredientes colossaes e com temperos picantes, que ella... estourou! Cautela heim? Os baixistas já se encheram e eu... nada! Só o que me toca são as ameixas da revolta, que a incapacidade, e a imprevidencia dos Srs. pelotiqueiros não cessa de preparar! Deixem a panela ao calor natural dos elementos! Cuidem de evitar novas revoltas, levando a palavra da paz e da ordem a todos os arraiaes da grande familia brasileira! Isso é que é o verdadeiro cambio nacional!...

STORNI



OUTRO 23 DE NOVEMBRO



Almirante Leão : — Uma vergonha esta revolta da esquadra ! Para chegarmos a esta triste situação não vaiia a pena ter-se gasto tanto dinheiro com este programma !

Alexandrino : — E a cousa rebenta justamente no dia em que eu parto e nas vespas de 23 de Novembro...

Hermes : — Não é de flores a minha estreia, mas hei de mostrar que sei cumprir o meu dever, honrando o posto que me confiaram !

Zé Povo : — Ora, ahí está em que deu a figuração dos grandes navios e da supremacia naval do Brazil ! Podem os meus amigos no governo, presentes e passados, limpar as mãos à parede com a tal supremacia dos *elephantes brancos* !



A CAMINHO DO EXILIO



Chico Sá: — Zé, o Hermes achou que eu já estava com o sacco cheio e não me quiz no ministerio... Parto para as Europeas...

Zé: — Maganão !... Vae para o exilio... de Paris! Olhe, seu Sá, não se rale muito com o fallatorio. Cada ministro que vem — é das praxes-trata de desfazer o que fez o antecessor. O Penna e o Calmon vieram para moralisar o paiz, a administração, e nunca se viu tanta patifaria junta...

O governo de que V. fez parte botou os podres do Calmon na rua, os escandalos da Exposição, do Xerém, do ministerio do Interior... Portanto é justo que agora...

Chico Sá: — Tens razão, Zé! E, para não ouvir o berreiro, raspo-me com o Alexandrino...

Zé Povo: — Maganão !... Pudesse eu fazer outro tanto e viesse abaixo o mundo com as descompusturas e as revoltas!...

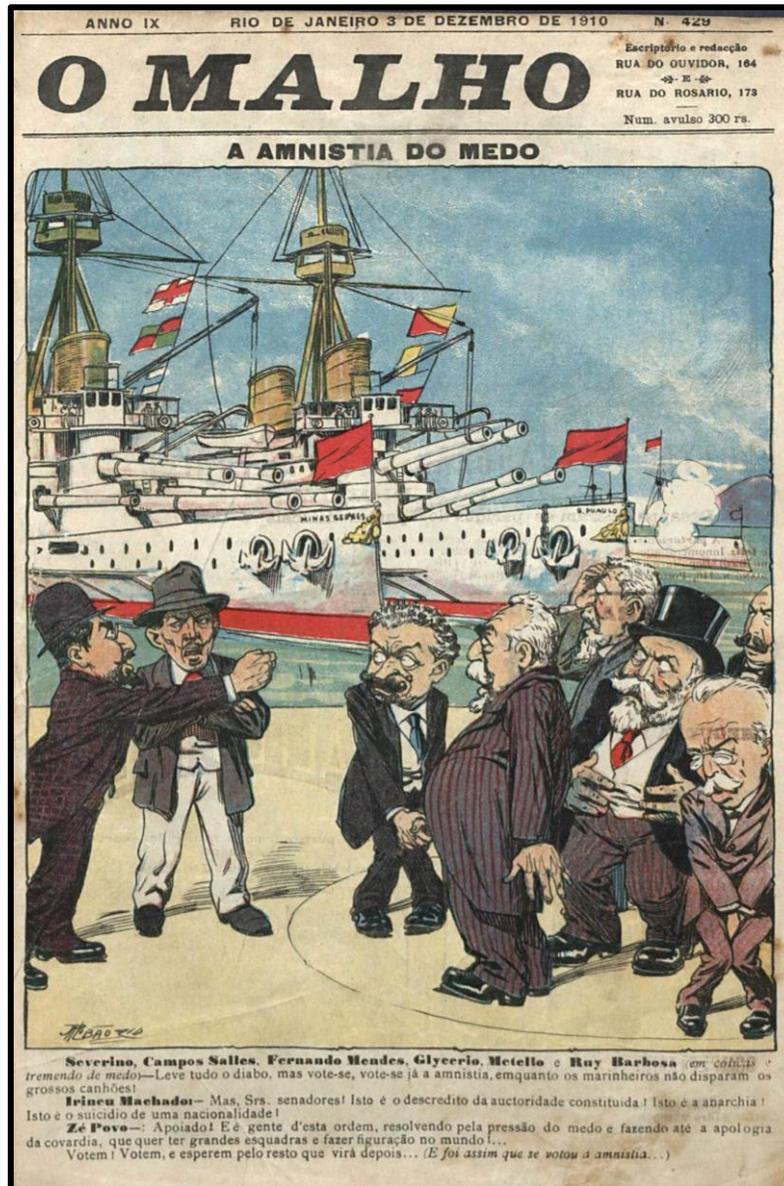
A PROPOSITO DA REVOLTA



Ella : —Como ? ! Pois o senhor não é patriota ?
Elle : —Muito. Mas deante d'este movimento da força armada, sinto-me deveras desarmado...
Ella : —Pois olhe : é nestas occasiões propicias, que os «sabidos» se armam até os dentes...

Na capa da revista foi publicada caricatura sobre “A anistia do medo”, na qual políticos discutiam sobre a concessão da anistia aos revoltosos, no intento de abafar o movimento revoltoso, com a presença do Zé Povo criticando tal situação, pelo precedente que ficaria aberto a partir de então. No mesmo sentido, “A sanção da anistia” mostrava o Presidente Hermes da Fonseca sendo forçado pela “política” e pela “burguesia” a assinar o documento que concedia o perdão aos revoltosos, ação que era censurada pelo Zé Povo e pranteada pela dama do barrete frígido, alegoria feminil que representava a República. A colaboração iconográfica de um leitor, que antecipava os problemas que o Presidente viria a ter dificuldades com a Marinha, foi apresentada em “Prólogo de tragédia?”. Manifestando sua indignação, em “Coisas que revoltam”, o periódico mostrava um marinheiro carregando a bandeira vermelha da revolta e fazendo suas exigências, enquanto outro indivíduo, representando o Congresso Nacional, saía de seu esconderijo embaixo da cama, oferecendo a bandeira da anistia para os rebelados. Ao apresentar as forças em conflito, no desenho “Nas buchas do bombardeio”, a revista trazia a conversa entre o Zé Povo e o chanceler Barão do Rio Branco, com aquele cobrando os altos investimento na compra de navios que acabariam por servir à causa rebelde, vindo a contar com a plena concordância deste. Com jocosidade, em “Cenas do bombardeio”, o periódico demonstrava que o terror fora tão intenso que até um aleijado largara as muletas, para correr durante os ataques. Na versão da folha, em “A Revolta na Câmara”, os debates no parlamento acerca da anistia aos rebeldes teriam chegado à vias de fato¹⁵.

¹⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.





IMPRESSO EM MACHINAS ROTATIVAS DE MARINONI

Anno IX | REDACÇÃO, ESCRITORIO E OFFICINAS: RUA DO OUVIDOR N. 164 E ROSARIO N. 173 | N. 429

A SANCCÃO DA AMNISTIA



A Política :—Vamos, marechal! Não reuete, não hesite em sancconar a amnistia, embora os rebeldes ainda estejam de armas na mão! É indispensavel evitar barulhos e acabar com isso de qualquer maneira, cedendo, e até fazendo presente dos navios, se for preciso!

O Burguez (aflicto) :—Sim, Sr. marechal! Tenha pena de nós! Olhe que tiro de canhão graúdo é uma desgraça!... Mesmo que os inquilinos fujam, que será das nossas pobres casas com o bombardeio? !... Pelo amor de Deus, Sr. marechal! Sanccone a amnistia!

A Patria :— Seja qual for a solução, sinto-me ferida no coração, diminuida e humilhada pela conducta de meus proprios filhos!... Que desgraça!

Ze Povo :— Tem paciencia, filha! A vida é isto: egoismos... fraquezas... falta de juizo... rebeldias... o diabo! Em tambem me sinto abatido e aniquillado com toda esta maldicta mixordia!

PROLOGO DE TRAGEDIA?

No dia 22 de Novembro recebemos uma carta, sem data, com a assinatura de João B. Marques Pimentel, sobre a rubrica — *Encouraçado Minas Geraes* — Capicava essa carta tres calungas; um casal «smart» intitulado — *A moda para 1911* — uma caricatura do saudoso Arthur Azvedo e o desenho que abaixo reproduzimos photographicamente, inclusive o original da legenda, para inteira fidelidade da reclamação feita pelo «desenhista» do navio chefe da revolta dos marinheiros.

Eis o interessantissimo documento, para o qual chamamos a preciosa attenção dos nossos leitores, bem como a necessaria paciencia para traduzir-lhe a legenda:

uma esmola

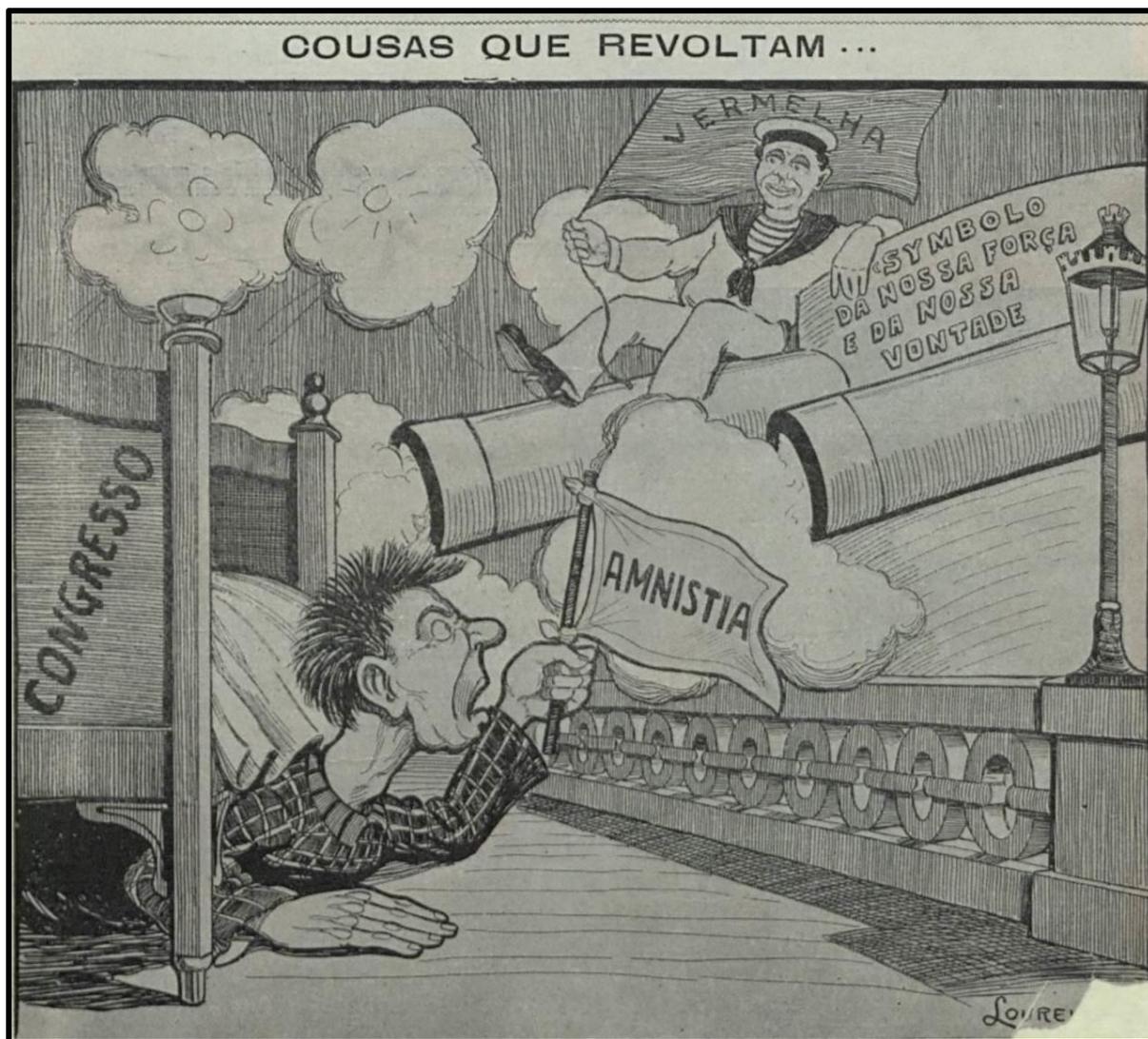


«marinha» Sr. presidente, o Sr. não teve lembrança de mim ainda?

Presidente: O que é que te passa?

«marinha» Desfazia os meus vencimentos que fui prejudicado e não fui arredado, não tem brase que a marinha é o estado da nação porém sou uma das corporações mais esquecidas.

João B. M. Pimentel
E. Minas Geraes



NAS BUCHAS DO BOMBARDEIO



Zé Povo: — Ora ahi está para que servem os *elephantes brancos* pelos quaes V. Ex. tanto morria de amores...

Barão: — Tens carradas de razão, meu caro *Zé*! Mas quem diabo podia adivinhar uma cousa d'estas?

Zé Povo: — Quem?... Os homens do governo. Pois aquillo são navios para se entregarem a uma guarnição desfalcada de mais de metade do pessoal, obrigando-se este a um trabalho duplicado? A um pessoal já descontente por outros motivos, sabidos das auctoridades da marinha?...

O resultado foi este: de lá, o ronco dos fortes canhões, em fortes couraças... De cá, em minha defeza, a «possante» cavallaria que, no dizer pitoresco de um marinheiro — «não fura *Minas Geraes*» — e o Krupp de campanha, que é «espírito de creança»!...

Barão: — Repito, *Zé*, tens carradas de razão. Mas o dever de todos nós é evitar que as cousas se azedam mais e ir preparando um futuro mais equilibrado e mais calmo...

Zé Povo: — Sim, concordo... pois se isto continúa d'esta fórma, o melhor é ficarmos sem cousa alguma, entregues á Divina Providencia... que não abusa de canhões!...

SCENAS DO BOMBARDEIO

(INSTANTANEO A LAPIS)



Um aleijado que deante do perigo largou as muletas,
gritando:

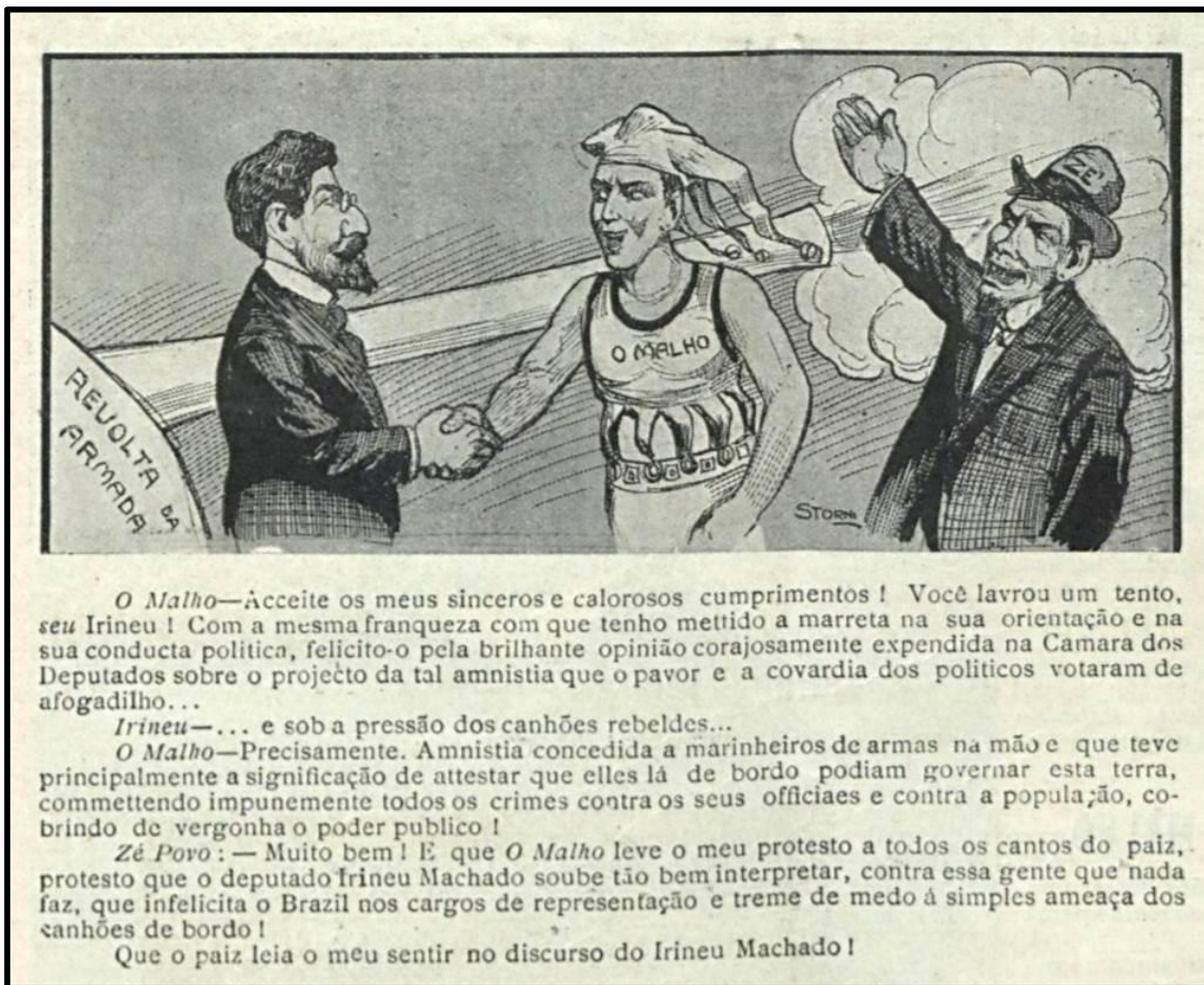
— *Pernas, para que vos quero?*

(E ninguém correu tanto e tão bem)...



Na presença do Zé Povo, o indivíduo alegórico que simbolizava o periódico cumprimentava o parlamentar Irineu Machado, com o qual tivera profundos conflitos à época da Campanha Civilista, pela sua postura contrária à concessão de “anistia a marinheiros de armas na mão”. O semanário dava ênfase a um conteúdo de violência atribuído aos revoltosos, em “Ordem e progresso!...”, com um marinheiro apontando poderosas armas de fogo contra a dama que representava a cidade do Rio de Janeiro e o Presidente da República. Em outra caricatura, denominada “Durante a Revolta”, o Zé Povo voltava a criticar os altos investimentos realizados na aquisição de belonaves e falava com o Presidente e o chanceler, reivindicando que as potências internacionais não influenciassem tanto nas ações governamentais. A censura à compra de armas e à concessão de anistia aos rebeldes voltava a figurar em “Aproveitando a maré...”, que trazia um diálogo entre Rui Barbosa e o Zé Povo. Em sentido próximo, sob o alerta do Zé Povo, em “Olho vivo”, o Presidente se negava a adquirir novos navios de guerra da Inglaterra. A coragem do político Barbosa Lima, durante os bombardeios, era colocada em xeque a partir da constatação de sua lavadeira, como revelado em “Quem tem... língua, tem medo”. Uma nova conversa entre Zé Povo e Hermes da Fonseca figurava em “Desabafando”, no qual aquele cumprimentava o Presidente pelo encaminhamento do fim da rebelião, sem deixar de ressaltar a necessidade de evitar-se a impunidade, a qual poderia abrir o precedente para novas “orgias de rebeldes”. O pânico gerado na cidade era o tema de “O bombardeamento: efeitos de um boletim imprudente”¹⁶.

¹⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.







APROVEITANDO A MARE'...

«A experiéncia do Brasil a este respeito é decisiva: ha 20 annos que todos os esforços empregados para desenvolver o apparelho da nossa defesa militar, da nossa defesa internacional, não têm servido senão para se voltar contra nós mesmos, em successivas tentativas de revolta. (*Muito bem! Apoiados.*) A guerra internacional não veio nunca; a guerra civil tem vindo muitas vezes, armada com os instrumentos entregues aos nossos defensores contra o inimigo estrangeiro. (*Muito bem! Apoiados.*)

«Desconfiemos dos grandes armamentos, aproximemo-nos da paz, por meio das boas relações com os povos vizinhos. (*Muito! Muito bem bem! Palmas.*)

(*De um discurso do Sr. Ruy Barbosa*)



Zé Poro:—Muito bem, mestre Ruy! Naquelle pedacinho do seu discurso é que está a verdadeira doutrina: nada de *flas* de grandes armamentos que não podemos nem devemos ter:

Ruy:—Obrigado pelo teu apoio e em verdade te digo que devemos aproveitar esta lição...

Zé:—Aproveitemos e... sejamos menos poltrões para outra vez... Foi uma vergonha para o Congresso votar a a amnistia para os rebeldes de armas na mão e com os canhões voltados para terra!...



UEM TEM... LINGUA, TEM MEDO

E' o bom senso que nos força a encarar a situação que a imprevidencia dos Governos anteriores ao actual nos creou. Não é fanfarronice que nos pode extraviar a ponto de pretendermos transformar-nos, numa hora tão calamitosa, em ridiculos *Quixotes* incapazes de organizar um plano de defesa efficiente, que possa jugular a revolta já triumphante, graças á somma de elementos materiaes que desgraçadamente lhe cahiu nas mãos. Assim, se é imprescindivel escolher o menor dos males, o orador está com aquelles que entendem ser a unica solução no momento, essa que será trazida á Camara por um projecto do Senado.»

(De um discurso do Sr. Barbosa Lima)



A Lavadeira :—Seu doutor, quando houver outra revolta de marínheiros, V.S. procure outra lavadeira... E' uma lastimal!

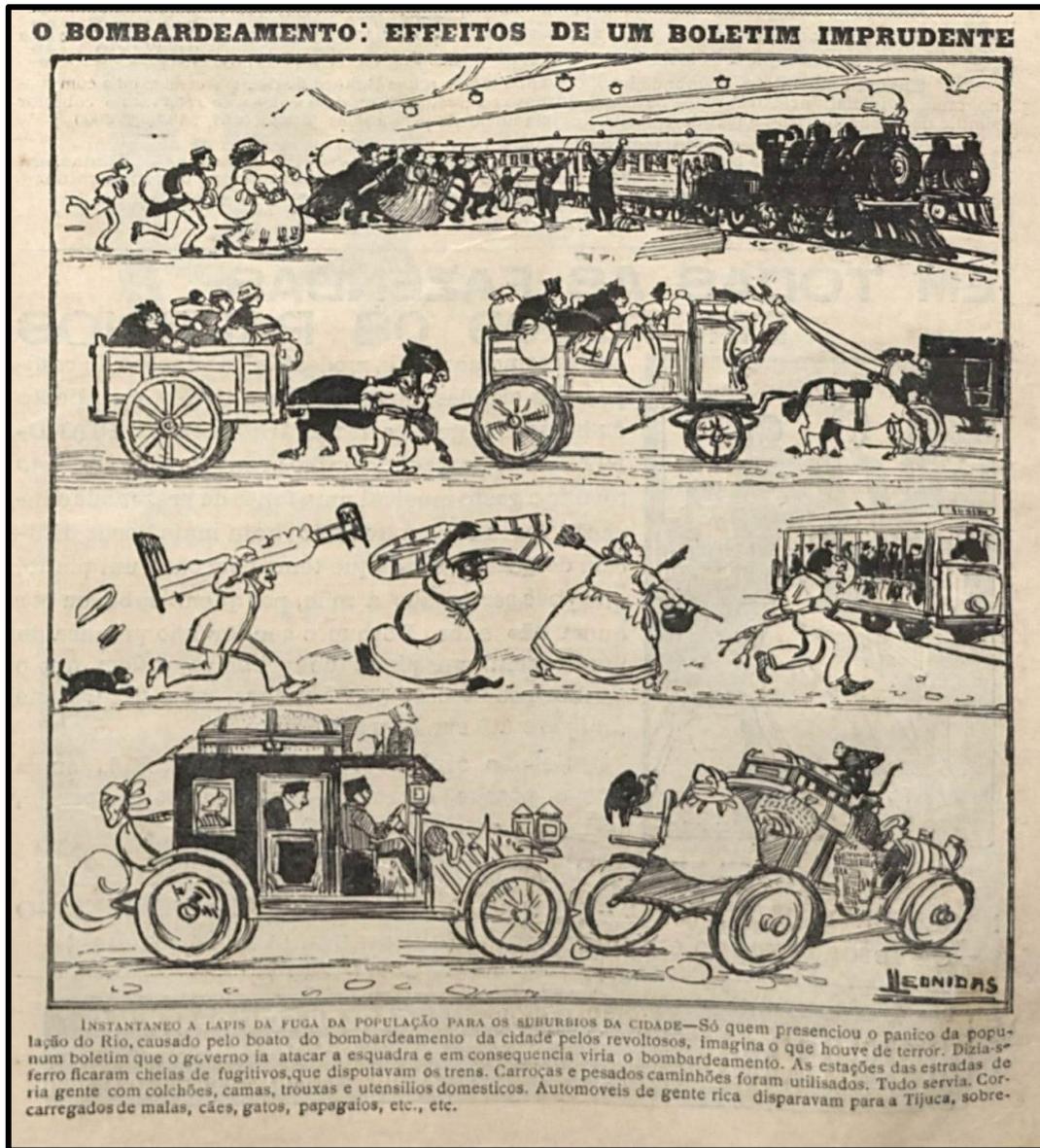
Barbosa Lima :—Que queres, «filha» ! Sou um turuna no *linguorum*, mas quando ouço tiros de canhão fico ner voso...

Zé Fovo :—Ahn !... E pôrisso tem dôr de barriga...

DESABAFANDO



Zé Povo : — Apesar dos pezares, felicito V. Ex. pelas provas de calma e firmeza, na estrêa que teve, não se precipitando e mantendo a *linha* diante dos atrevidos e colossaes canhões! *Hermes* : — Obrigado! E' o meu feitiço não morrer de caretas, mas, francamente, nunca esperei que me preparassem tal *bernarda* para sete dias depois de tomar conta do governo. Ainda se fosse no fim... *Zé* : — Já reparei nessa notavel... exquisitece e ninguem me tira da *cachola* que houve *dente de coelho* em tudo isso... Mas, coração à larga, e que o facto sirva de aviso! *Hermes* : — Como?!... *Zé* : — Sim, que o governo ouça e attenda às queixas justas, feitas por meios regulares e não queira ter navios que não pôde tripular nem custear como é preciso. Com isso evitará outras *bernardas*; e caso ellas ponham a cabeça de fóra é preciso, sobretudo, punir os culpados. A impunidade é um incentivo a novos crimes e estes, quando são da laia do que acaba de ser praticado, ferem fundo a dignidade nacional, pondo todos os poderes legaes na contingencia miseravel de se curvarem ao ronco dos canhões que eu pago do meu rico bolsinho para me defenderem a honra e a soberania—e não para essas orgias de rebeldes!



Um conjunto caricatural intitulado “Pedacinhos amargos” retratava a “semana de pesadelos e sustos” passada durante a Revolta, cujo encerramento, com os marinheiros de armas à mão e a submissão dos homens públicos, significara a “vergonha geral da nação”, vindo mais uma vez o periódico a criticar os gastos excessivos no esforço de guerra nacional, considerado como um elefante branco. A ação policial contra os jornalistas, enquanto não houvera força para lidar com os rebeldes, era censurada em “Uma do delegado desfrutável”. Até mesmo a propaganda servia de mote para a abordagem da sedição militar, caso de “Sempre o primeiro”, no qual dialogavam um marinheiro e um repórter acerca das qualidades do relógio Royal. A falta de resistência popular aos atos rebeldes foi igualmente vista com reservas por parte da folha em “Uma história... verdadeira”, que apresentava a fuga em debandada por parte da população, por ocasião das ações rebeldes. As causas da revolta eram debatidas em “Opiniões (entre cafajestes)”, revelando mais uma vez a postura do periódico acerca das reivindicações dos amotinados não terem sido o suficiente para justificar a rebelião. A política voltada ao desarmamento era retomada em nova conversa do Zé Povo com o Presidente, no desenho denominado “Ora aí está”. A respeito da utilidade da esquadra, dois indivíduos fugiam espavoridos frente ao ataque das belonaves tomadas pelos rebeldes em “A primeira vista”. Já em “Sombrinhas...”, por meio da silhueta de um soldado, a folha criticava a inação dos militares de terra no sentido de superar os rebeldes¹⁷.

¹⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

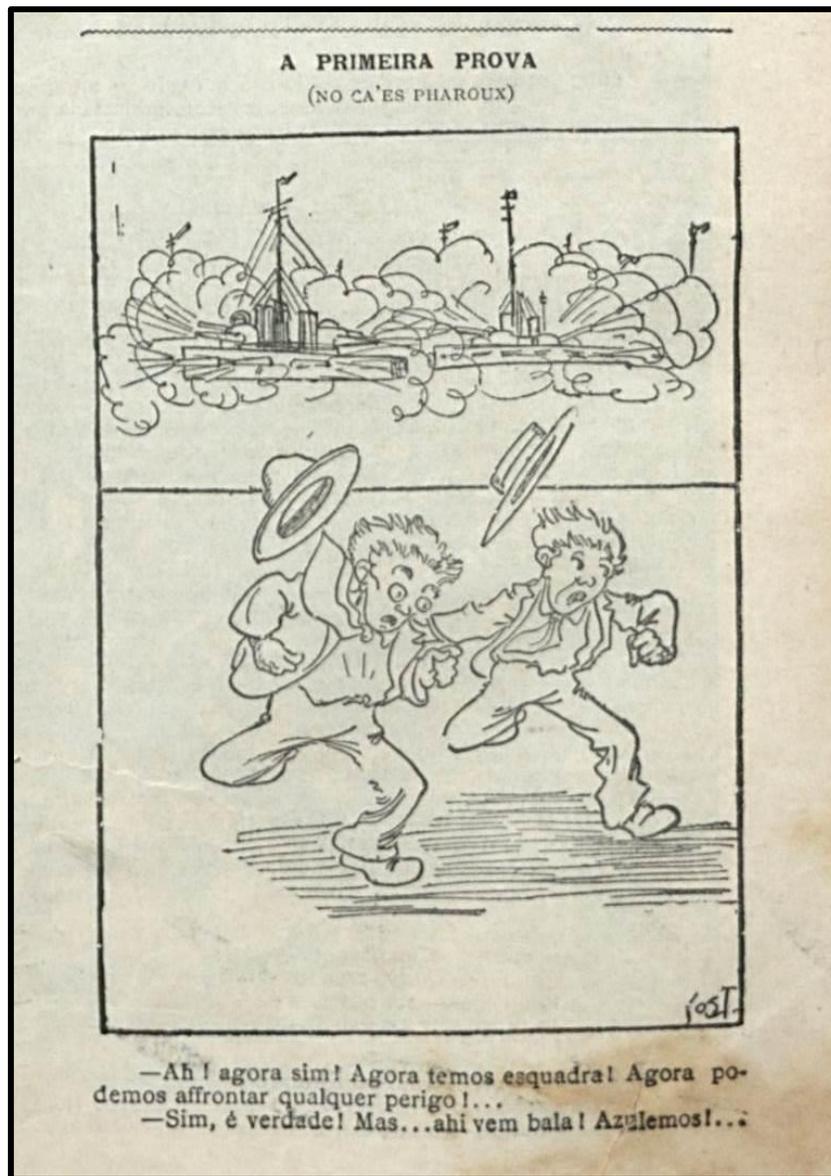












SOMBRINHAS...



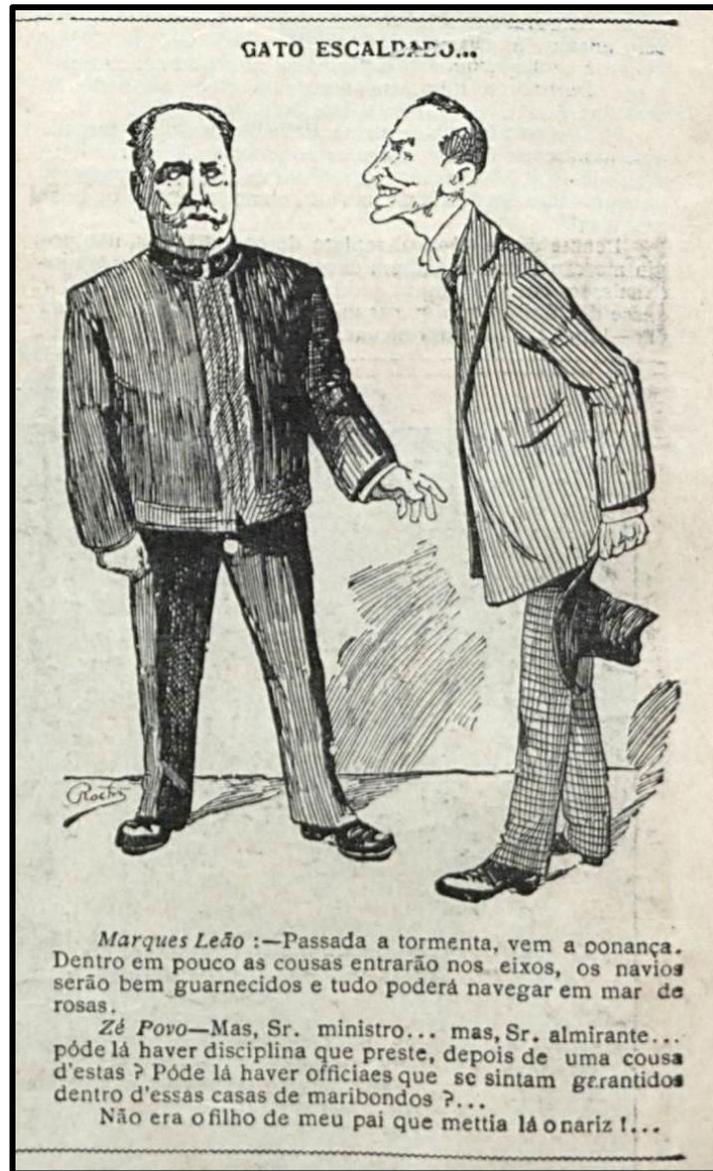
Silhueta de um soldado
à beira-mar
plantado e cumprim-
do ordens
superiores, isto é:
a ver navios...



Com ar assustadiço, em “Gato escaldado”, o Ministro da Marinha, Joaquim Marques Batista de Leão, anunciava a volta à normalidade, no que era admoestado pelo Zé Povo, segundo o qual a ruptura da disciplina poderia vir a tornar-se um mal insuperável. A visita de dois interioranos à Capital Federal, bem à época da Revolta, com os “Roceiros na metrópole da República”, trazia o arrependimento dos mesmos por empreender tal viagem em momento tão delicado e perigoso. O olhar censório quanto a uma suposta falta de justiça nas reivindicações dos rebeldes era expresso em “Futuras ‘reclamações’”, que trazia um servidor público reclamando das suas condições de trabalho, ao que seu interlocutor receitava uma solução rápida para tal problema, sendo necessário apenas arranjar “um João Cândido e um *Minas Gerais*”. A associação entre a política e a Revolta constituía o conteúdo de “*Mot de la fin*”¹⁸. Sentado no degrau de sua casa, com as limitações socioeconômicas que sofria, o Zé Povo refletia sobre os tantos males que atingiam a nação brasileira, elencando dentre eles a “grossa bernarda”, em alusão ao movimento rebelde. Inconformado com aquilo que considerara como uma ruptura hierárquica e disciplinar, o periódico mostrava as “Atualidades da Marinha”, na qual o oficial batia continência para o marinheiro. Já em “Revoltas da esquadra”, o semanário demonstrava mais uma vez sua profunda inconformidade para com o excessivo armamentismo no Brasil. Frente à indecisão dos políticos – travestidos de militares – para promoverem “A Revolta do Câmbio”, o Zé Povo ameaçava trazer os marinheiros e João Cândido para apressar as coisas¹⁹.

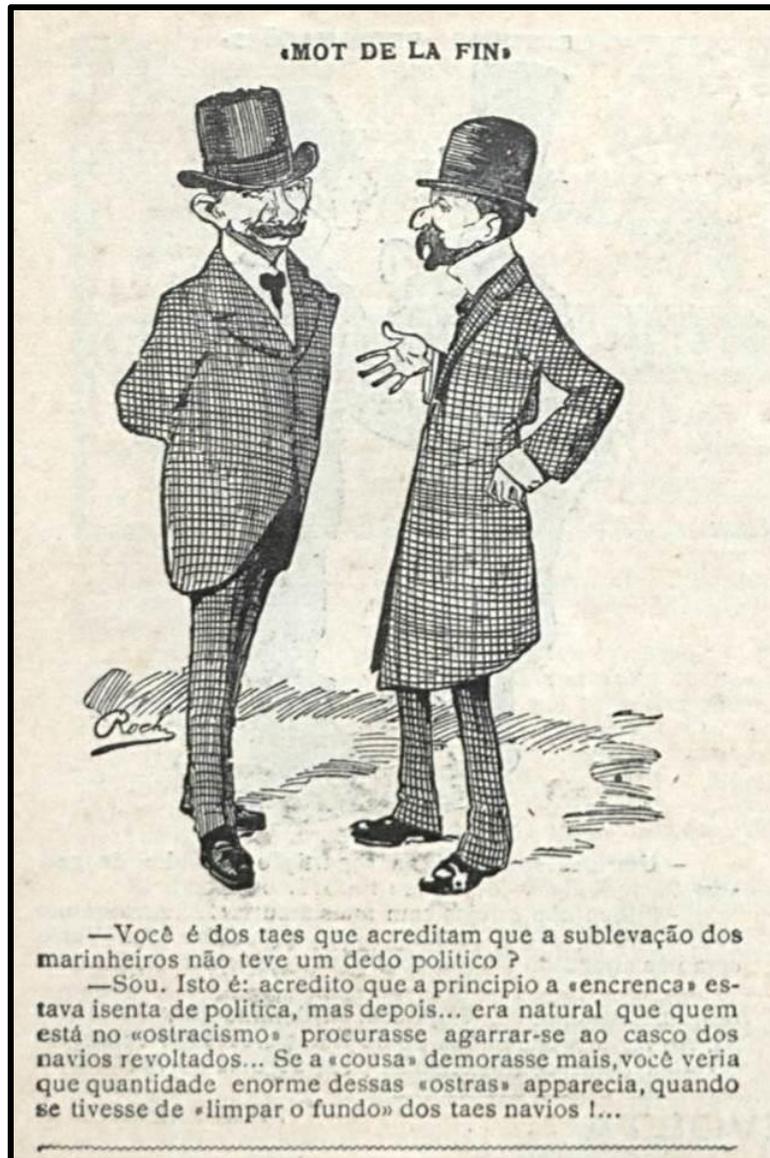
¹⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

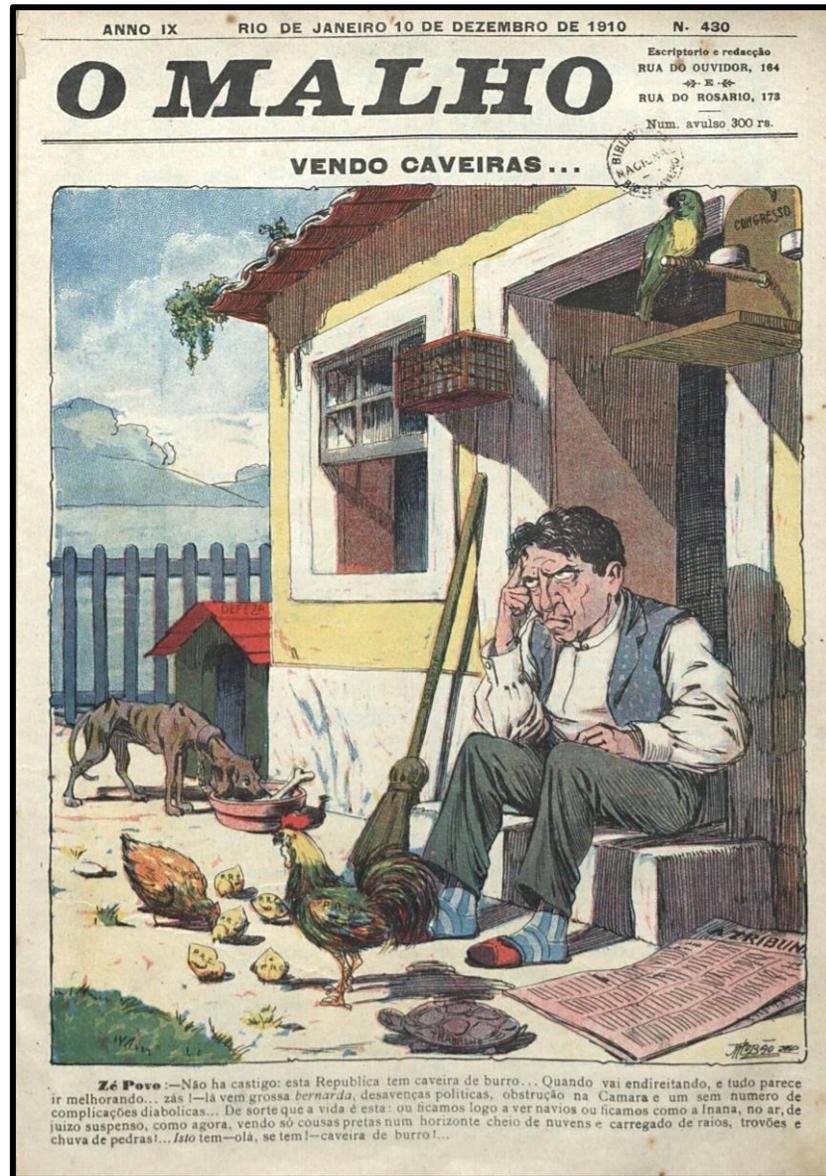
¹⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.



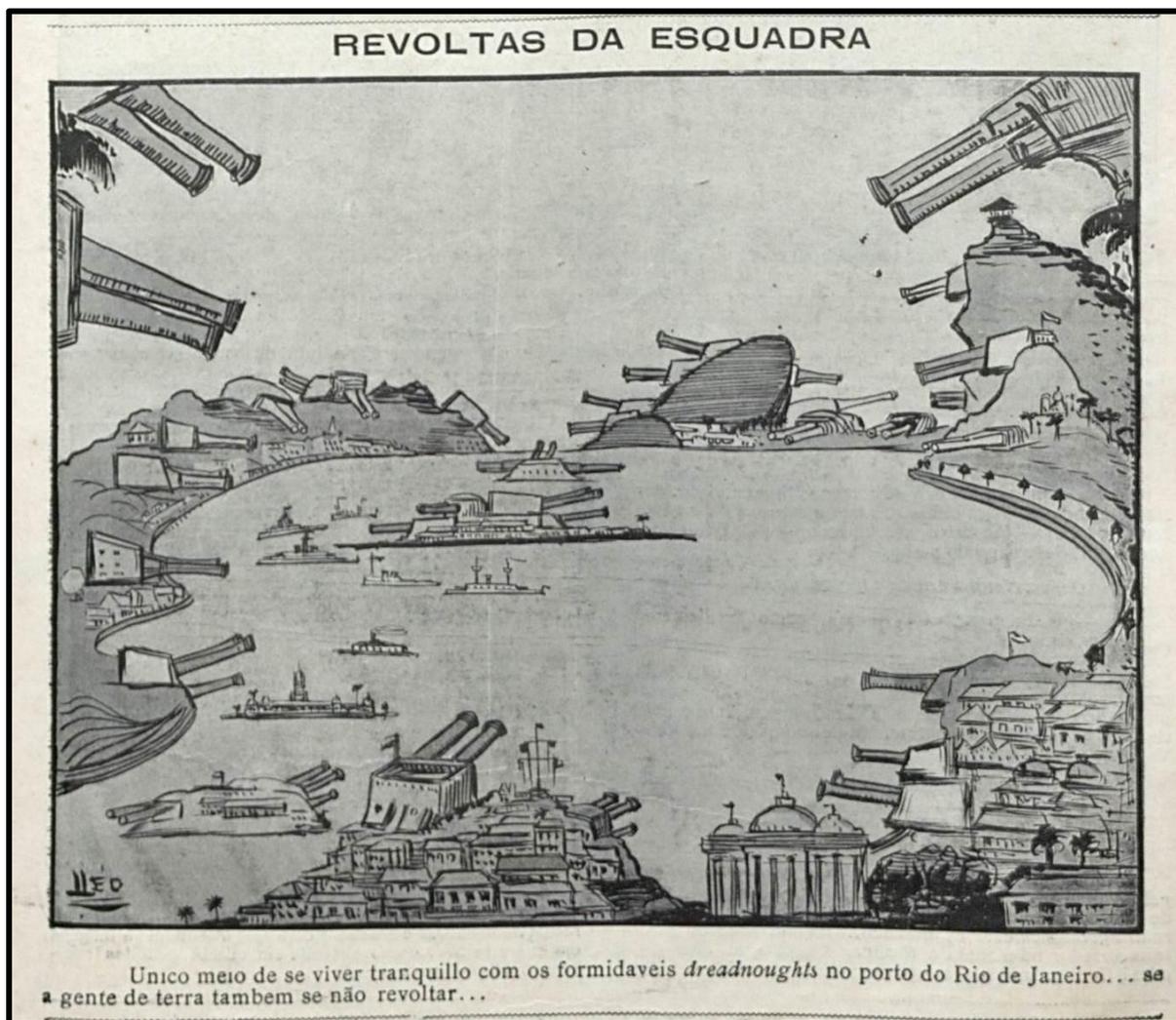








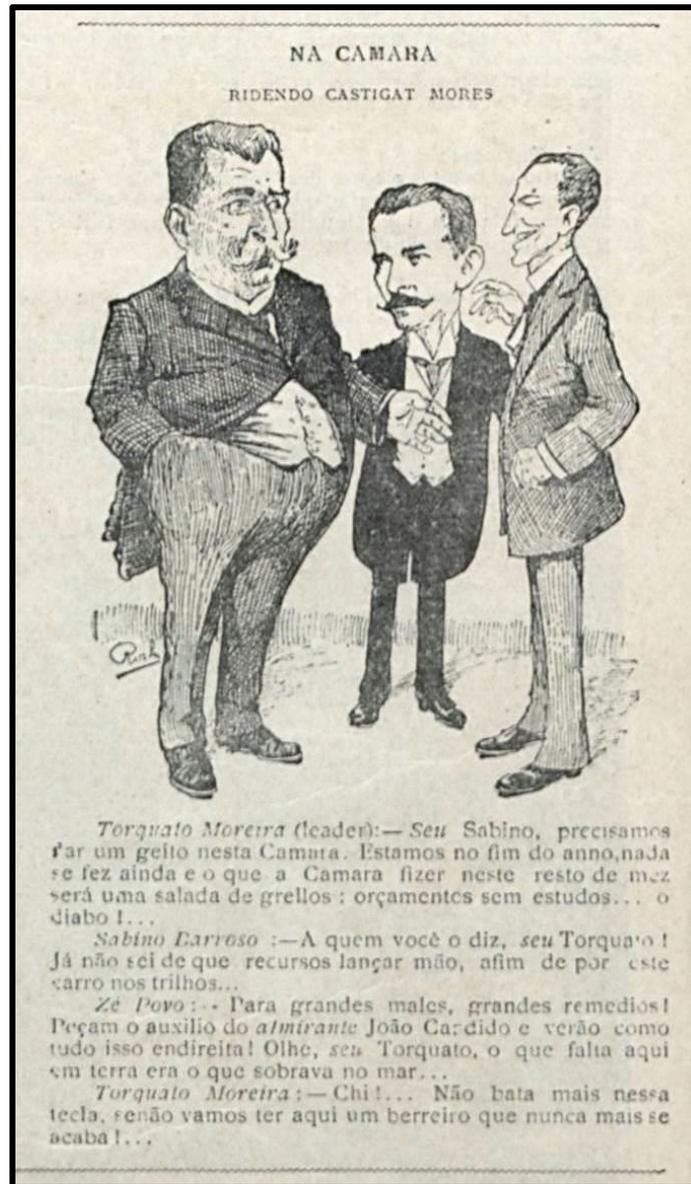




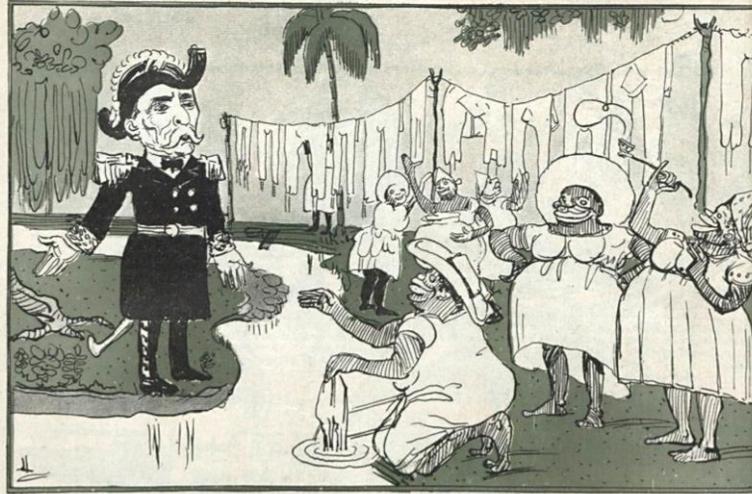


Em meio à certa inatividade na Câmara dos Deputados, na presença de dois parlamentares, o Zé Povo, sarcástico e irônico, propunha que eles pedissem “o auxílio do *almirante* João Cândido” para que as coisas se endireitassem. Em “Ainda a Revolta: manifestação de apreço”, o almirante Carvalho recebia homenagem das lavadeiras por ter-lhes poupado muito trabalho, ao contribuir com o fim da rebelião. A publicidade mais uma vez lançou mão do episódio da Revolta para propagandear o piano Ritter, que teria sido utilizado para acalmar os rebeldes. Um soldado e um marinheiro dialogavam em “Ainda uma encrenca – uma razão”, acerca dos motivos para a sedição, sendo esclarecido por este que os rebeldes teriam condições de conduzir os “elefantes brancos”, em referência aos navios de guerra adquiridos pelo Brasil. Na caricatura denominada “Simbólico”, a folha revelava mais uma vez sua postura censória acerca do movimento rebelde, apresentando um marinheiro sentado em um canhão que representaria uma “nuvem negra”, que estaria a toldar os céus do país, em alusão à bandeira brasileira e à nacionalidade. A dama republicana aparecia em “Ecos da Revolta”, para servir como um anteparo às pretensões dos rebeldes. Em “John Bull acerta sempre”, o representante do imperialismo britânico conversava com um conterrâneo acerca das vantagens que obteriam a partir das dificuldades cambiais brasileiras, que teriam sido ainda mais prejudicadas com Revolta dos Marinheiros. A questão da anistia aos rebeldes era mais uma vez debatida entre Hermes da Fonseca e Zé Povo, no desenho “Cataplasma emoliente”, havendo a conclusão de que tal ato constituía um mal menor²⁰.

²⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.



AINDA A REVOLTA: MANIFESTAÇÃO DE APREÇO



As lavadeiras : — Viva seu Zé Carlos de Carvalho ! Viva o nosso grande home ! Viva o nosso bom protectô ! Vivóóó!!!...
Zé Carlos : — Ora, essa ! Mas por que tanto entusiasmo... tanto reconhecimento ?...
As lavadeiras : — Ah ! seu almirante ! Se V. S. sobressea quanto trabalho nos poupos, acabando com a tá revoria dos marinheiro!...
Viva o nosso grande protectô !... Vivóóó!!!...

AINDA OS MARINHEIROS



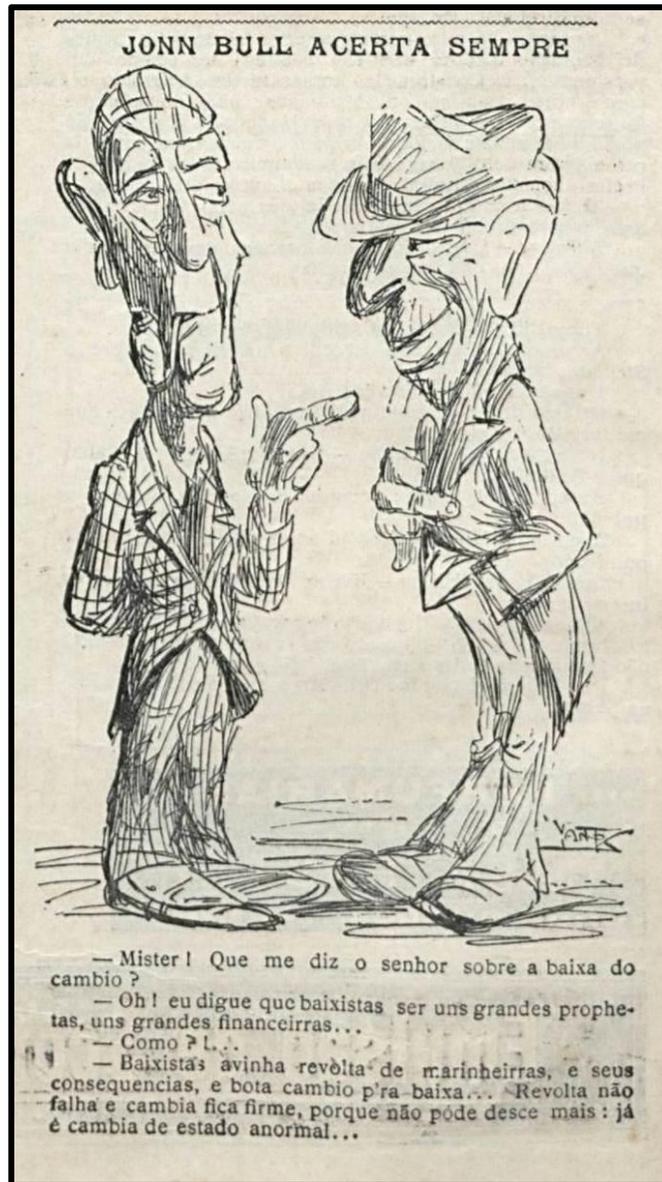
— E sabes a razão porque os marujos cederam tão depressa ?...
— Francamente, não.
— Foi o seguinte: Quando o emissario dos politicos foi a bordo, encontrou lá uns miseros phonographos, e então, inspirado, mettu aos marinheiros um soberbo piano *Ritter*, com a pianola *Rex*, que pôde ser tocada mesmo por quem não sabe musica...
— Percebo agora. Foi um plano maravilhoso !

Obtém-se os pianos **RITTER** nos Clubs de Cass Standard — A. Campos, rua do Ouvidor 106, antigo 73; Rio — Filial em S. Paulo Praça An. Prado, n. 22, e agencias em todo o Brazil. Prestações semanaes de 1\$000, com sortio e outras condições ainda mais favoraveis á posse immediata do **RITTER** da pianola **REX**.





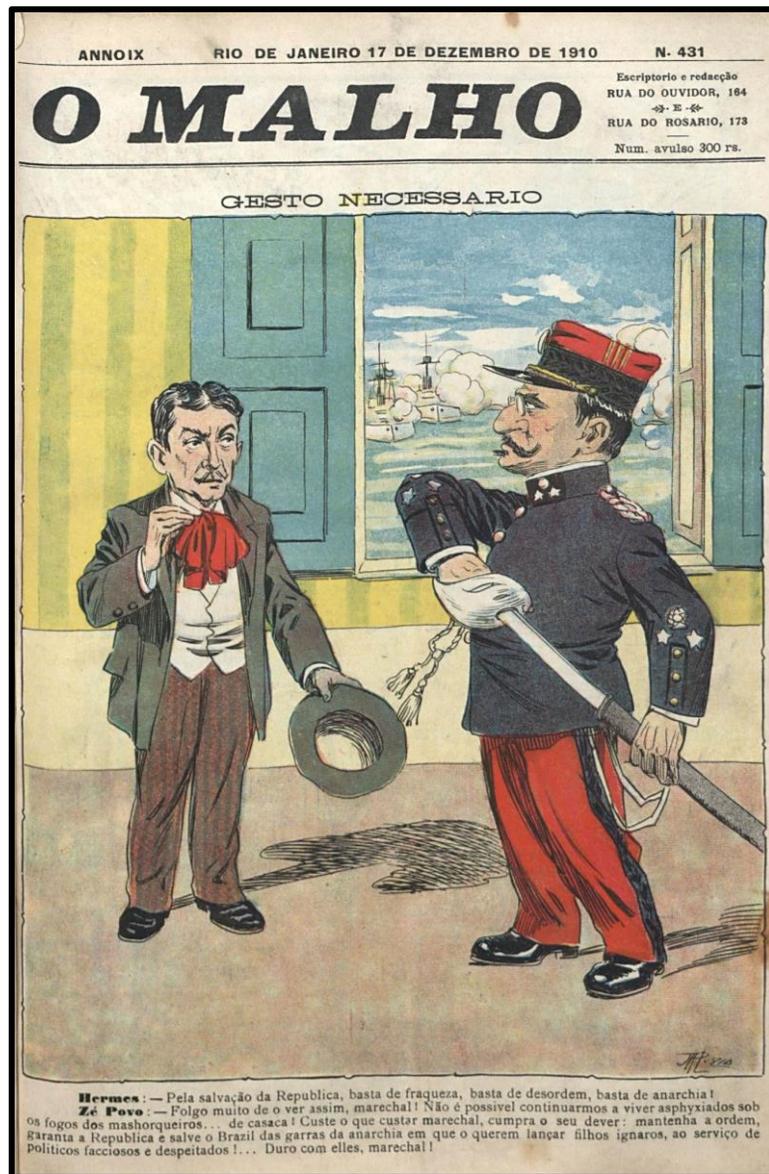






Um “Gesto necessário” trazia o protagonismo do Presidente Hermes da Fonseca exclamando que daria um ponto final na “desordem” e na “anarquia”, vindo a contar com o aplauso do Zé Povo, que pregava a manutenção da ordem e a salvação do país “das garras da anarquia”, referindo-se tanto aos “políticos facciosos e despeitados”, quanto aos amotinados da Marinha, como demonstravam as belonaves presentes no horizonte vislumbrado por meio da janela. Tal perspectiva era confirmada em gravura suplementar intitulada “Pela ordem, contra a anarquia”, na qual Hermes da Fonseca aparecia impávido, a dominar sob seus pés a serpente da revolta, protegendo a mulher-república para entusiasmo do Zé Povo e da figura alegórica que representava *O Malho*. Estes mesmos personagens, em “O acordo legislativo”, voltavam a elogiar as atitudes presidenciais, que teriam obtido vitórias “sobre a Revolta da Ilha das Cobras” e sobre “políticos traiçoeiros” da Câmara dos Deputados. A representação do povo brasileiro aparecia ainda como o “Zé Sentencioso”, que criticava os políticos que haviam promovido a Campanha Civilista, acusando-os de terem aberto o caminho para a agitação do país, que culminara nos atos revoltosos na Marinha. Tratando a circunstância agitada por um prisma chistoso, em “Pior a emenda que o soneto... (ecos da Segunda Revolta)”, o hebdomadário mostrava um cidadão que adotar uma espécie de armadura como vestimenta, referindo-se à mesma como um “aparelho de segurança contra as granadas”. Em mais uma conversa entre a figura que representava *O Malho* e o Zé Povo, a conclusão era a de que “o remédio contra” a “*moléstia*” das revoltas era a repressão²¹.

²¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.





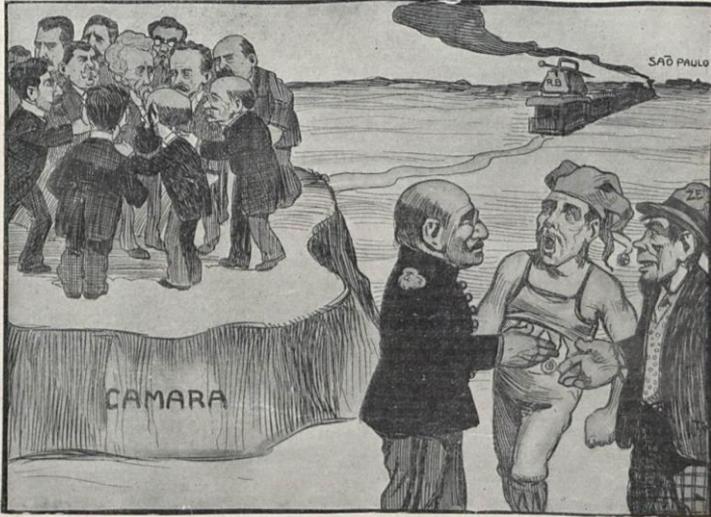


IMPRESSO EM MACHINAS ROTATIVAS DE MARINONI

Anno IX REDACÇÃO, ESCRITORIO E OFFICINAS: N. 431
RUA DO OUVIDOR N. 164 E ROSARIO N. 173

O ACCORDO LEGISLATIVO

De ha muito se arrasta a Camara dos Deputados em uma esterilidade criminosa, pelo procedimento faccioso e revolucionario da opposição, que, no firme proposito de agitar e incendescer os espiritos, fez da casa da representação nacional o foco de mais impudica anarchia, de onde se irradiasse a revolução para todas as camadas da sociedade. Era ahi que explodiam os odios e as paixões e se animavam as sublevações contra o poder publico e a autoridade.
(Editorial de A Tribuna, 11. 11)



Zé Povo — Bravos, marechal! Meus parabens pela victoria do dia 10, sobre a revolta da Ilha das Cobras!
O Malho — E pela do dia 12, sobre a Camara dos deputados! Eu digo como o paiz, com P grande e P pequeno: "Por tras dos Plátas havia polvos politicos procurando nos seus tentaculos traiçoeiros constringer e invalidar a auctoridade constitucional". Por isso, quando vi a maioria da Camara forçar a minoria a pedir a misericordia de um accordo, para se votar o estado de sitio e os orçamentos, eu exclamei: — Oh! ferro! Quantas revoltas se teriam evitado, se desde o principio da legislatura a maioria tivesse mostrado a minoria com quantos paus se faz uma canoa?...
Hermes — E' exacto! Acordaram tarde, mas emfim sempre accordaram!...

ZE' SENTENCIOSO



Ze Povo : — E que me dizem dos fructos
pela qual os senhores tantos cartuchos queimaram,
hein ?

Ruy : — Em verdade te digo, Zé, que... que... que...

Barbosa Lima : — Que... que foi o diabo, Zé!

Zé Povo : — Boa desculpa... Falta só accrescentar:
Quem cospe para o ar, arrisca-se a que lhe caia o cuspo na
cara...



A «RECEITA»



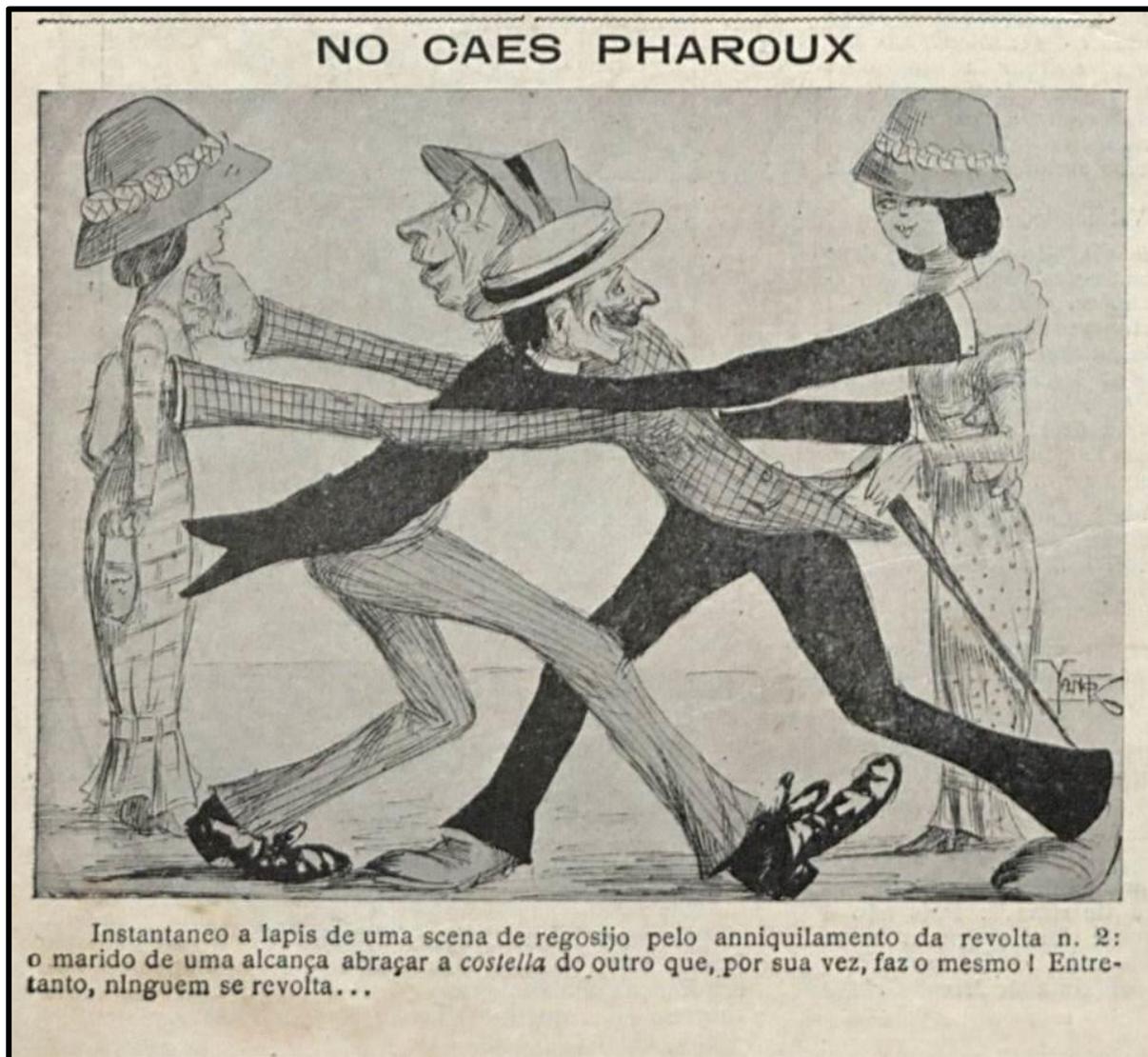
Zé:—Gostei da sua attitude
como sempre, é que tinha razão. E a prova foi a segunda
revolta... Você,

Malho:—Exactamente; por que o remedio contra essa
molestia era e é uma *infusão* de pau, feita por mão de
mestre...

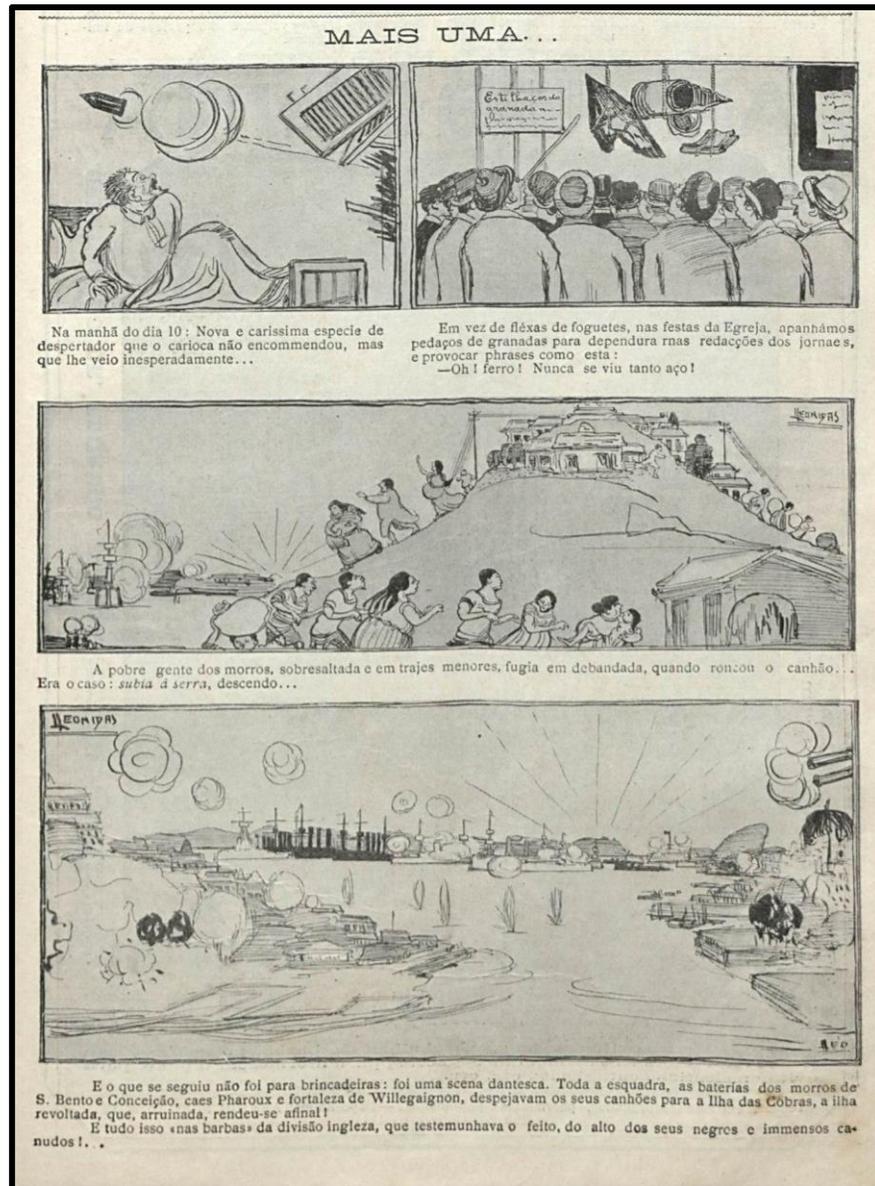
Zé:—P-a-pa-Santa Justa! E é preciso que o *boticario*
avie já a *receita*, senão estamos fritos!...

A partir da jocosidade, mostrando um confuso encontro entre dois casais, a folha expressava o “regozijo” da população “pelo aniquilamento da revolta”. O pânico despertado pelo reascender da rebeldia foi retratado pelo periódico em “Mais uma...”. O conjunto de caricaturas intitulado “Para grandes males, grandes remédios” mostrava a retomada da “bernarda” que agitava o Rio de Janeiro, considerada como uma pesada cruz carregada pelo Presidente da República, que fora recém-empossado, vindo a deturpar lema da bandeira brasileira, mas, ao final, a espada e o tacão da bota governamental teriam obtido a vitória, esmagando a “anarquia”. “Porta da rua, serventia da casa” apresentava a demissão de dois marinheiros, considerados como “*negregada* gente que pretendeu sujar o nome glorioso da Marinha”. O choque da sedição no cotidiano popular era mais uma vez demonstrado em “Queixas do povo”, em que uma lavadeira constatava o incremento de serviço a partir dos combates. O apoio à repressão governamental foi mais uma vez manifesto em “Descoberta de um novo antídoto”, que levava em conta a denominação do local onde estourara a rebelião para caracterizar os rebeldes como cobras traiçoeiras, que foram eliminados pelo canhão contendo “soro antiofídico”. O impacto do motim junto à imprensa era traduzido em “Carapuças da revolta”, no qual dois indivíduos discutiam sobre os gastos excessivos na compra de jornais para saber notícias sobre os acontecimentos. As ações dos parlamentares na Câmara dos Deputados era comparada à rebelião na Marinha, com a sugestão do Zé Povo ao Presidente que, também nesse ambiente, se utilizasse de pulso firme²².

²² O MALHO. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.



A REVOLTA DOS MARINHEIROS EM 1910 NAS PÁGINAS DAS REVISTAS O MALHO E CARETA





1) No sabbado passado tivemos uma *réprise* de revolta, que aliás não foi nenhuma *surprise*. Ao almirante J. Candido, quiz fazer *pendant* o *generalissimo* Piaba, que se houve porém muito desastradamente



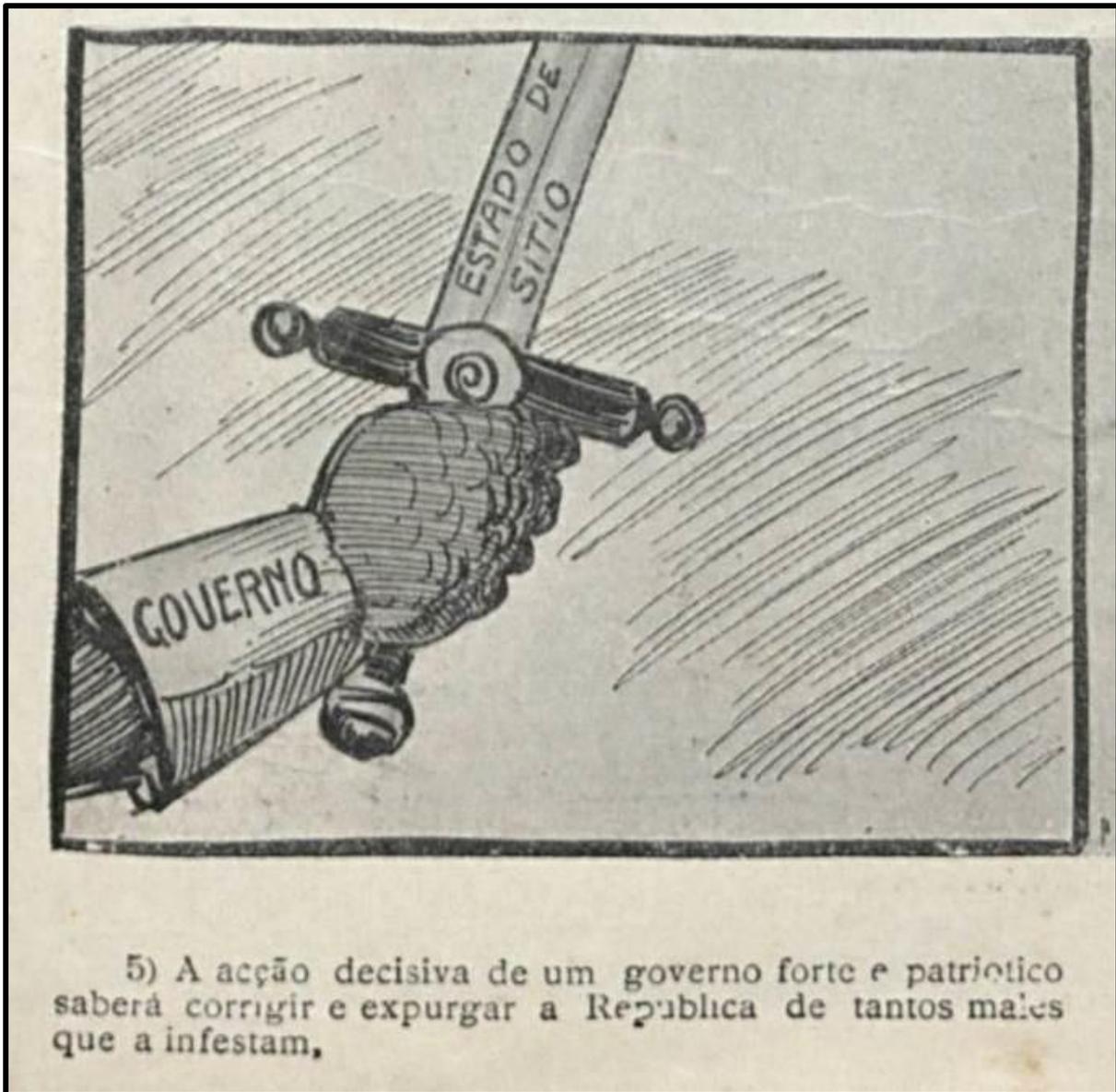
2) A «Bernarda» estourou grossa e retumbante, espalhando por toda a parte o terror e a morte.

Era como uma voz lugubre e sinistra, a proclamar alto e bom som o triumpho da indisciplina...



3) Estava reservada ao marechal Hermes esta via dolorosa, como que a incitá-lo a que reagisse energeticamente contra esse estado de anarchia, que os seus antecessores já haviam mais ou menos provado.

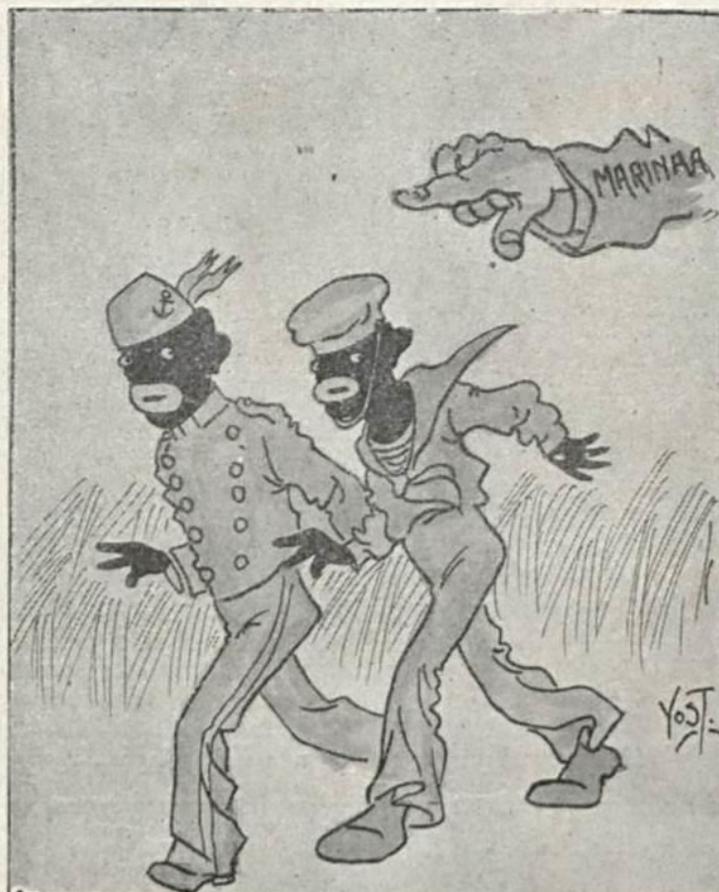




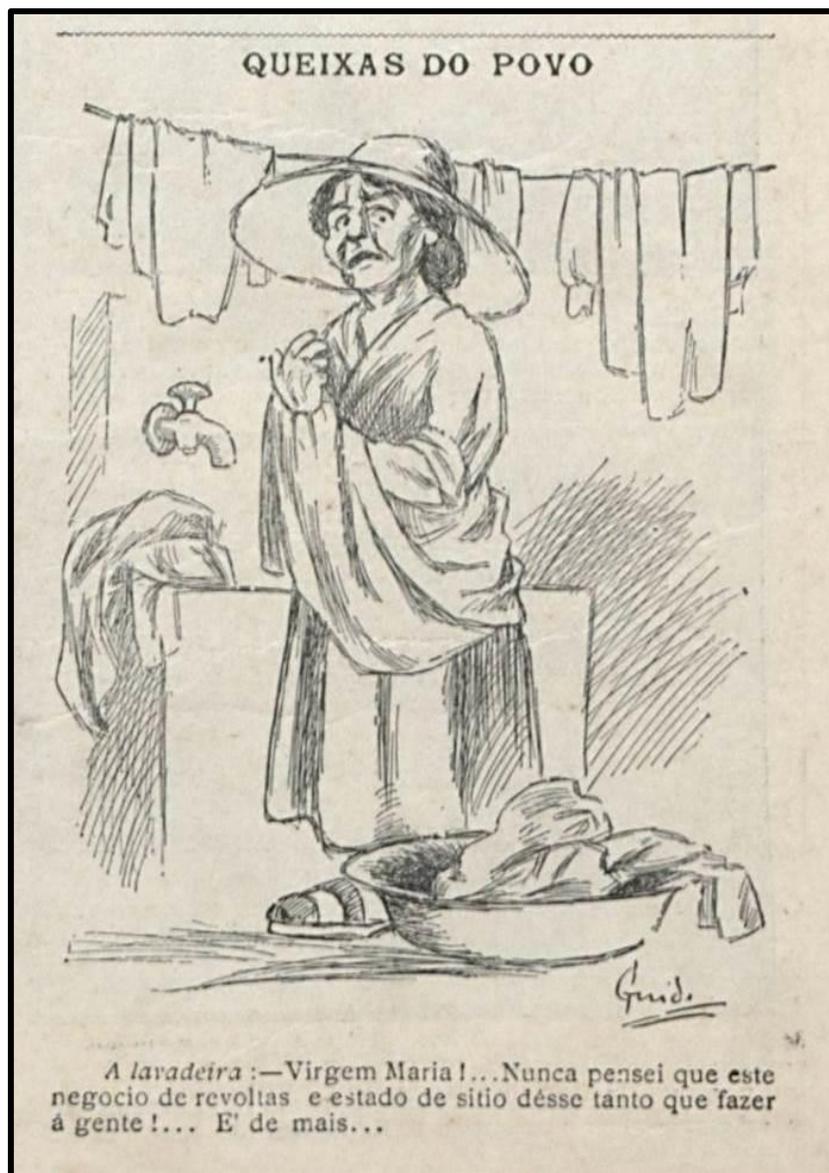
5) A acção decisiva de um governo forte e patriótico
saberá corrigir e expurgar a República de tantos males
que a infestam,



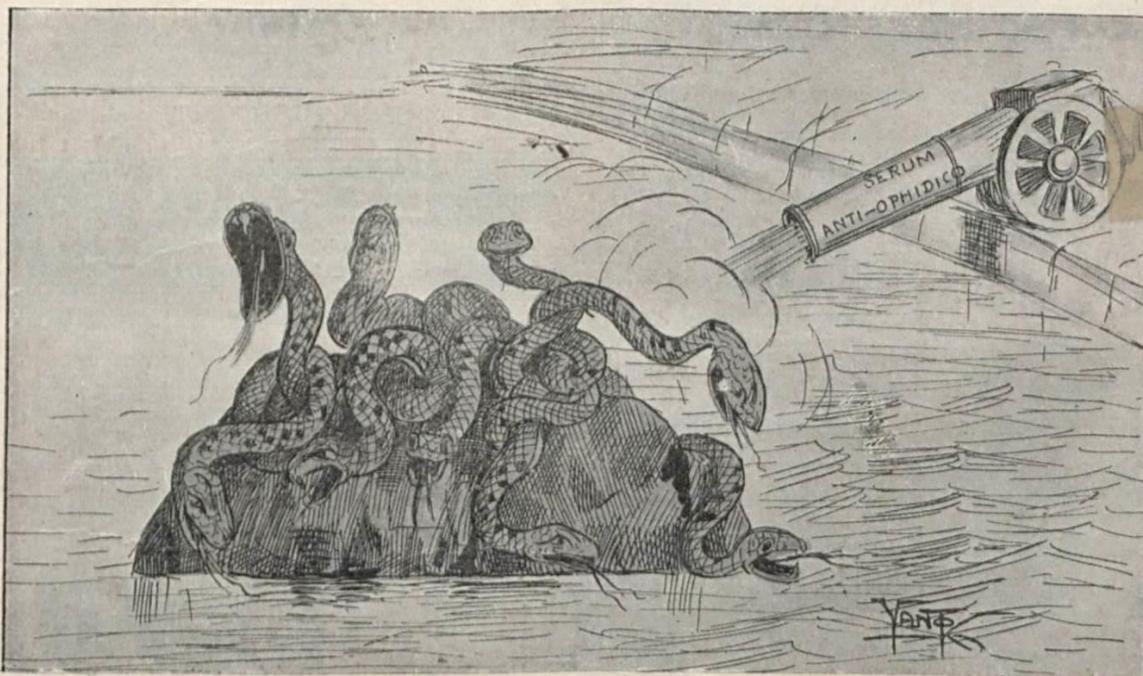
PORTA DA RUA SERVENTIA DA CASA



Contra essa *negregada* gente que pretendeu sujar o nome glorioso da nossa marinha, servindo-se contra a nação das armas que a nação lhe confiou, — eis o gesto que em boa hora se impoz: — Olho da rua !



DESCOBERTA DE UM NOVO ANTIDOTO



Quem diria que, de um dia para o outro, a Ilha das Cobras justificaria plenamente o nome que lhe deram ?
Felizmente, descobriu-se logo o...contra-veneno!...



NO CONVEZ DA CAMARA...

(A soluçõ do dia 12)



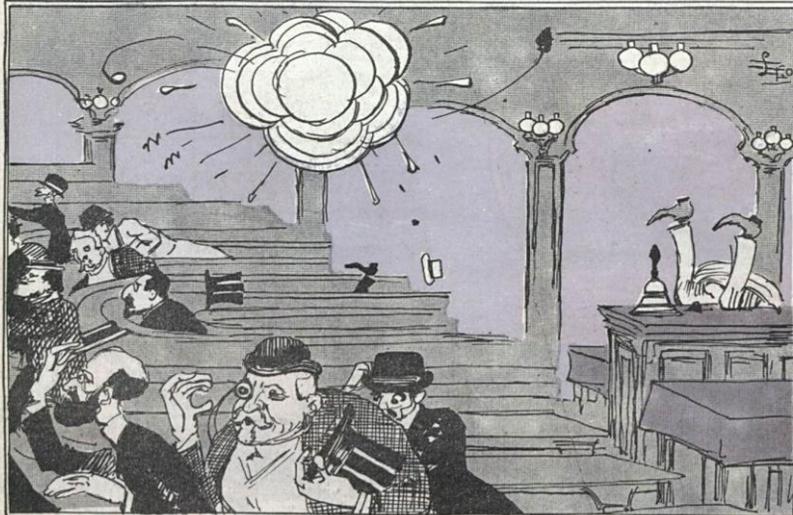
Irineu : — Sem caras de macacos, fiquem firmes ! Ou o governo entra em accordo commigo, ou tudo leva o diabo ! E coitado d'aquelle que sahir da fôrma !...
Maloria : — Capitão manda, marinheiro faz...
Maloria : — Pois nós não fazemos !
Irineu : — Hein ? Que é lá isso ? Reptam !
Maloria (*firma, em siro*) : — Sua senhoria retire-se. Nós estamos revoltados ! E de duas uma : ou não fazemos nada e vamos embora, ou fazemos tudo o que é preciso fazer, a começar pelo estado de sítio !
Zé Povo : — Bravos ! Muito bem ! Até que emfim chegou o dia da maloria se revoltar contra a chibata do João Candido parlamentar !... E agora é pegar-lhe com um trapo quente, e, *aíh, lá preta* — votar orçamentos e tudo ! Se a maloria tivesse feito isso, desde o começo, nada do que tem acontecido se teria dado ! Mas... antes tarde que nunca !
Irineu : — Bem ; á vista d'isso, vou tambem formar ao lado de vocês... Commigo ninguem brinca !...

A interrupção dos trabalhos parlamentares e as dúvidas quanto a um novo lugar para reunir-se apareceram humoradamente em “Na Câmara: o efeito de uma granada”. Outra matéria publicitária aparecia em “Bom como ouro!!”, que mostrava o cronometro Royal, de tanta qualidade, que salvara seu proprietário ao ser atingido por uma granada. Os efeitos da Revolta observados pelo prisma de um oficial da Marinha eram observados em “A lição da experiência: os últimos fatos”, verificando a crise que se avizinhara, mas que fora contornada com a vitória sobre “a anarquia”. O semanário criticava acidamente a exaltação que jornalistas, oradores e literatos haviam dedicado à figura de João Cândido, referindo-se às “Consequências do sentimentalismo”, ao apontar ironicamente que os mesmos, ao transformarem o marinheiro em *“herói”*, teriam transformado “o assassinato e a indisciplina em virtudes raras”, ocasionando, inclusive, a retomada da rebelião. Levando em conta a continuidade das dificuldades em torno da aprovação das questões orçamentárias no Congresso, em “Uma ideia mãe!”, a publicação sugeria que o governo repetisse a atitude dos rebeldes, ameaçando os políticos, de modo que os parlamentares, representados como falantes papagaios, se viam coagidos, propondo-se a votar apressadamente o orçamento. Na conversa entre um paisano e um oficial, era reforçada a ideia de que só a repressão serviria para eliminar um “movimento alarmante de indisciplina”, que estariam afetando os marinheiros²³.

²³ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.

NA CAMARA: O EFEITO DE UMA GRANADA

No dia to, quando ia mais access a discussão na Camara dos Deputados, rebentou uma Granada no recinto. Grande confusão. Um deputado propoz o encerramento da sessão. O presidente accedeu, indicando o edificio do Senado, para continuação dos trabalhos. Os deputados retiraram-se precipitadamente, espavoridos, sem ouvirem a indicação do novo local e trocando até os chapéus... (*Dos jornales*).

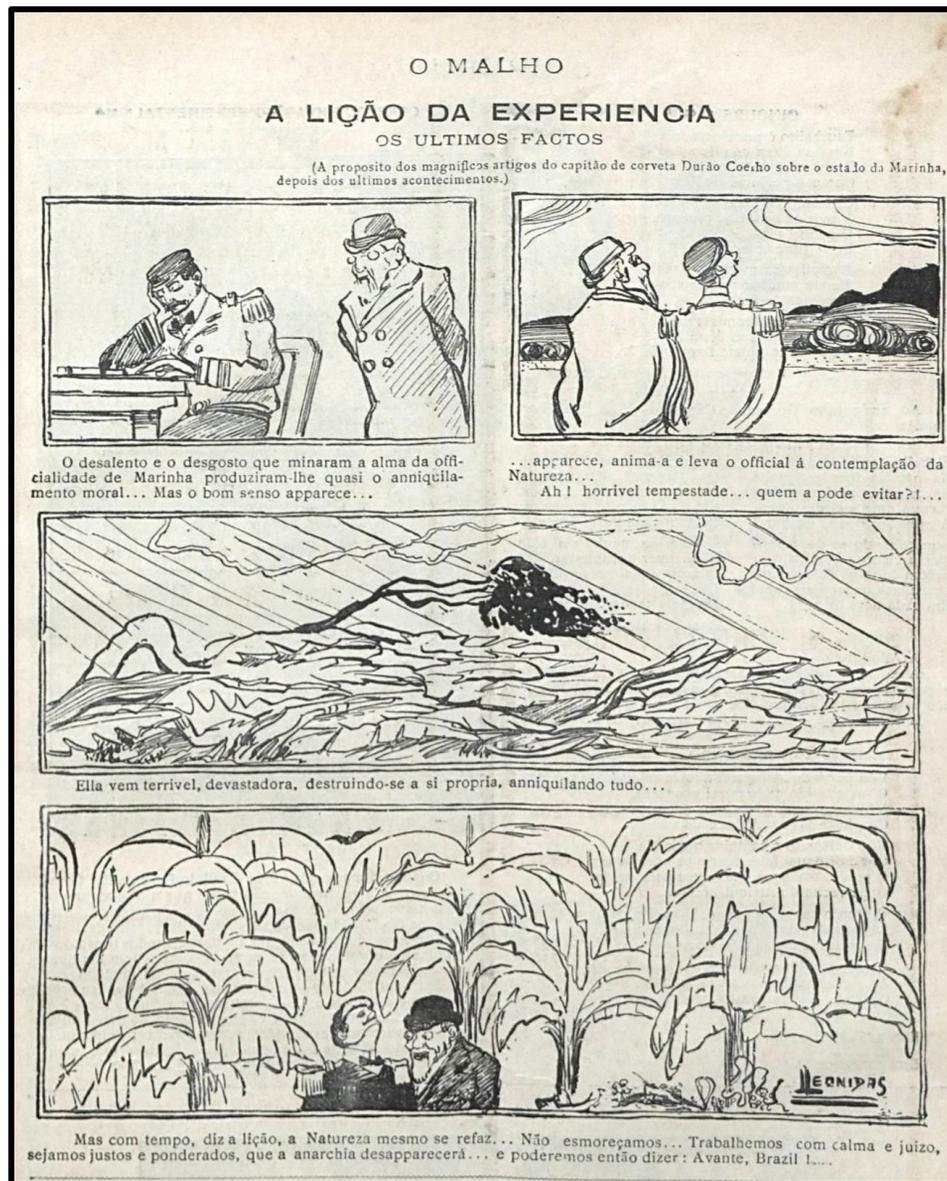


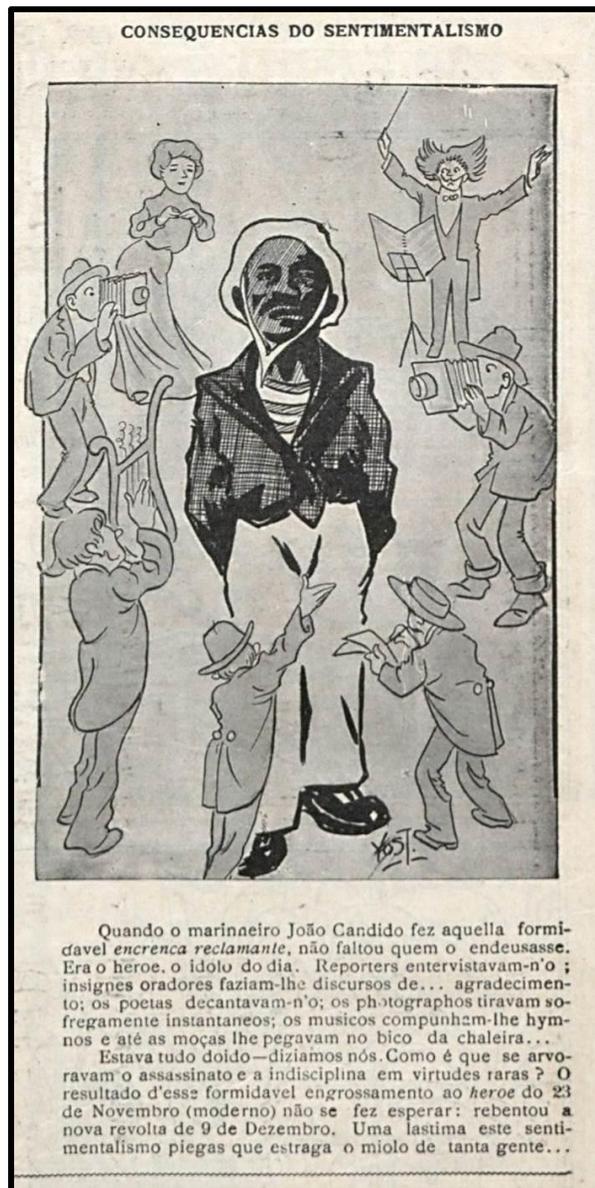
Vozes dos deputados em fuga: —Onde é que nos vamos reunir?—Sei lá! No inferno...—Qual! E' melhor no Jardim Zoologico!—Sim, ou na caixa d'agua de Macacos! **Leão Yeloso:** —Nunca! Antes no Palace Theatre, no *High-Life* ou em qualquer ninho semelhante! O que importa é sair d'aqui! Bala não é pai nem mãe de ninguém!...

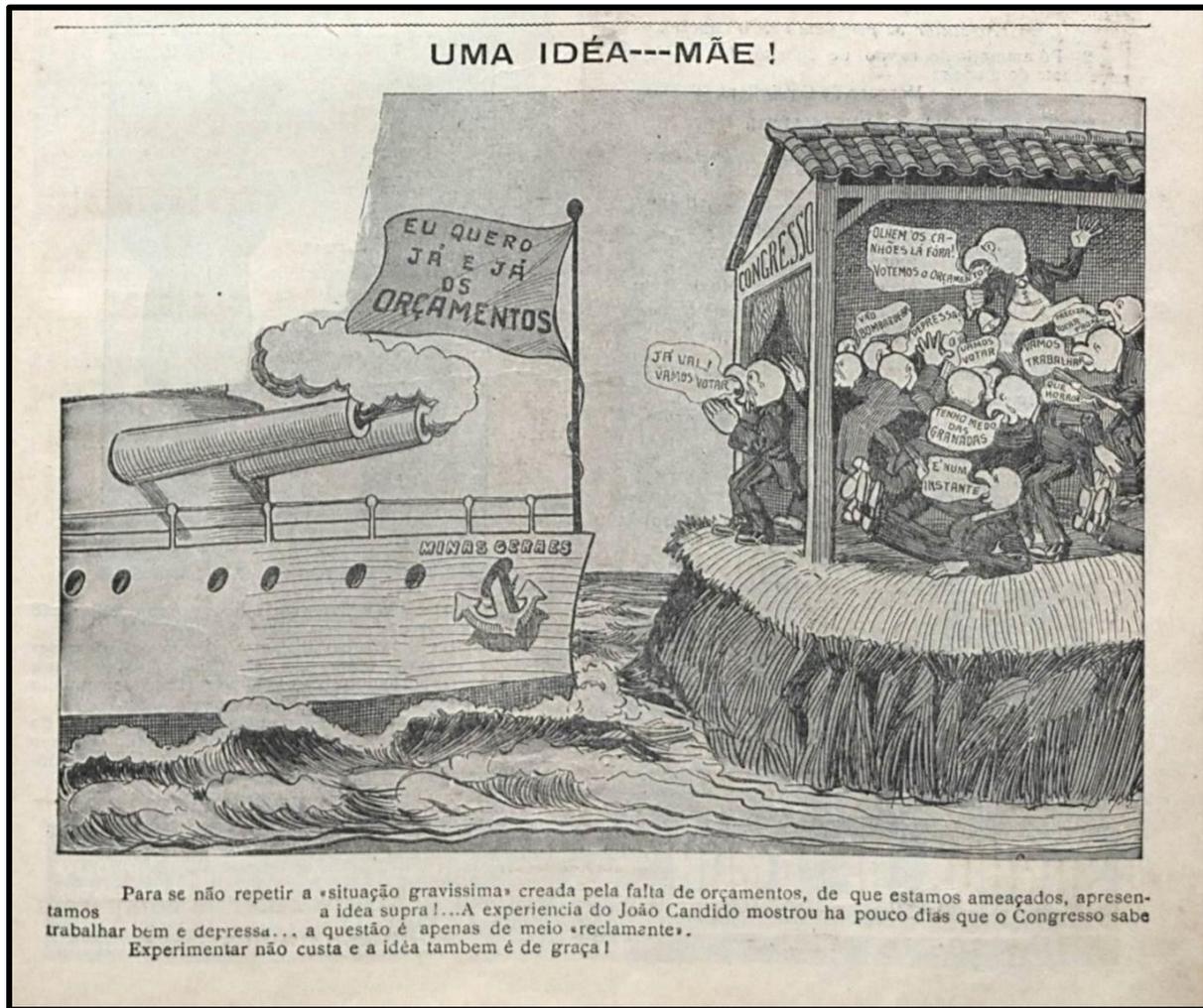
BOM COMO OURO!!



— Vês este rombo?... Foi uma granada! Felizmente possuo o excellente chronometro Royal, que me livrou da espiga... E o engraçado é que ainda pude ver a hora exacta do accidente, porque o relógio resistiu ao balazio!!!







? «VERSUS»?



Pisano :—Mas houve ou não houve outra sublevação de marinheiros ?

Official :—Perdão, cavalheiro! A pergunta não deve ser essa ; a pergunta deve ser: Houve ou não houve outra consequencia da falta de repressão ao primeiro movimento alarmante de indisciplina ?

E eu então lhe responderia : Como evitar a invasão da tiririca e outras nervas damninhas num terreno que, em vez de ter sido esterilizado, foi estrumado pelo sentimentalismo piégas de jornalistas facciosos?...

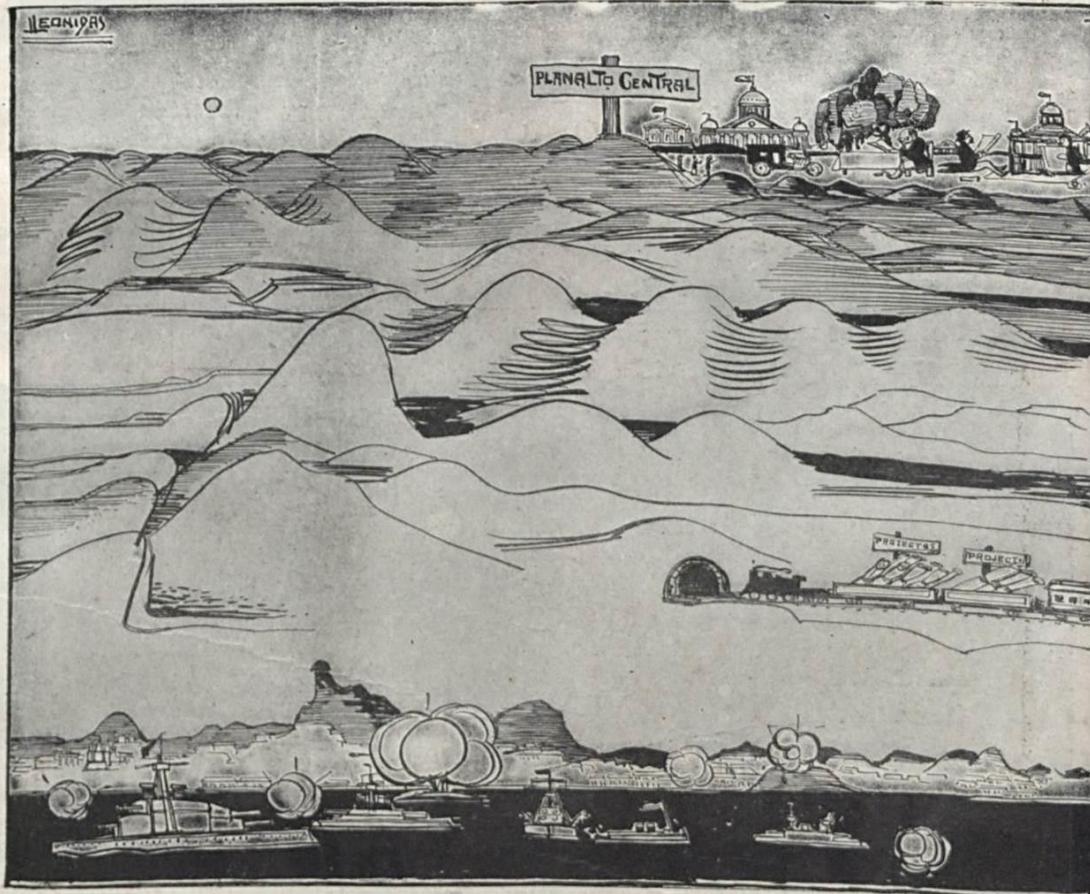
Ao lado das análises em torno das questões circunstanciais, *O Malho* mostrava alcance para observar o conteúdo estrutural, tanto que, em “A separação do poder – uma ideia que volta à discussão e não deve ser abandonada”, reforçava a ideia da transferência da capital federal para o interior do Brasil, isolando-a em relação aos movimentos rebeldes e às pressões populares, de modo que a sede administrativa e os homens de Estado ficariam seguros no Planalto Central, estando longe das “metrópoles” e “dos grandes portos comerciais”, uma vez que “o seguro morreu de velho”. Reforçando a abordagem chistosa, a revista mostrava o ex-Presidente Nilo Peçanha junto de seu cãozinho, a comemorar pelo fato da rebelião ter estourado pouco depois dele ter deixado o cargo. A retomada do movimento rebelde foi também traduzida pelo magazine com a presença de um andarilho que, com ar assustadiço, constatava que rebentara “outra revolta”²⁴. Na capa da edição da véspera da festividade natalícia, o hebdomadário apresentava o Zé Povo cuidando de uma “Árvore de Natal”, na qual dentre os frutos que brotavam havia a “ordem” e a “paz”, refletindo o desejo do personagem pelo encerramento dos “*canhonaços*”, que haviam sacudido o Rio de Janeiro. Uma nova cena de “Natal” trazia o Zé Povo diante de um presépio, orando para que se encerrassem definitivamente as “paixões revoltas” os “ódios sopitados”, as “ambições em soturna ebulição” e a “medonha anarquia”. O conjunto de desenhos denominado “Ecos da revolta – a alma do quiosque” abordava os prejuízos da sedição para o comércio local²⁵.

²⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.

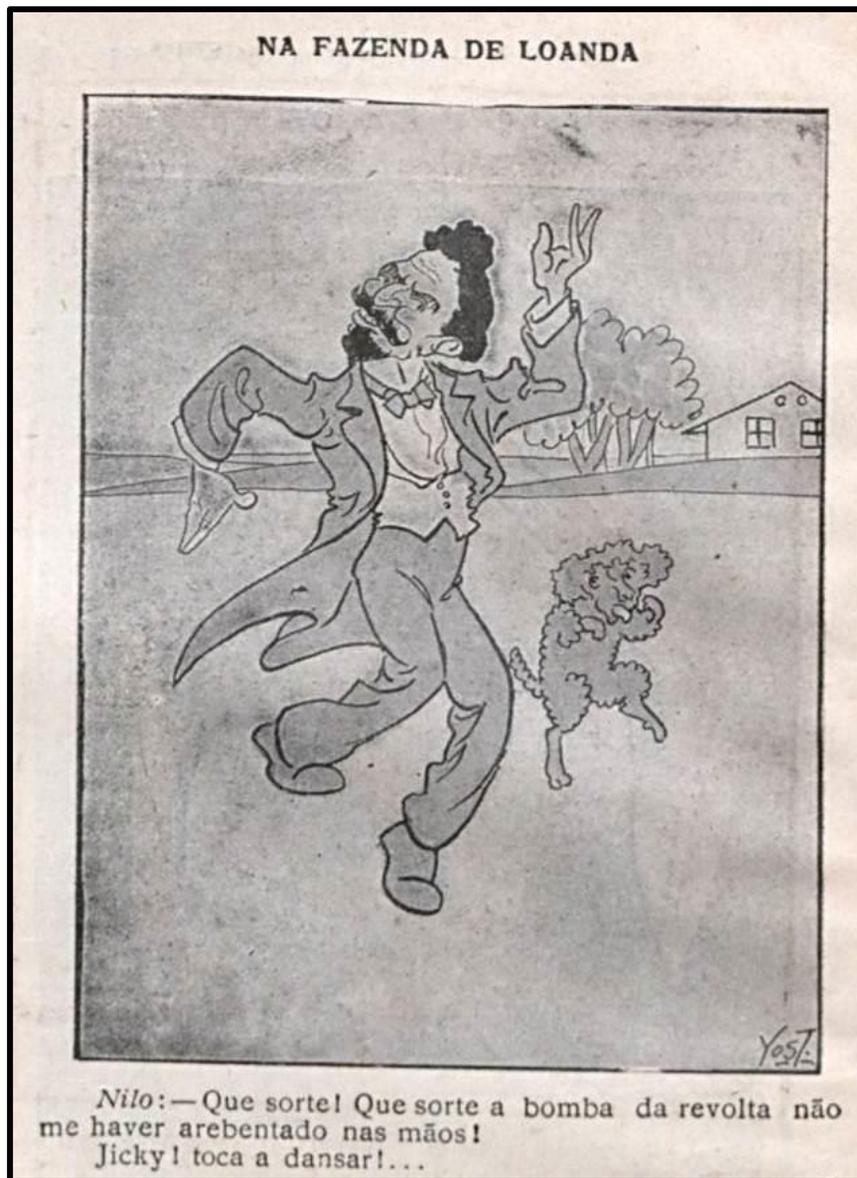
²⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 dez. 1910.

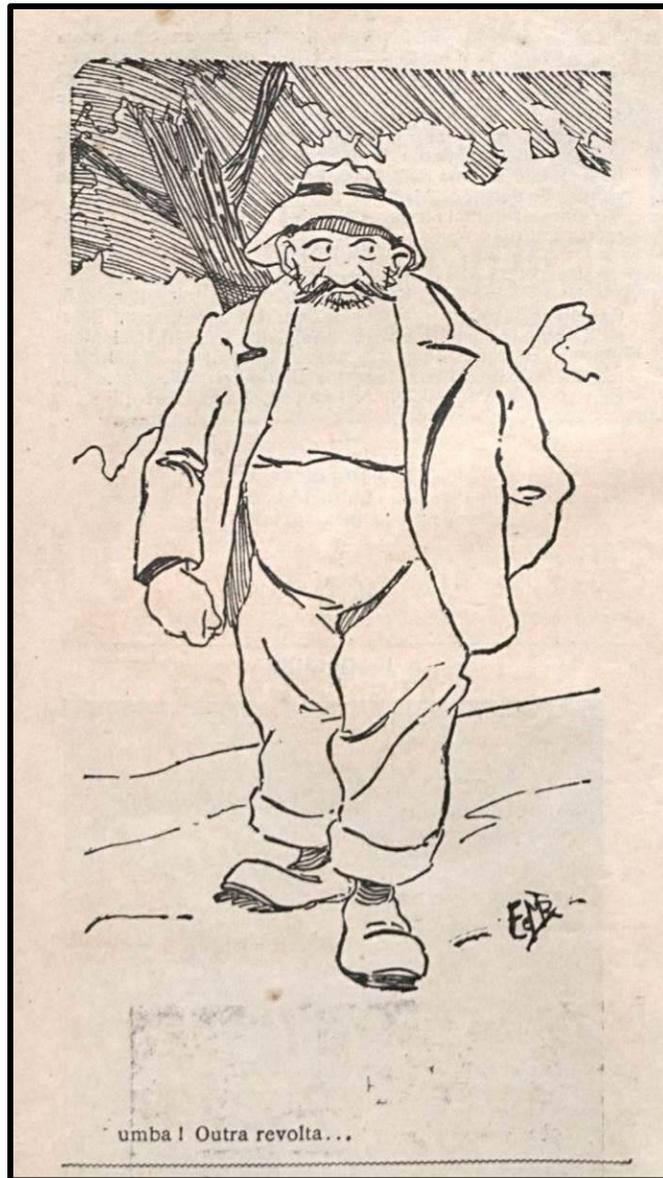
A SEPARAÇÃO DO PODER

Uma ideia que volta á discussão e não deve ser abandonada



Cumpramos a Constituição: mudemos a capital do Brasil para o planalto de Goyaz. Imitemos os Estados-Unidos e outras nações que afastaram suas metropoles dos grandes portos commerciaes! E quando aqui na Guanabara rebentam outros sustos e as granadas do *Minas Geraes* e outros *elephantes brancos*, o poder estará lá em cima, protegido, estudando calmamente os negocios da nação...
O seguro morreu de velho!







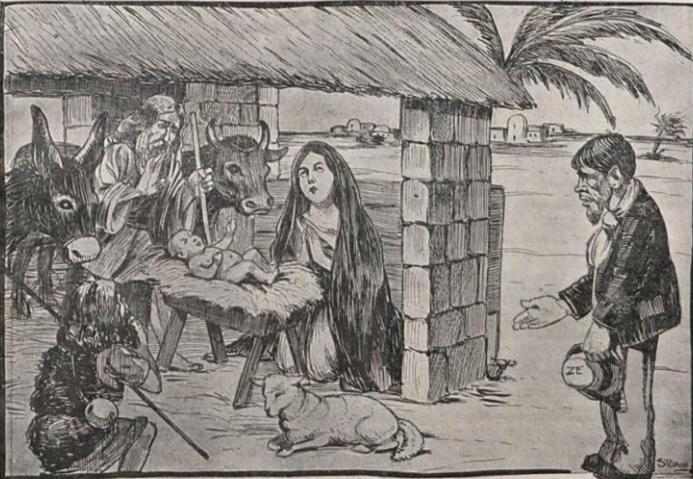


IMPRESSO EM MACHINAS ROTATIVAS DE MARINONI

Anno IX N. 432

REDACÇÃO, ESCRITORIO E OFFICINAS:
RUA DO OUVIDOR N. 164 E ROSARIO N. 178

NATAL



Zé Povo:—Eu te saúdo, fervoroso e reverente, oh! Deus Menino, que nasceste na humildade e foste o Rei dos reis e o redemptor dos homens! No torvelinho das paixões revoltas, dos odios sopitados, das ambições em sotrna ebulição; no meio desta barulheira infernal em que temos vivido e em que vivem os espiritos agitados e varridos pelo sopro de medonha anarchia, quasi fica esquecido o dia suave, o dia solemne do nascimento do meigo e doce Jesus, de cujos ensinamentos parece já ninguém se lembra e por isso curtimos uma vida agoniada, cheia de sobresaltos e maus agouros!

Eu me curvo à tua Omnipotencia e me acolho à tua Bondade, oh! doce filho de Nazareth, Rei dos reis e redemtor dos homens!...



O cães dos Mineiros estava repleto de curiosos. Seriam 6 horas da tarde.

Depois de serenada a fuzilaria, findo o tiroteio da ilha das Cobras, a Força Policial havia formado um cordão afim de não deixar que os populares se agglomerassem á beira do cães.

Ainda havia panico. Pelas paredes viam-se ainda buracos enormes, causados pela descarga dos revoltosos.

Dous kiosques alli existentes estavam abandonados e danificados e os *paos d'agua* e curiosos presentes lamentavam tanta perda de paraty...



D'ahi a pouco um dos kiosques estremeceu como se quizesse andar. Grande surpresa, medo e espanto de toda gente.

Diziam que era a alma de um fuzileiro naval que vinha fazer barulho. Logo em seguida o kiosque fallou; « Acabaram-me tudo... Raios os partam... »

Novo espanto dos circunstantes.



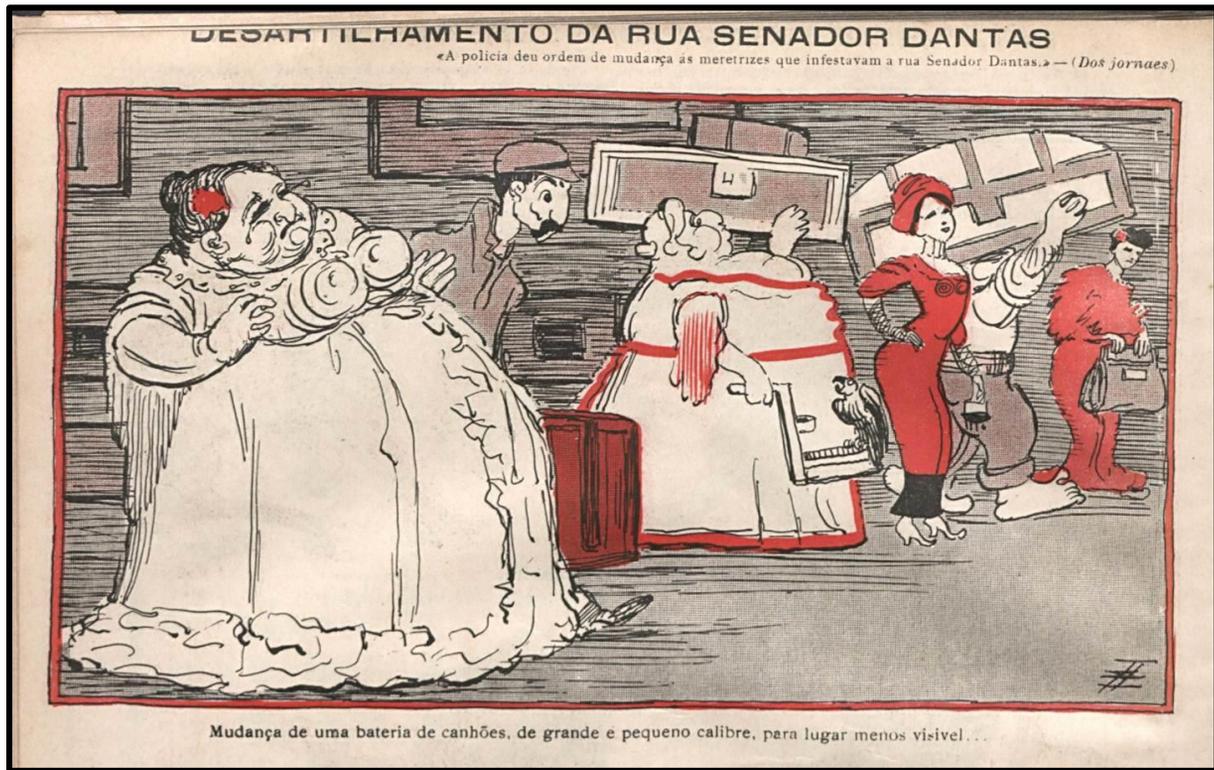
O antagonismo do periódico para com os revoltosos ficava reforçado em “Limpendo as águas”, na qual os rebeldes, tratados como “os reclamantes”, afastados da Marinha, eram deslocados para o norte do país, havendo o desejo do Zé Povo de que o diabo os carregasse. Realizando uma analogia entre a

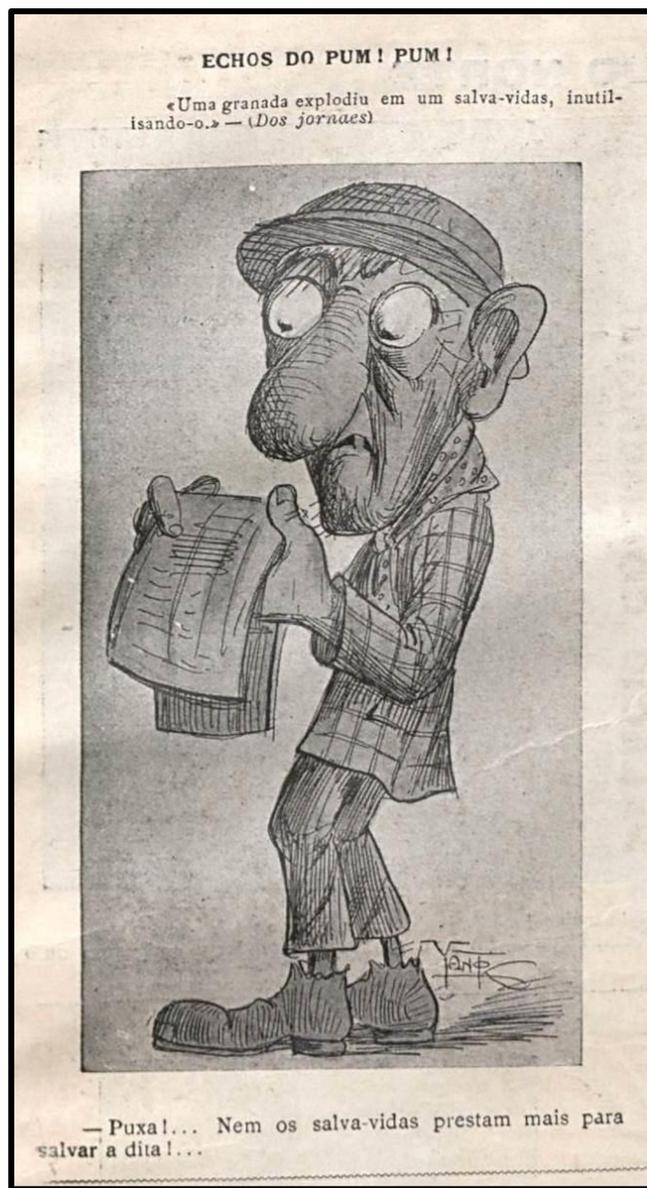
Revolta e a prostituição, o periódico informava que a polícia dera “ordem de mudança às meretrizes”, traduzindo a notícia como a “mudança de uma bateria de canhões, de grande e pequeno calibre, para lugar menos visível”. As repercussões dos bombardeios, como o caso de uma granada que explodira um salva-vidas, era o tema de “Ecos do pum! pum!”. Por meio da ilustração “Quanto mais burro mais peixe”, a folha realizava outra comparação entre os revoltosos e os animais de tração, trazendo a conversa entre dois burros, que não chegavam a se preocupar com a ação do “duro chicote”. Já em “Nota cômica”, um cocheiro e um chofer conversavam sobre os efeitos dos bombardeios em suas respectivas atividades. Um novo diálogo era apresentado em “Pela verdade”, trazendo a denúncia de que os marinheiros haviam promovido estragos no *Minas Gerais* e a crítica aos “cantores” que enalteciam “em prosa e verso” uma “súcia de malvados e malandrões”²⁶. Na última edição do ano, o periódico mostrava o “Encerramento do Congresso”, com o afastamento dos papagaios/parlamentares, que haviam maltratado a dama republicana e eram acusados pelo Zé Povo como sendo “a causa de todas as revoltas”. Na tradicional passagem do Ano Velho ao Novo, o de 1910 carregava às costas as “revoltas e o diabo a quatro”. Já em “*Fiat lux!*”, o estado de sítio era visto como a solução ideal contra animais nocivos como insetos e morcegos, que representavam a “indisciplina” a “ambição” e o “impatriotismo”, servindo, enfim, para resistir “a toda anarquia”²⁷.

²⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 24 dez. 1910.

²⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 31 dez. 1910.









NOTA COMICA



Cocheiro:—Você encheu-se, heim?

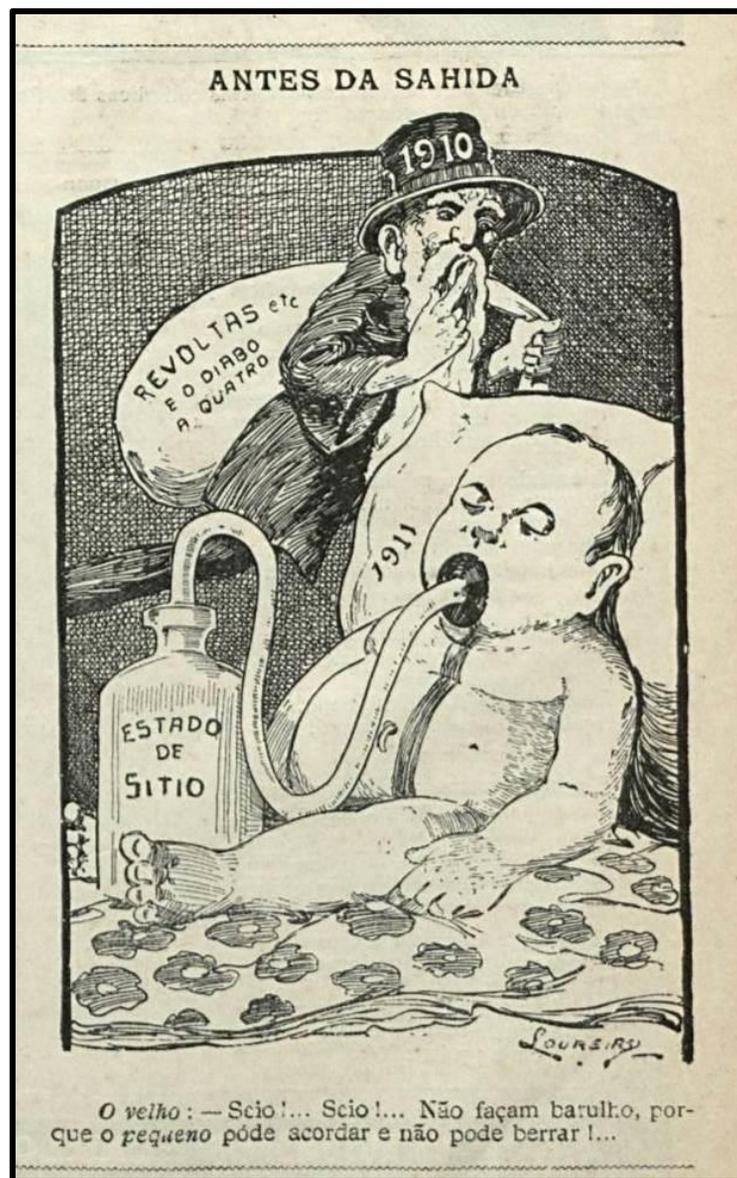
Chauffeur:—Pudera! Tanta gente a fugir...

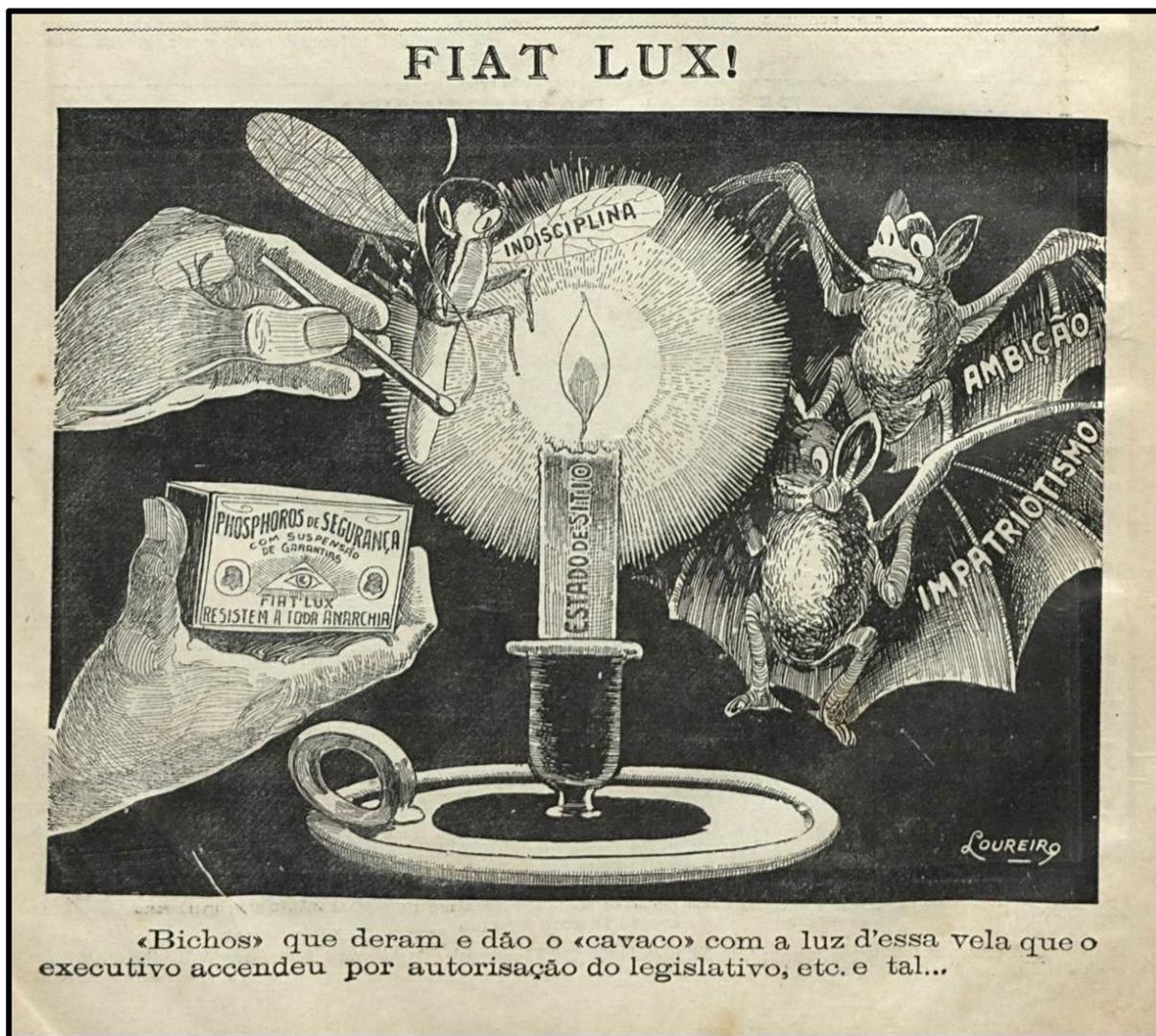
Cocheiro:—Sim, mas agora acabou-se: não ha mais bombardeios.

Chauffeur:—Melhor. Continuo a fazer boas ferias, com a vantagem de não ter de desinfectar os assentos do auto.









Assim, ao final de 1910, *O Malho* confirmava o papel editorial que atribuía a si mesmo, afirmando que “não teme esconjuros”, estando “acima das estreitezas de espírito de qualquer seita”, que aparecia como “um órgão nacional, independente, *malhando* à direita e à esquerda nos abusos que for encontrando, tendo por escopo o bem estar do povo”, começando “pelo desejo de o ver sair da tortuosa picada da ignorância, a ele tão recomendada pelos falsos pastores da política ou da crença, verdadeiros vampiros do organismo nacional”²⁸. Nesse sentido, mantinha seu espírito crítico, denunciando aquilo que encarava como mazelas da sociedade. Ainda que mantivesse uma abordagem calcada em manifestações críticas e populares, em termos políticos, o periódico mostrou-se significativamente conservador, atuando recorrentemente como um defensor do status quo, não é para menos que, nas várias manifestações de dissidências republicanas, expressas em eleições presidenciais, ficara ao lado das candidaturas governistas, como tinha feito recentemente no caso da Campanha Civilista e que viria a realizar também em referência à Reação Republicana e à Aliança Liberal. Com base em tal apoio à situação vigente, a revista se mostraria avessa aos movimentos que contestassem a ordem social vigente, como o fez em relação à Revolta na Marinha de 1910, diante da qual antagonizou fortemente os rebelados, não poupando argumentos para tanto, imputando desqualificativos de toda a natureza aos revoltosos, chegando a utilizar-se de manifestações preconceituosas não só de fundo social, mas até mesmo racista. Para o hebdomadário era inaceitável uma sublevação da ordem instituída, vista

²⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 31 dez. 1910.

como um crime de lesa-pátria, que deveria ser erradicada por meio da repressão, daí todo o seu esforço, demarcado por textos, fotografias e caricaturas, no intento de deslegitimar as reivindicações e atitudes dos marujos, que, na sua opinião, deveriam ser alvo da mais dura coerção.

CARETA

Em 1910 a *Careta* era ainda uma revista bastante jovem, pois fora criada em 1908, mas já demonstrava as características que viriam a colocá-la dentre as mais relevantes publicações de seu gênero, tanto que sua edição do Rio de Janeiro viria a se espalhar por todo o país, com farta distribuição pelo território nacional. Com alta qualidade gráfica, dedicou-se a retratar as cenas do cotidiano, por meio de textos em geral mais breves e dos recursos imagéticos da fotografia e da arte caricatural²⁹. No que tange à Revolta da Chibata, a abordagem do magazine ilustrado concentrou-se em breves apreciações textuais, nas reportagens fotográficas, expressas em maior escala, e nas representações caricaturais, que, em geral, tangenciaram a complexa temática da rebelião.

Mantendo o fundamento joco-sério que marcava suas edições, a *Careta* trouxe um breve registro textual que fora negado por um jornal diário, designado como representante da imprensa dita séria, revelando a experiência de um repórter no que tange aos efeitos do instrumento que viria a dar nome ao movimento rebelde – a chibata:

O nosso amável confrade Júlio Medeiros teve a benevolência de mandar-nos, para que as publicássemos na *Careta*, algumas notas relativas à sua visita aos navios rebeldes e as quais eram destinadas ao *Jornal do Comércio*, que não as quis

²⁹ A respeito da *Careta*, observar: ALVES, Francisco das Neves. *A alegoria da dama republicana em revistas ilustradas cariocas: dois estudos históricos*. Rio Grande: Biblioteca Rio-Grandense, 2025. p. 90-95.; e CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 71-97, janeiro-junho, 2012.

dar à luz por temer, estampando-as, ferir as pudicas suscetibilidades dos senhores deputados.

Eis uma das famosas notas: Júlio de Medeiros, tendo recebido a chibata que lhe foi oferecida pelos rebeldes exclamou:

– Oh! Fazer uma revolta, pôr em sobressalto uma população inteira só por haver levado umas lambadinhas com isto?! É incrível.

Os marinheiros vociferaram com energia, achando que o jornalista tinha um coração de ferro.

– Vou provar que isto não mata nem machuca, afirmou Medeiros sacudindo a chibata.

Em seguida, voltando-se para o proprietário do bote *Lírio*, que o levava a bordo, propôs:

– Queres experimentar esta chibata?

– Seu Dr., está brincando, murmurou o boteiro, lívido.

– Dou-te cinco mil réis por cada chibatada que apanhares.

O boteiro coçou a cabeça, pôs-se a apalpar a chibata e por fim resolveu-se:

– Cinco mil réis! Cinco mil réis! Cinquenta chibatadas são por aí alguns duzentos e tantos mil réis! Enfim, vá lá seu Dr.

O homem do *Lírio* avançou, tirou a camisa, encruzou as mãos sobre o peito, curvou o dorso e disse:

– Pode dar!

Um alentado negralhão deu um passo a frente, arrancou a chibata das mãos jornalísticas, fê-la silvar no ar e derrubou-a nas costas do boteiro. O jornalista estremeceu, aterrado. O negralhão levantava de novo a chibata. O boteiro berrou: Suspenda!

Medeiros interrogou, aflito:

– Doeu?

E o homem do *Lírio*, cravando os olhos humilhados no negralhão, perguntou:

– Onde é o mictório?³⁰

³⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

Mantendo a abordagem joco-séria a *Careta* editava recorrentemente uma seção denominada “Cartas de um matuto”, na qual um homem do interior se correspondia com sua comadre, narrando os acontecimentos da semana na forma de versinhos, sem maiores preocupações com as regras ortográficas, exatamente no sentido de expressar o sotaque e os erros de dicção. Levando em conta tal abordagem, o “matuto” assim se referiu à Revolta:

Minha comade Tereza
Despois de um susto danado,
Felizmentes veio a paz;
Hoje tá tudo acabado.
Mas a coisa teve feia,
O caldo andou entornado,
E por um triz, siá Tereza,
Nós tava bombardeado.

Foi treis dia de martírio,
De terrô para as famía,
Enquanto os canhão roncava
E o governo arresolvia.
Os navio revoltoso,
Pra lá, pra cá, na baía
Só quietaro as ameaça
Despois que veio a nestía.

Atiraro pra cidade
Somentes para assustá,
Mas andou morrendo gente
Aqui, ali, acolá.
Quem ficou sem sua vida
Foro os pobre oficiá;
Perdoaro os revoltoso,

Eles... mandaro entererrá.

Comade, home decidido
É o almirante João Cando;
Se ocê visse os dredenóte
Como tavam navegando!
Saíam pra barra afóra,
Lésto, que inté parecia
Navio ingrêz manobrando.

O povo aqui extranharo
A maruja revoltá,
Pontá canhão pra cidade
Falá grosso e ameaça.
Eu cá não extranhei nada,
Achei muito naturá
Que o inzemplo de Manáus
Désse azo pra se imitá.

Lá, depuzero o governo
Prendero o governado,
Tocaro bala nas rua,
Tiro, que foi um horrô.
Morrêro muitas pessoa,
Muitas casa desabou,
E a coisa ficou só nisso;
Quem não gostou, não gostou.

Agora diga comade,
Diga lá sem prevenção:
Qual é a mais desulpave
Das duas revolição?
Os pobre dos marinheiro,
Humildes, sem proteção,

Fizero mal, mas omenos
Pouparo um pouco os canhão.

Se ocê tivesse presente
Havéra de vê, comade,
Como passemos os três dia
De agonia na cidade.
Corria a todo momento
Boatos e novidade,
Que o povo todo da corte
Perdeu a tranquilidade.

Entonce quando constou
Eu iam bombardeá,
E os boletinho avisando
Começou a circulá,
Foi povo por todo lado
A fugi pra se escapá,
Todos queria sumi,
Ninguém queria ficá.

Eu tava bem quéto em casa
Quando chega o Tacalão:
– “Meu sogro, prepara as perna
Que vai ronca o canhão!”
Biela teve um fanico,
Desarcorda, cái no chão,
Bibi grita proutra banda,
Ficou tudo em confusão.

Entonce meu genro disse:
– “Gente, acaba de gritá,
Perpara as roupa na mala,
E toca, toca a embarca!

Pra Inhaúma, Cascadura,
Ou outro quarqué lugá;
E com pressa, sem demora,
Que a coisa vai começa!”

Aí ele me expricou
Que um dredenóte atirando,
A bala evinha rompendo,
Estruindo, derribando
As rua, de cabo a rabo.
Que se quisesse, o João Cando,
Derrubava a corte inteira,
E ficava governando.

Biela pede otomóve
Aí eu digo: – “Muié,
Numa aflição como esta
Não se espera, vai-se a pé”.
Arrumemo logo a trouxa,
Uns embruío de papé
E saímo sem tê tempo
De omeno tomá café.

Quando nós tava a caminho
Vimo um ronco desgraçado;
Mias perna tremeu de medo,
Tacalão ficou gelado.
Biela entrou numa venda,
No quartinho reservado,
Que quarqué susto pra ela
É um purgante danado,

As rua junto do mangue
Tava como porcissão:

Gente de bonde, de carro,
Otomóves, carroção...
Uns com trouxa na cabeça,
Outros co'os fi na mão,
Cada qual mais apressado,
Todos com muita aflição.

Felizmente nós chegemos
Na estação para embarcá,
Era gente como terra
Afoita pra se escapá.
Os carro tava atulhado
Não havia mais lugá,
E um rôr de gente gritando
Com receio de ficá.

Com medo de não tê tempo,
Nois nem boleto comprêmo;
Atrevessemos o povo,
Empurremo os outro e entremo,
Eu disse com meus botão:
"Se pagá murta é o mêmô!"
O trem começou andá
E nós todos azulemo.

Ao chegá em Cascadura
Quéde adonde recolhê?
Nem um quarto no hoté
Nem nada pra se comê.
Biela com agachadinho
E com medo de morre,
E nós só andando, andando,
Inté nos aborrecê.
Todos tava muito ansioso

Por notícia da cidade.
Cada qual que evinha vindo
Trazia sua novidade.
Uns dizia que já tinha
Uma grande mortandade.
Que aperto que nós passemos!
Só se ocê visse, comade.

Graças a Deus escapemo
Nenhum dos nosso morreu.
O mais, eu te mando as fôia
Pr'ocê vê o que se deu.
Não sei se foi o governo
Ou os marujo que cedeu;
Sei só que vortou a carma,
E o povo se recolheu.

Deus que proteja seus dia,
Nunca te dê a aflição
Que passemos cá na corte
Com esta revolição.
Muitas lembranças do véio
Compade do coração
E amigo certo de sempre.
Tibúrcio d'Anunciação.³¹

Os limites da coragem em tempos de revoluções e bombardeios era abordado em breve coluna publicada pelo semanário:

³¹ CARETA. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

No dia do pânico, o acadêmico Raimundo Pereira ia saindo muito apressado para a rua, quando um seu colega, que por sinal é nosso companheiro, perguntou-lhe:

- Que é isto? Vais fugir dos tiros?
- Nada! Vou assistir ao bombardeio do cais da Glória. E para onde vais?
- Eu vou para o Arsenal de Marinha, que de lá se vê melhor.

Separaram-se, cada um admirando a coragem do outro.

E qual não foi o espanto de ambos quando daí a pouco se encontraram em Sapopemba!³²

O periódico ilustrado-humorístico fez também uma apreciação na qual comparava a agitação rebelde com a parlamentar:

Terminou com felicidade a revolta naval, que não causou grandes males, se, de acordo com o significado da palavra anistia, quisermos esquecer os bravos oficiais heroicamente sacrificados no seu posto e os pacíficos cidadãos e as inocentes crianças inesperadamente assassinadas em nossas ruas.

Os principais feitos dessa campanha não passaram de ameaças mais ou menos postas em execução, desde as escaramuças do *Rio Grande do Sul* diante da armada do almirante João Cândido à tentativa de abordagem do Sr. Hasslocher que quis torpedear o Sr. Irineu.

Está acabada a revolta. Delicia-nos uma doce paz, uma fecunda paz dentro da qual, por uma causa ignota e compreensível, todos nos sentimos perfeitamente... inquietos.³³

A presença de um navio português no Rio de Janeiro serviu de mote para a apresentação de historietas que aproximavam a revolta no Brasil da revolução que recentemente derrubara a Monarquia em Portugal:

³² CARETA. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

³³ CARETA. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

Um marinheiro do *Adamastor*:

– Mas como foi camarada, aqui na Guanabara?

O marinheiro do *São Paulo*:

– Foi entrar o *Adamastor* com a bandeira da revolução vitoriosa e todos nos lembramos do que vimos no Tejo e logo fizemos coisa igual.

– Então, nós, lá, entusiasmados com vocês...

– E nós, aqui, entusiasmados com vocês...

– Viramos tudo em frege...

Um marinheiro do *São Paulo*:

– Mas camarada, como foi aquilo lá no Tejo quando nós chegamos?

Um marinheiro do *Adamastor*:

– Foi entrar o *São Paulo* com a bandeira republicana e Presidente a bordo e todo o Portugal virar republicano e querer um Presidente em terra.

Entre marujos. Um ex-oficial do *Minas Gerais*:

– Quem é esse Manoel de Arriaga de que, ultimamente, tanto tem falado os telegramas?

Um oficial do *Adamastor*:

– É uma verdadeira relíquia da República.

Um ex-oficial do *São Paulo*:

– É o Quintino Bocaiuva da República Portuguesa.³⁴

A decisão parlamentar pela anistia dos revoltosos da Armada foi apreciada em tom chistoso:

O Sr. Barbosa Lima, defendendo a lei fraternal da anistia concedida aos “reclamnantes” chefiados pelo grande almirante João Cândido, sustentou que em 1862 os brasileiros não tinham menos dignidade que hoje.

Ouvindo-o, disse um leitor de história:

³⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

– É verdade. Não tinham menos, tinham mais.³⁵

Em outras duas colunas, a *Careta* exaltou o papel dos militares governistas ao enfrentar os rebeldes e elogiou a atitude considerada como corajosa de um parlamentar frente aos bombardeios:

Dir-se-á que a alma heroica do vencedor do Riachuelo paira sobre o navio do seu nome, inflando o peito e ditando a conduta dos seus oficiais. Por ocasião da revolta de 23 de novembro, o *Barroso*, honrando as tradições da nossa Marinha, como a honraram os bravos que tombaram no *Minas Gerais*, no *São Paulo* e no *Bahia*, em luta contra a insubordinação, demonstrou que o valor e a dignidade não desapareceram com os heróis sacrificados. Os oficiais do *Barroso* não fugiram; aqueles que estavam em terra voaram para bordo, em frágeis botes, sob a metralha dos rebeldes. Num conselho memorável, esses dignos oficiais deliberaram resistir e nos seus portos, firmes e dispostos, resistiram à intimação do *São Paulo*, resistiram à intimação do *Minas Gerais*, resistiram aos disparos dos rebeldes e levaram o seu navio para o cais do porto, onde o puseram às ordens do governo. O navio que tem o nome heroico do vencedor de Riachuelo não foi abandonado na baía ao saque dos revoltosos.

O ilustre deputado Camilo Prates não guarda recordações muito gratas da “reclamação” armada.

Uma granada, explodindo, lançou um estilhaço que varou a porta do seu quarto de dormir no Hotel Guanabara, quebrou o mármore do lavatório e foi arranhar profundamente o chão.

Imaginem que horrível despertar! Pois o distinto deputado não perdeu a calma, ou, com diz o João Cândido, não se *afobou*. Levantou-se muito calmo e tocou a campanha chamando o criado:

– Que é doutor? Que foi?

– Traga a vassoura, tire do chão os estilhaços e traga-me o café!

³⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

E dormiu o resto da manhã. No dia seguinte votou a anistia, perdoando os reclamantes o crime de o terem despertado tão cedo e por maneira tão rude. Foi talvez o voto mais insuspeito³⁶.

Em mais uma edição das “Cartas de um matuto”, o tema da rebelião ainda se fazia presente em um trecho dos versinhos que compunham a seção:

Minha comade Tereza,
Despois de uns dia tão feio
A corte tá mais tranqüila
Já mais ninguém tem receio;
Segundo eu oiço dizê
E mêmo pelo que leio,
Os marinheiro tão quêto
Pr móde acabou o rêio.

Agora já tamo pronto
Pra outra revolução,
Que na corte a gente faz
Como quem come feijão;
Quem é como eu, da roça,
Deste pacato sertão,
Passa aqui nesta cidade,
Tereza, cada sustão!

Indês que eu tou nesta terra,
Tenho visto cada trem,
Que eu já tou inté com medo
Do outro ano que evêm;
Enquanto a coisa é no povo,
Eu tou no meio também,

³⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

Mas história com marujo...
Cruz, credo, esconjuro, amém!

Pra que sabe novidade
De briga e revolução,
Se isto serve somentes
Pra doê no coração?
Antes o atraso, comade,
Daí do nosso sertão
Do que as coisa das terra
Que tem civilização.

Agora o assunto na corte
É discuti a nestía,
Que ninguém achou em tempo
Que fosse uma covardia;
Ninguém qué sê o pai dela,
E vivem numa profia,
Empurrando uns para os outro
Esta desgraçada fia.

Andam num jogo de empurra
Que nem sei no que vem dá,
Diz a Cambra que o Senado
Foi que fez ela votá;
O Senado diz que a bicha
Foi obra do Marechá,
Mas ele diz é mentira
Que o que fez foi promulgá.

Agora ninguém mais fala
Na baruiada do má,
Que na corte sempre o povo
Tem muito do que fala;

As coisa aqui com treis dia
Já não dão mais o que pensá,
Que a vida é muito custosa
E todos têm que cavá.³⁷

A ação de alguns dos homens públicos brasileiros frente ao movimento revolucionário foi apreciada criticamente pelo magazine:

Os navios rebeldes esperavam a anistia que o Senado votara e a Câmara devia aprovar no dia seguinte.

Alguns políticos de responsabilidade banquetearam-se patrioticamente no Pavilhão Mourisco, lá longe, na curva graciosa pela enseada de Botafogo.

O banquete corria alegre e rumoroso. De repente alguém teve a ideia infeliz de fazer uma referência à rebelião. Ato contínuo, esfriou a alegria e cessou o rumor. Os convivas comiam pálidos, movendo inconscientemente os queixos. De súbito, estremeceram nos assentos:

– O bombardeio! O bombardeio!

Engano: era uma zabumba que trovejava ao lado, no cinematógrafo.

Os políticos comiam, pálidos. Os garotos, fora, brincavam de guerra, trocando pedradas. E um deles, garotito inábil, alvejando a um pirralho com quem combatia, desviou o projétil que foi partir um vidro do Pavilhão. Isso foi na ocasião dos discursos. O orador interrompeu abruptamente a parolagem e convivas e homenageados botaram-se praia a fora a fugir elegantemente com os seus trajes de rigor.³⁸

Uma pergunta que teria sido feito ao líder rebelde servia de mote para que a revista refletisse sobre os acontecimentos do momento:

³⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.

³⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.

– Diga-me cá, João Cândido, qual foi a sua impressão na hora em que você deixou o comando da esquadra e voltou a simples marinheiro?

– Impressão de alívio! Agora foi que eu reconheci quanto é difícil carregar-se com uma responsabilidade.

(A sua resposta que é autêntica e que não tem pretensões a espírito, não deixa de encerrar alguma filosofia).³⁹

Ainda no campo das historietas, o hebdomadário se referiu ao afastamento de cargo de um componente da Liga Marítima, por querer “que aplicassem os fundos arrecadados à compra de canhões para a defesa das costas contra futuras ‘reclamações’”. Em outra, eram tecidas “considerações filológicas e filosóficas” acerca da definição de “medo”, vindo a envolver a questão da “‘reclamação’ da esquadra”, levando em conta ter ou não receios, o que seria relativizado a partir da perspectiva dos bombardeios. Já em um diálogo, um indivíduo dizia que, “como cidadão” era contra a anistia concedida aos rebelados, ao passo que, “como político”, fora “sempre pela anistia”, pois ele mesmo poderia a vir necessitar de tal perdão no futuro. Já na seção “*Careta de notícias*”, marcada por jocosidade, ironia e sarcasmo, o “Artigo de fundo”, comentava que “só agora, depois que os marinheiros rebeldes depuseram as armas, podemos fazer as considerações que ao nosso reconhecido patriotismo inspiram os lamentáveis acontecimentos”. Revelando as posturas antagônicas no parlamento, o tal “artigo” dizia que, acompanhando os senadores que “aprovaram a moção pregando a resistência” à revolta, considerava a rebelião como “uma afronta à honra da civilização brasileira”; ao passo que, ficando ao

³⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.

lado dos senadores que “votaram pela anistia”, qualificava a sedição como “uma revolta santa”. Ao concluir, manifestava que, “em suma, como esses próceres da República”, pensava “que a rebelião foi uma santa patifaria”, entendendo como eles “que devia ter sido sufocada com as armas e vencedora com a anistia antes da resistência”. A folha ainda apontava com zombaria que “o marinheiro João Cândido foi nomeado consultor técnico de navegação do Conselho do Almirantado”⁴⁰.

O periódico ainda trouxe a declaração de um acadêmico interno do Hospital da Marinha, segundo o qual, durante a rebelião, não teria sido “o medo da morte” que lhe “atormentava”, mas, “o que não podia suportar era o estrondo dos canhões”, que trazia “horror e confusão”, parecendo “uma reunião de acadêmicos”. Outra narração teria sido referenciada pela imprensa, segundo a qual, “no mais forte do bombardeio, compareceram uns noivos a uma de nossas pretorias” e, diante da “alegação dos atemorizados funcionários de que seria melhor adiar a cerimônia para outro dia de menos perigo”, o casal insistiu na realização do ato. Frente a isso, “fazendo das tripas coração o pretor iniciou a cerimônia”, em meio a qual “temerosa granada rebentou com fragor nos arredores”, ficando “tudo em polvorosa” e “juiz, escrivão, testemunhos, tudo sumiu”, permanecendo apenas “os noivos impávidos na sala”, até que, “minutos depois, passado o susto, voltaram os fugitivos, concluindo-se em paz a cerimônia”⁴¹.

⁴⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.

⁴¹ CARETA. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.

A própria redação da revista ilustrada se viu na obrigação de dar o seu testemunho, de modo que, “respondendo às perguntas que nos têm feito vários amigos, temos a responder que todo o pessoal da *Careta* ouviu e viu” e ainda “chegou mesmo a ‘ver’ balas de carabina, balas rasas, granadas, lanternetas, estilhaços e outros projéteis amabilíssimos passar assoviando pelos seus ouvidos”, assim como “os restantes moradores do Rio de Janeiro”. Em mais uma historieta era abordada uma querela familiar entre o genro e a sogra, diante do que a sogra decidia sair de casa, indo para o cais, expor-se “às balas e, se ele não tiver remorso, terá ao menos a despesa de me enterrar!”. Por coincidência, exatamente o divã onde a matrona estava até então foi atingido por “um formidável estilhaço de granada”, que o destruiu, ao passo que, o retorno da sogra, “sã e salva, serviu de tema para nova rusga”. Na condição de pilhéria, o semanário demarcava que “ontem não houve bombardeio à cidade”, constituindo este, um fato que “causou muita estranheza aos habitantes do Rio de Janeiro”, entretanto, “o Observatório Astronômico imediatamente tranquilizou a população, notificando que não havia nada de anormal”, pois fora “apenas uma mudança na direção dos ventos que fez com que os tios não fossem ouvidos”. Houve também referência a uma “bala que foi explodir no Instituto Histórico”, de maneira que tal entidade pudesse arquivar “mais esse documento de nossa civilização”. Uma outra crônica trazia o relato de um cidadão que se encontrava em “vergonha e desespero”, por ter sido o único carioca que “não ouviu nem uma bala lhe assobiar aos ouvidos”, passando a narrar os relatos de vários conhecidos que haviam passado por situações inusitadas durante o bombardeio, vindo a concluir ironicamente, que só ele “na

verdade, dentre todos os habitantes desta grande cidade, não tive tão fino prazer, tão delicioso regalo”⁴².

A retomada dos atos rebeldes acabaria por servir de tema para mais uma edição da seção “Cartas de um matuto”:

Minha comade Tereza
Ocê já viu que maçada?
É revórta e mais revórta,
A corte toda agitada...
Ocê tá na sua casa,
Quéto, não sabe de nada,
Derrepente evêm barúio.
Que é? É nova bernarda.

Ando muito borrecido
Co’esses turmurto constante
A gente véve assustada,
Não tem socêgo um instante.
Desde os fins do mês passado,
Do motim dos “reclamante”
Temos tado em sobressarto
Inté hoje, onze do andanate.

Mas agora, desta vez,
Eu vi o caldo no chão;
Foi soldado para as praia,
Roncáro feio os canhão.
Biela morta de medo,
Foi difice pr’eu tê mão,
Queria proquê queria

⁴² CARETA. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.

I simbóra pro sertão.

Quando acordei de manhã
E vi o canhão roncando,
Disse: "Gente, que será?
Qué vê que eles tão sarvando?"
Mas porém daí a pouco
Eu vi o povo ávoando
Entonce eu compreendi
Que tavam mêmo atirando.

Pra tranquilizá os mêu
Eu quis fingi poruco caso
Não quis tombem me excitá
Proquê eu sofro dos vaso.
Mas quando vi um barúio
E istourá um balazo,
Eu disse com meus botão:
"Tá feio! Via tudo raso!"

Carculé ocê siá Tereza,
Que eu via a bicha no á,
Evinha furando o vento,
Tal qual um pato a voá,
Derrepente eu tou oiando
E vejo a coisa estourá,
E foi pedaços, comade,
Pr'aqui, pr'ali, pr'acolá.

Panhei no chão um pedaço,
Ele tava muito quente;
Não sei proquê que se quenta
As balas pra mata gente.
Bala dessas, mêmo fria

Já bem suficiente
Pra mata uns dez ou quinze
E não há ninguém que guente.

Puz o chapéu na cabeça,
Botei no bôrsa a ferrage
E disse: "Gente, me garra,
Se não faço uma bobage!
Pégo no meu *Lafôchê*,
E amostra esses selvage
Que é que mata mais gente,
Quem é que leva vantagem!"

Ninguém me pegando, entrei
Num bonde para a cidade
Eu queria tê notícia
E assuntá as novidade.
Nos bonde evinha fugindo
Gente de todas idade,
Outros ia pr'o perigo.
Vejo o que é criosidade"

Perto da estrada de ferro
Eu vejo o povo abaixando:
Que foi? Que não foi? N'é nada,
São as granada estourando.
Nosso bonde, sem pará,
Desce ali avoando
E os passageiro, assustado
Uns sai, outros vão entrando.

Lembra o barúio do fogo
Quando lavra nas tabóca?
Ou entonce da panela

Quando rebenta as pipoca?
Tava assim quando chegemos
No Largo da Carioca,
E eu, por seguro, tratei
De percurá uma tóca.

Quando o pipoca dos tiro
Serenou um mucadinho,
Espíei prum lado e outro:
Tava no largo sozinho.
Fui, saí do mequitório,
Beijei com fé meus bentinho,
E não tendo mais perigo,
Continuei meu caminho.

A avenida tava quéta,
Pouca gente na carçada.
Na fronteira dos jorná
Havia gente parada.
Assuntando por miúdo,
Porqu'era aquela estralada,
Sube que a ilha das Cobra
Tava sendo bombardeada.

Sube mais que era só lá
Que havia revolução;
Que os navios todo tava
Fié á Constituição.
Que o governo tava forte,
Tinha sordado e canhão
Pra vencê os revoltoso
E botá a ilha no chão.

Satisfeito co'a noticia,
Desci pra Cambra pra vê
Se ela já tava disposta
A cumpri os seus deve
De vota os orçamento
E i simbóra, dissolvê,
Pra deixa o povo em paz;
Deixa a gente vive.

Assim fui chegando perto
Presenceio um reboliço,
Já meio desconfiado
Preguntei: "Gente, que é isso?
Querem vê qu'ê os desordeiro
Que já tão dando serviço?"
E me arretirei prum lado;
Não gosto de compromisso.

Felizmentes, siá Tereza,
O caso não era nada;
Somentes tinha caído
Um pedaço de granada.
As pessoa que passava
Se arredáro-se assustada,
E dentro de dois minuto
A Cambra tava fechada.

Segui pr'o Largo do Paço,
Vi feridos pelo chão.
Derrepente estremecia:
Era um tiro de canhão.
Eu, pra dizê a verdade,
Tava sentido um medão;

Mas sou conde e coroné,
Não quis fazê feio não.

Cheguei perto dos soldado
Pr'assisti o tiroteio,
Vinha as bala assobiando
E eu firme como um esteio.
Mas quando a coisa esquentou
Foi-me chegando o receio, fiz meia vorta pra trás
E saí daquele meio.

Comade, Deus que te livre
De te achá em tal maçada.
Bombardeio, fogo, guerra
O que! Não tem graça nada!
O que eu peço a Nossenhô
É que acabe com as embruiada
E vorte a paz e o sossego
A esta corte atribulada.

Comade, ocê reze a Deus,
Peça em suas oração,
Que nos dê paz e sossego
E concórdia entre os irmão.
Aceite muitas lembrança
Do véio do coração
Compade amigo de sempre
TIBÚRCIO D'ANUNCIAÇÃO.⁴³

⁴³ CARETA. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.

As últimas inserções da coluna “Cartas de um matuto”, impressas nas derradeiras edições de 1910, ainda faziam referência à Revolta na Marinha, em alguns de seus versos, refletindo sobre o fim do conflito e suas consequências:

(...) – Comade, no fim da carta
Eu devo comunica
Que a corte tá sossegada
E não tem do que assustá;
As revortá se acabou-se,
Nas ilhas que tão no má,
E os sordado cá da terra
Foram todos descansá.

A corte sofreu um pouco
Com a tal revolição,
Por mode foi rebaixda
Não é cidade mais não;
Virou sítio, como aqueles,
Que nós temo no sertão;
Mas ansim mêmô, comade,
O Rio tá muito bõo.

Quando passa trinta dia,
Si não havê novidade,
A corte não é mais sítio
Vai perde a liberdade;
Eu não gosto nada disso,
Vou senti muita sôdade,
Pois eu gosto mais dos sítio
Que da vida das cidade. (...) ⁴⁴

⁴⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 24 dez. 1910.

Minha comade Tereza
Como ocê tá bem ciente,
Tomos outros vez em paz,
E o povo já tá contente.
Cabou de todo as revórta
E inté a hora presente
Póde-se drumi tranquilo,
Sem nada que assuste a gente.

Com o rejume do sítio
Vortou tudo aos seus lugá.
Inté hoje eu nunca vi
Tanto sossego por cá.
Somentes a deferentça
É a language dos jorná
Que não pubrica boatos
E não póde mais xingá.

Ocê pra saí da corte
Tem de i no delegado
E tirá seu passaporte
Se não qué se embargado.
Pezá disso muita gente
Tem saído e tem entrado.
No mais temos liberdade,
Ninguém é acomodado. (...) ⁴⁵

A outra forma de abordagem da *Careta* para com o movimento rebelde na marinha foram os registros fotográficos. A primeira inserção deu ênfase às vítimas dos bombardeios, com destaque para as crianças, abordando também a

⁴⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 31 dez. 1910.

organização das forças legalistas e a presença de público para assistir aos acontecimentos bélicos⁴⁶. Em seguida foram publicadas vários fotorreportagens intituladas “Últimos ecos da rebelião”, apresentando os líderes rebeldes, tendo à frente João Cândido, “a marinhagem rebelde esperando o novo comandante legal para arriar a bandeira vermelha”, “os paioleiros pintando os dísticos que foram arvorados na ponte de comando”, “a marinhagem em armas preparada para a defesa do portaló”, a “marinhagem nas torres por ocasião da conquista dos navios revoltosos pelos fotógrafos”, a chegada do novo comandante ao *Minas Gerais*, os marinheiros que assumiram o comando do *São Paulo*, os atiradores legalistas guarnecendo a praia, o contato do novo comandante com os maquinistas, ações militares legalistas no Morro do Castelo e na Praia de Santa Luzia⁴⁷. Um novo conjunto de registros embasado no fotojornalismo recebeu o título de “Os motins na Marinha”, trazendo as operações na Ilha das Cobras, dos legalistas no litoral, no Morro de São Bento, os estragos promovidos em prédios e as vítimas do bombardeio⁴⁸. Encerrado o processo insurrecional, a revista registrou as primeiras memórias acerca do movimento, com o desfile de carros alegóricos no Campo de Santana, com uma “guarnição gentilíssima” formada por crianças, “incapaz de reclamar alguma coisa a não ser farta distribuição de bombons”, bem como a presença de “crianças a bordo do Minas Gerais”, com a ressalva de que não havia necessidade de susto, por tratar-se de um navio de papelão⁴⁹.

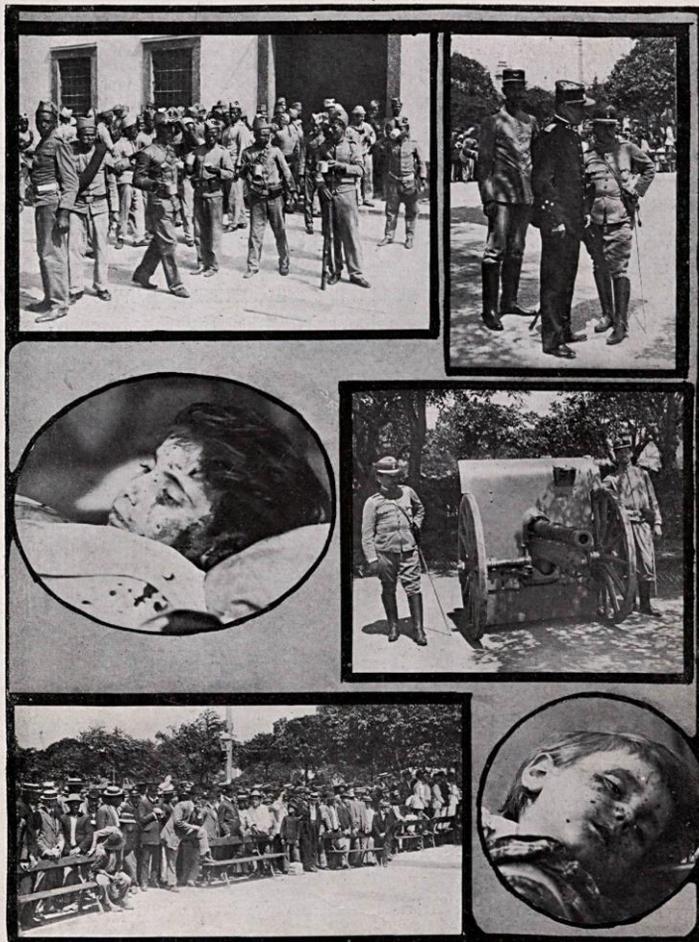
⁴⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 26 nov. 1910.

⁴⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

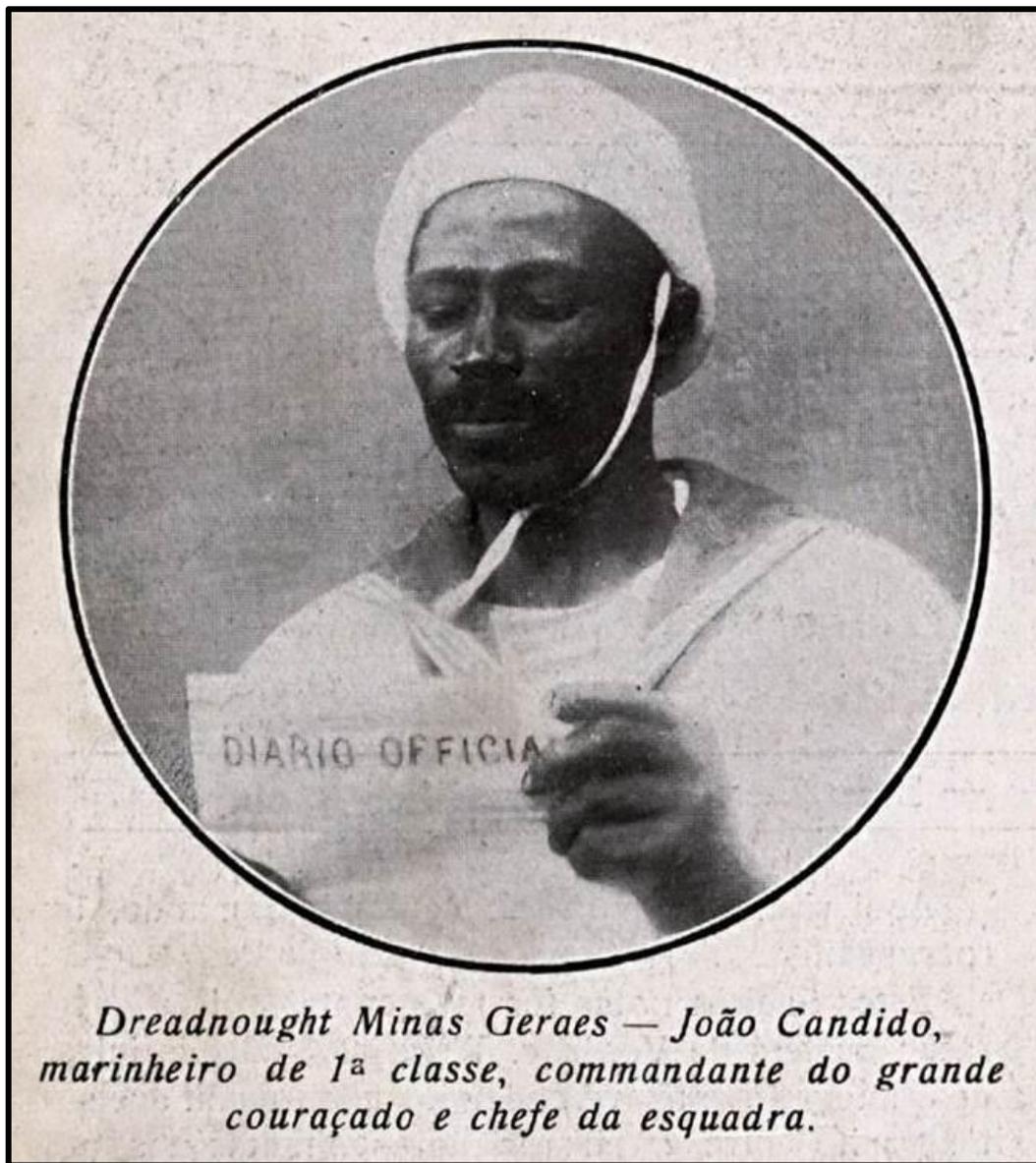
⁴⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.

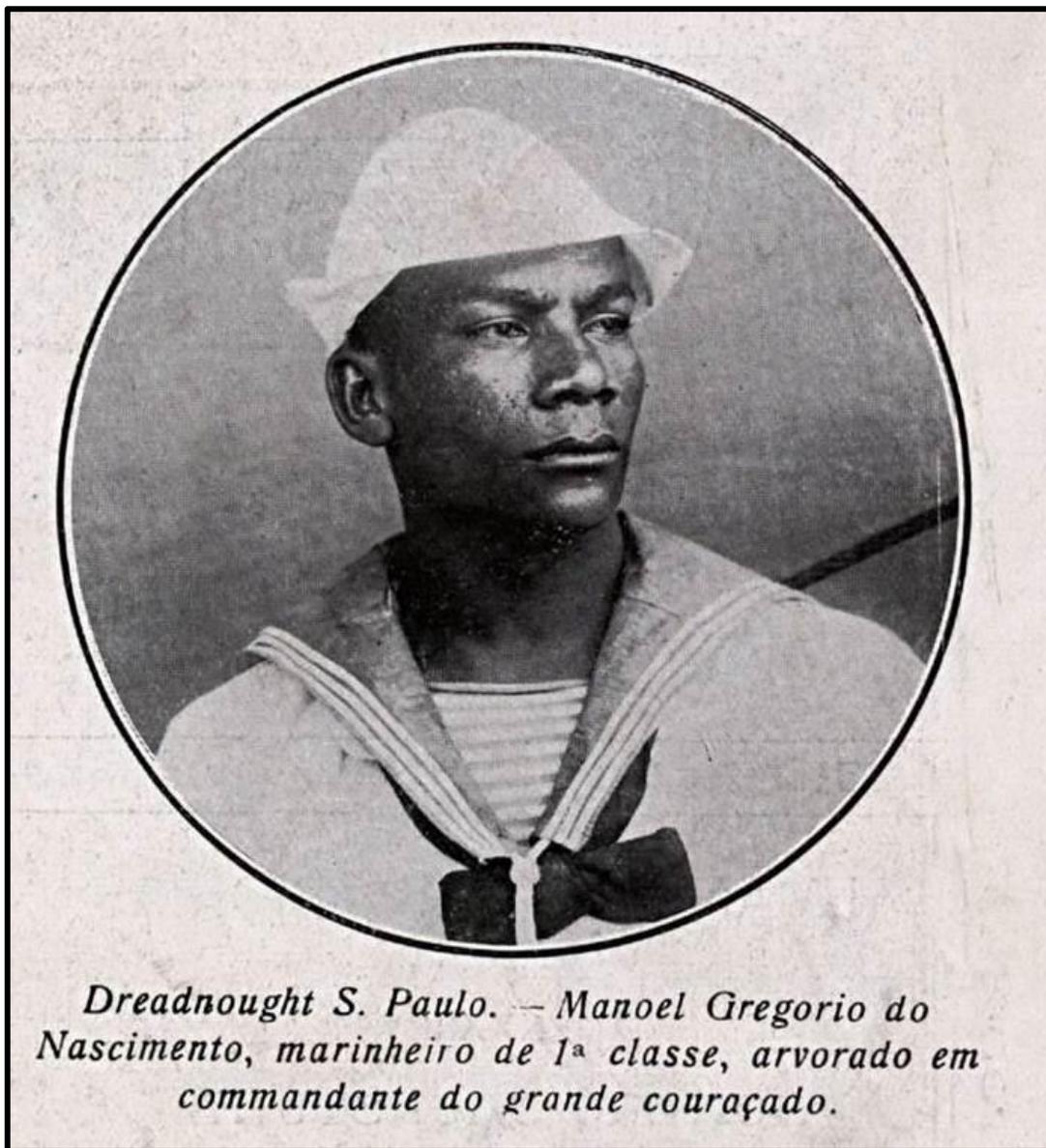
⁴⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 24 dez. 1910.

A rebelião da armada



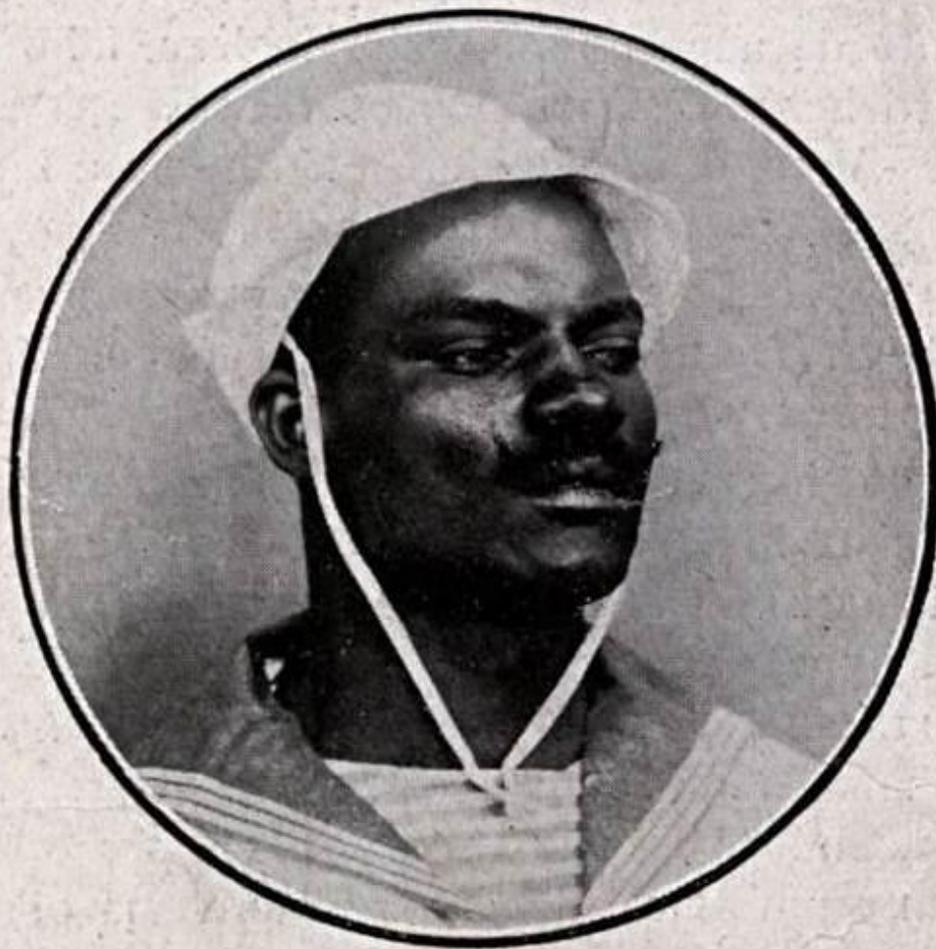
1. No Arsenal de Marinha. — O Batalhão Naval que o guarnece. — Rancho da manhã. — 2. O General Menna Barreto e seus ajudantes de ordens no caes Pharoux. — 3. Victima das balas do Minas Geraes. A menor Ricardina, morta por uma granada, no morro do Castello. — 4. Uma das peças collocadas no caes Pharoux. — 5. Populares no caes Pharoux, observando os navios rebellados. — 6. O menor Ernani victimado por uma granada do Minas Geraes no morro do Castello.





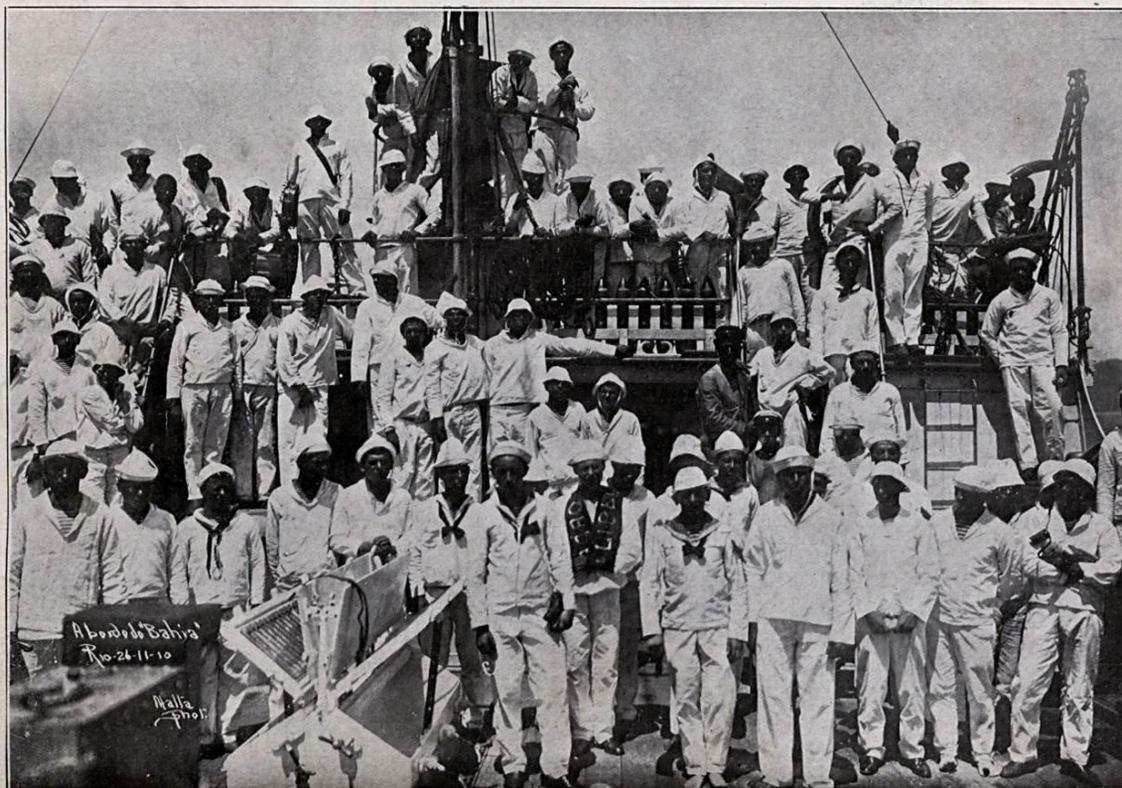


*Dreadnought Minas Geraes. — Marinheiro que
serviu de imediato do grande couraçado.*



*Dreadnought S. Paulo – Marinheiro de 1ª classe,
arvorado em imediato do grande couraçado.*

Ultimos echos da rebelião



Scout Bahia.—A marinhagem rebelde esperando o novo commandante legal para arriar a bandeira vermelha.

CARETA

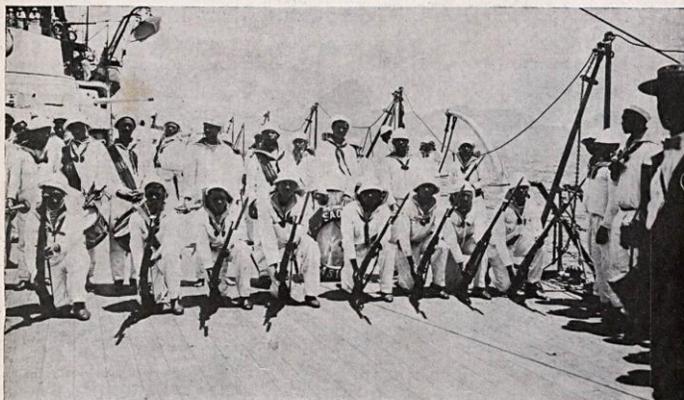
Ultimos echos da rebellião



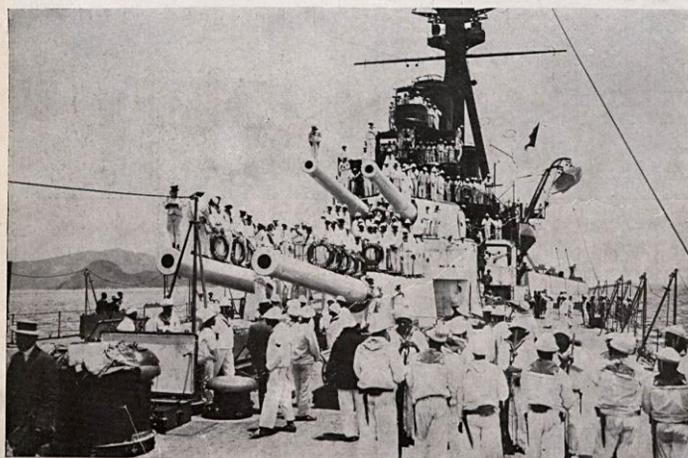
Dreadnought S. Paulo. — Os paioleiros pintando os disticos que foram arvorados na ponte de commando.

CARETA

Últimos ecos da rebelião

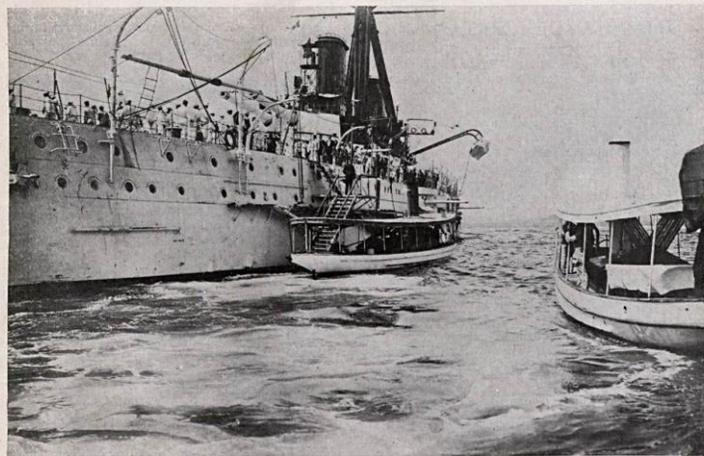


Dreadnought S. Paulo.— A marinhagem em armas preparada para a defesa do portaló.



Dreadnought S. Paulo.— Durante as negociações para a rendição. Marinhagem nas torres por ocasião da conquista dos navios revoltosos pelos... photographos

Últimos echos da rebelião



Dreadnought Minas Geraes.—Chegada do novo commandante nomeado capitão de mar e guerra João Pereira Leite, que é recebido na escada pelo "almirante" João Candido.



Dreadnought Minas Geraes.— O commandante Pereira Leite cercado pelos marinheiros na ocasião de ser arriada a bandeira da rebelião.

Últimos ecos da rebelião

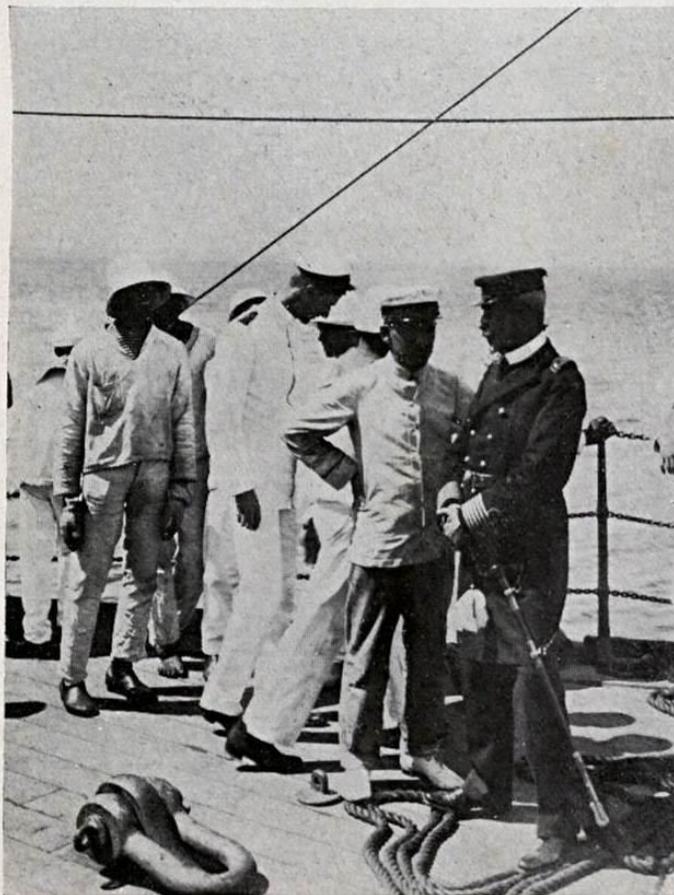


Dreadnought S. Paulo.—Commandante, imediato e officialidade do grande couraçado.



No caes Pharoux — Atiradores guarnecendo a praia abrigados por trincheiras de fardos de alfafa.

Ultimos echos da rebelião



Dreadnought Minas Geraees. — O commandante Pereira Leite interrogando os machinistas que ficaram retidos a bordo.

Ultimos echos da rebelião



No morro do Castello. — Bateria de obuzeiros.

CARETA

Ultimos echos da rebelião

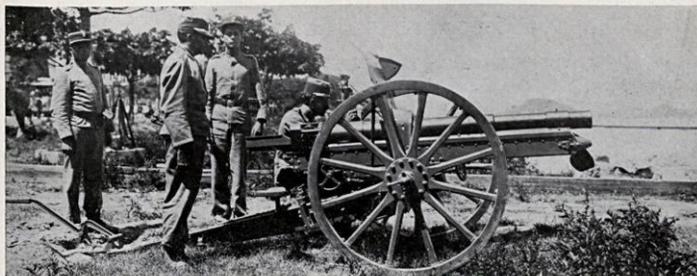


Na praia de Santa Luzia.—Um Krupp em descanso. Populares esperam heroicamente a hora do combate.

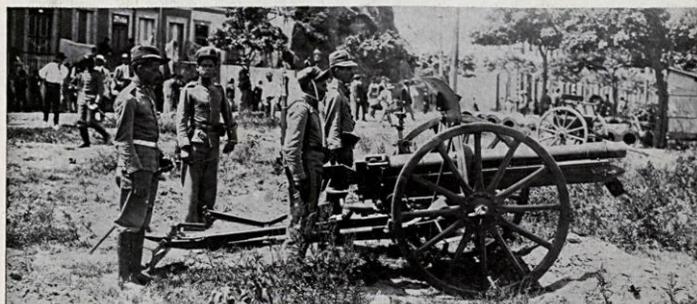


Na praia de Santa Luzia.—Uma bateria de canhões de campanha para defeza de terra.

Ultimos echos da rebelião



Na praia de Santa Luzia. — Um dos canhões Krupp em bateria Rectifioação da pontaria.



Na praia de Santa Luzia. — Forças de terra em posição. Canhão Krupp em bateria.



No morro do Castello. — Uma bateria do exercito.

CARETA

Últimos ecos da rebelião

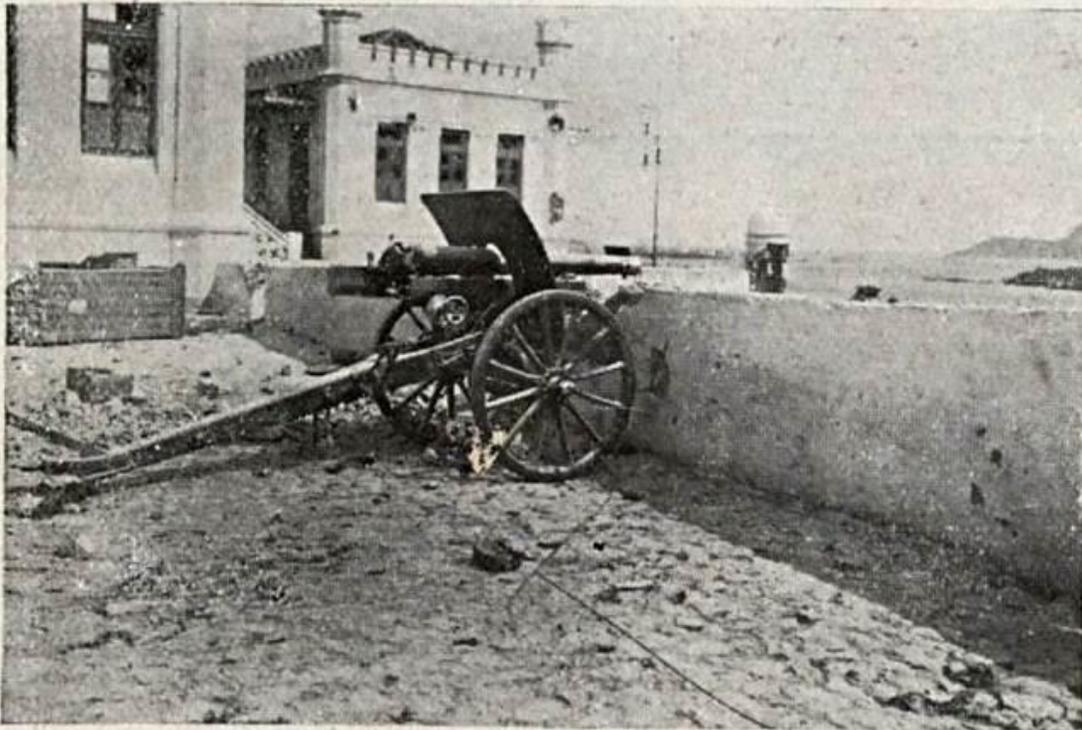


Na praia de Santa Luzia. — Um canhão em repouso. Ao fundo, os populares esperam o momento de “disparar”.



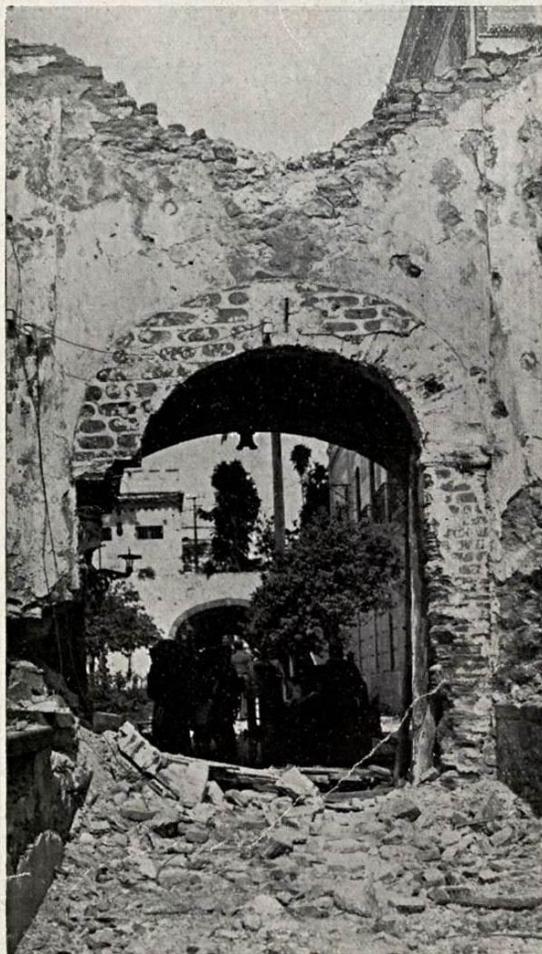
No morro do Castello. — Um obuzeiro. Os soldados mostram intrepidamente as “ameixas” que o “bicho” deixou de atirar.

Os motins da marinha



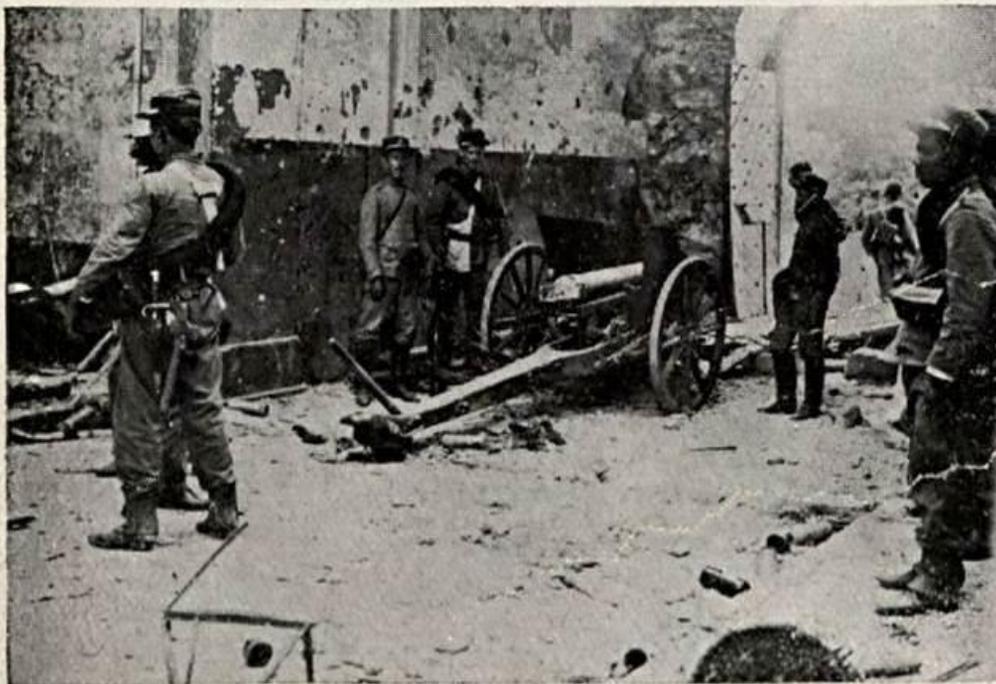
Na ilha das Cobras. — Um dos Canhões de desembarque apontado para o caes Pharoux.

Os motins da marinha



*Ilha das Cobras. — Portão Principal. —
Efeitos do bombardeio.*

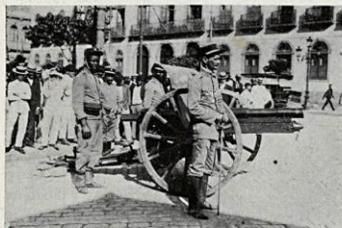
Os motins da marinha



Na ilha das Cobras, depois de tomada pelas forças do governo. — Uma das peças da bateria de desembarque do Batalhão Naval, desmontada por um obuz de S. Bento que matou-lhe os seis artilheiros.

CARETA

Os motins da marinha



No Caes dos Mineiros.—Um dos canhões de 7 1/2 Krupp com a sua guarnição.



Na Prainha.—A pontaria de um canhão de tiro rapido Hotchkiss, manobrado pelos b. mbeiros.



No Caes Pharoux.—Descançando do bombardeio, durante o armistício concedido aos insurrectos.



No Caes Pharoux.—Populares curiosos, indagando sobre a manobra dos canhões.



No morro de S. Bento.—O obuzeiro que mais estragos causou aos revoltosos, e a sua guarnição.



No Caes dos Mineiros.—Estragos produzidos pelas balas nas arvores e em um kiosque.

CARETA

Os motins da marinha



Na ilha das Cobras. — A fachada do Quartel do Batalhão Naval, mostrando os destroços do torreão central.



Na ilha das Cobras. — O edifício do Batalhão Naval, mostrando na fachada os estragos produzidos pelo bombardeio.

CARETA

Os motins da marinha



General Pinheiro Bittencourt que em virtude do ferimento recebido pelo general Mena Barreto, commandou as forças em operações.



No Caes dos Mineiros. — Oficialidade da Brigada Policial. — O poste da Light mostra os rombos produzidos pela passagem de dous projectis.



Mosteiro de S. Bento. — Efeitos da explosão de uma granada.



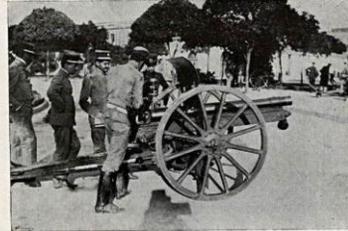
Mosteiro de S. Bento. — Efeitos de uma granada atirada pelos revoltosos.

CARETA

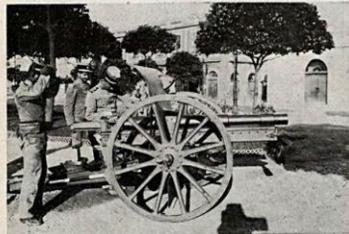
Os motins da marinha



No Caes Pharoux. — Introduzindo um granada em um canhão Krupp.



No Caes Pharoux — A carga de um canhão Krupp de 7 1/2.



No Caes Pharoux. — A rectificação de pontaria de um canhão Krupp de 7 1/2.



No Caes Pharoux. — A carga de um canhão Krupp de 7,5.



No morro de S. Bento. — Bateria de obuzeiros que tão bellos tiros acertou na ilha das Cobras. Comandante o capitão Leite de Castro tendo ao lado os tenentes Democrito Barbosa e Carlos Possollo.



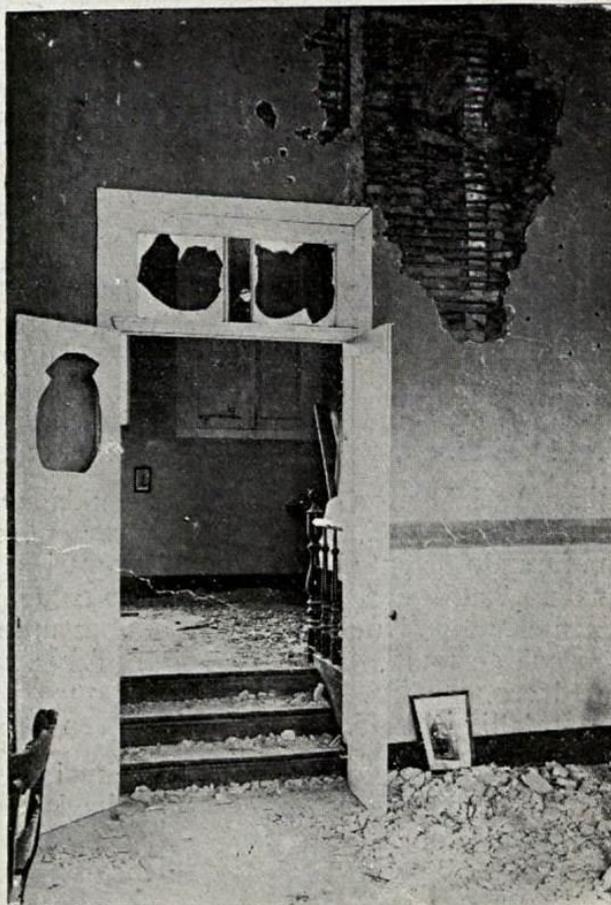
No morro de S. Bento. — Um obuzeiro da bateria. Manobra para a rectificação da pontaria, feita para os pontos artilhados da ilha das Cobras.

Os motins da marinha



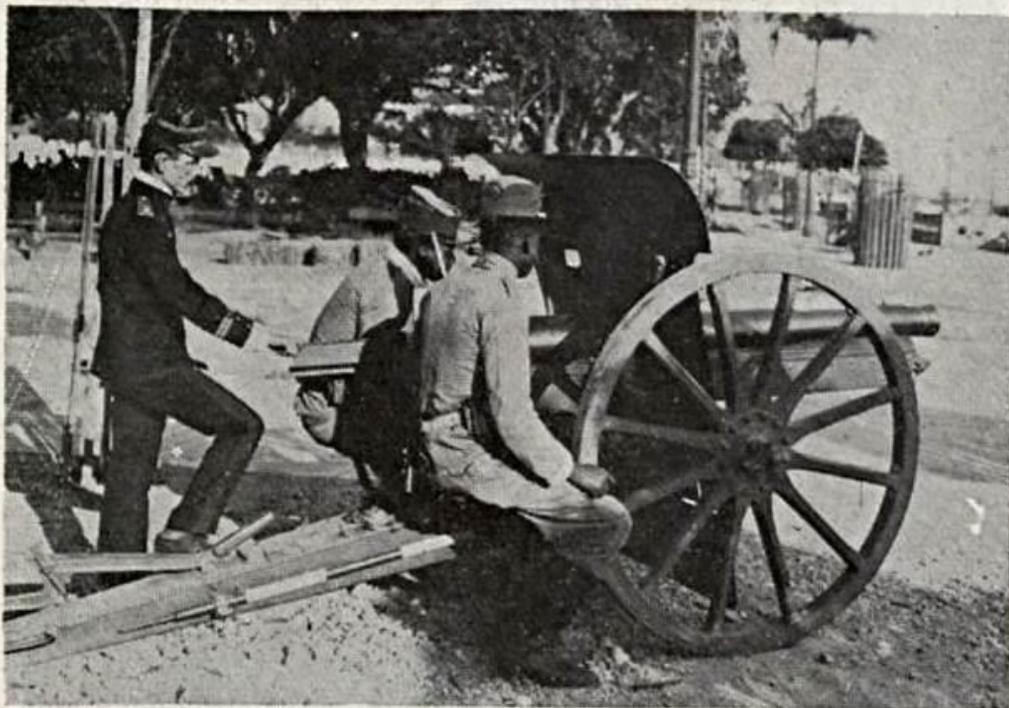
*Mosteiro de S. Bento. — Destroços
produzidos por uma granada.*

Os motins da marinha



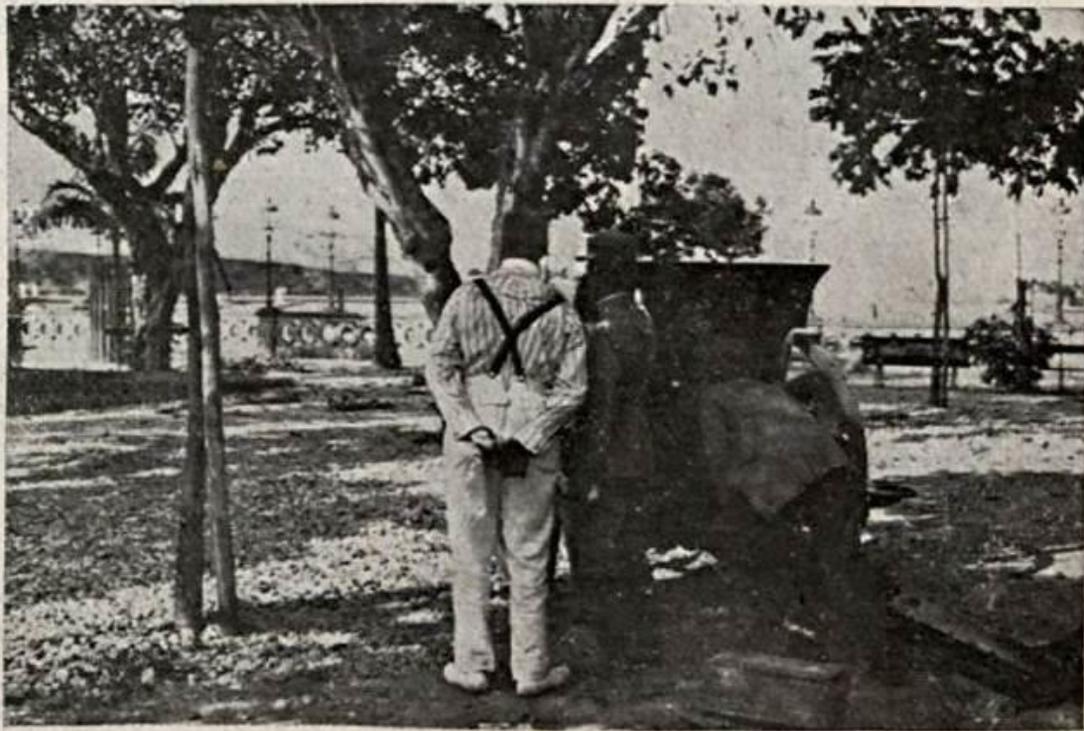
Mosteiro de S. Bento. — Destroços produzidos por um projectil.

Os motins da marinha



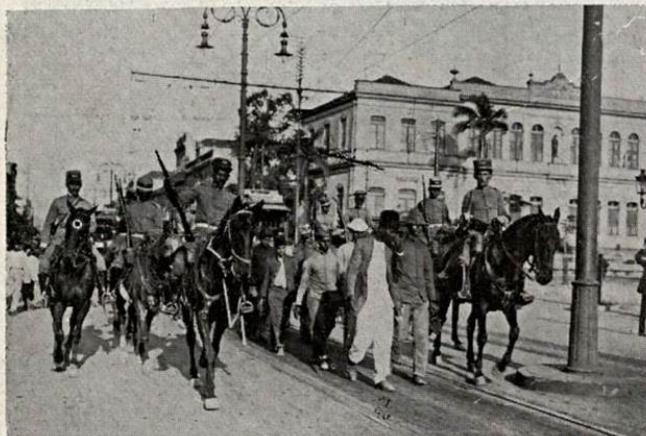
No Caes Pharoux.—Correcção de pontaria de uma das peças da bateria ali postada.

Os motins da marinha

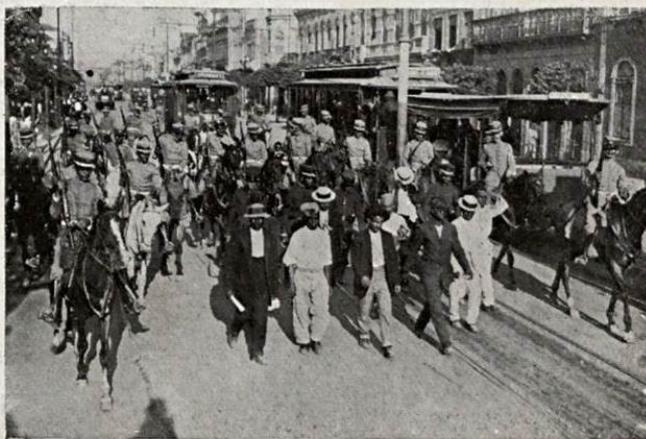


No Caes Pharoux. — O cidadão em mangas de camisa é o conde russo escucio, que fez segundo os diários, magníficos tiros contra a ha, fazendo jús assim a uma taça sportiva — a “taça de tiro ao brasileiro”.

Os motins da marinha



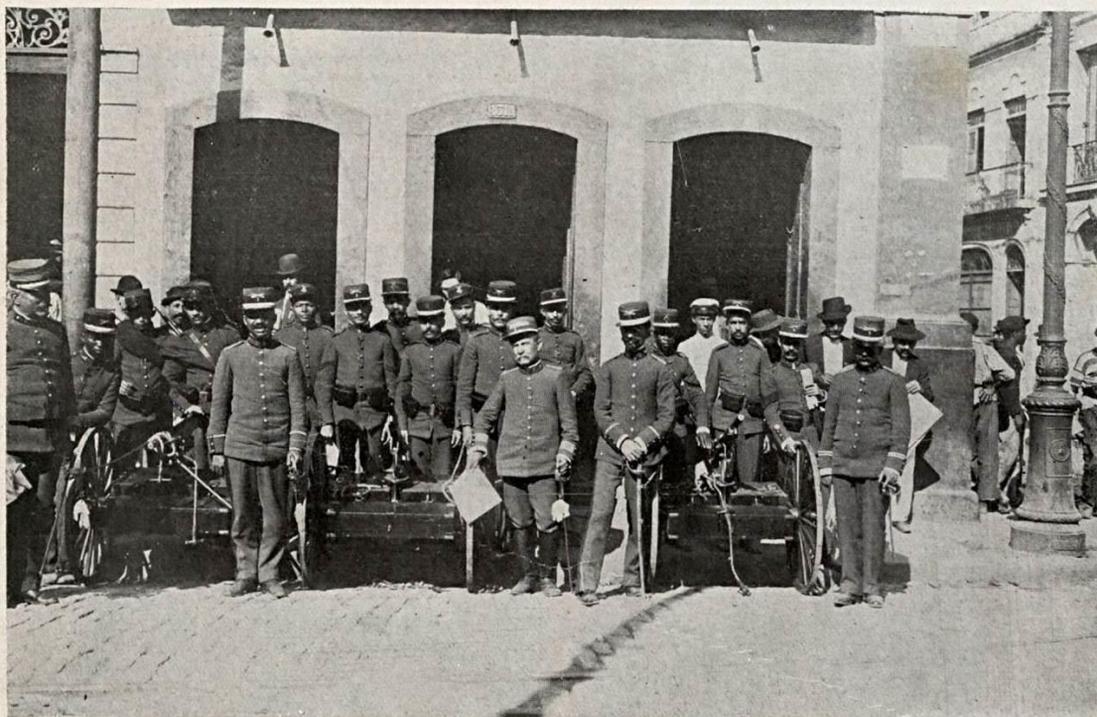
Soldados de infantaria de marinha, presos na ilha das Cobras e conduzidos para a Detenção.



Um grupo de amotinados, conduzido para a casa de Correção.

CARETA

Os motins da marinha



No caes dos Mineiros. — As metralhadoras da Brigada Policial e sua guarnição.

Os motins da marinha



Na ilha das Cobras.— General Dantas Barreto, ministro da guerra, acompanhado de varios officiaes, em sua primeira visita á ilha das Cobras, depois de sua occupaço.



Na Prainha. — Um canhão Hotchkiss, guarnecido por officiaes e praças do Corpo de Bombeiros.

CARETA

Os motins da marinha



Na ilha das Cobras. — Uma metralhadora avariada pelos obuzes disparados do morro de S. Bento.

Os motins da marinha



O bravo official de marinha, 1º tenente Carneiro da Cunha, morto a bordo do "Scout Rio Grande do Sul" pelos marinheiros revoltados.

Os motins da marinha

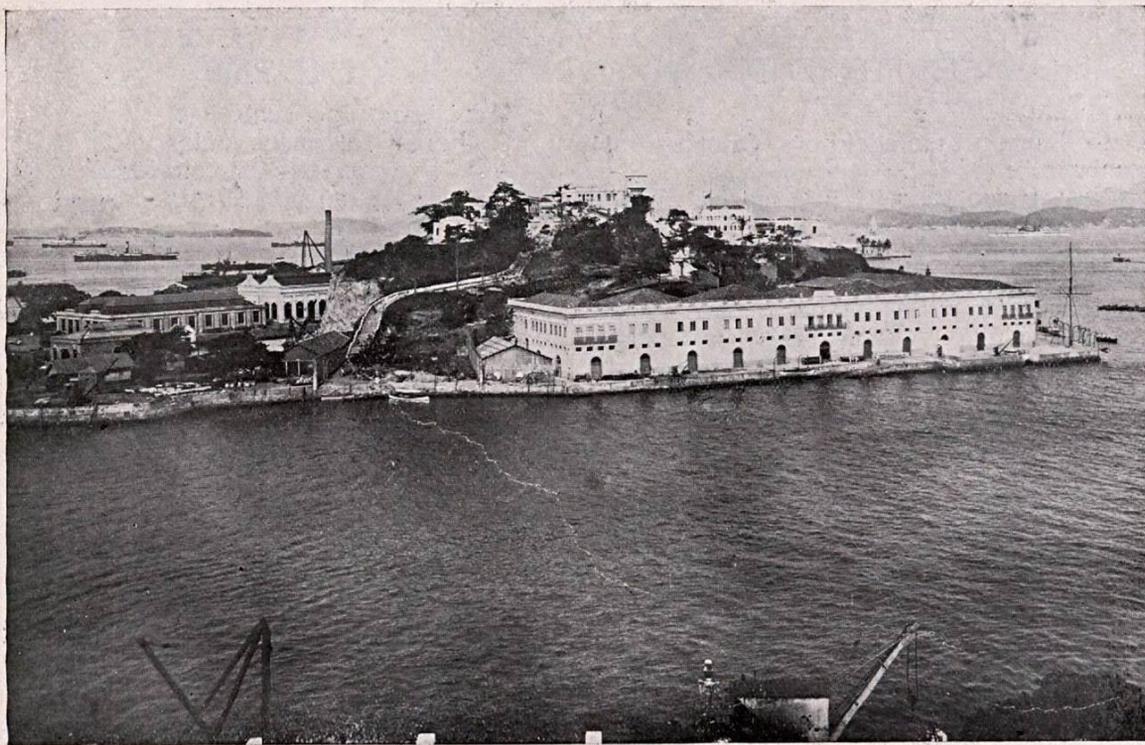


No Necroterio. — Victimias das granadas atiradas pelos revoltosos.



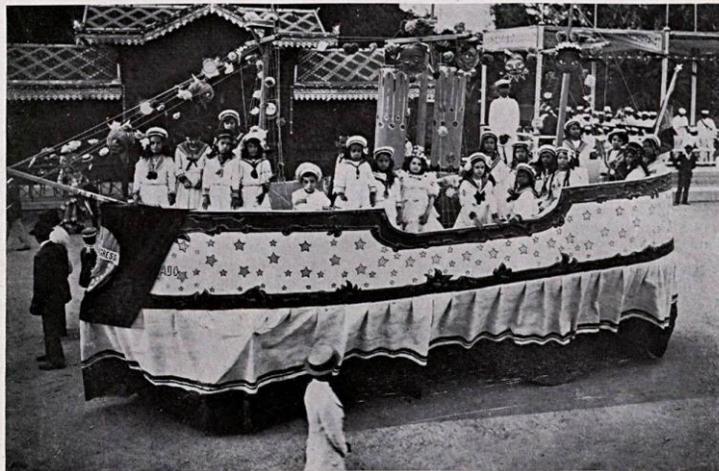
No caes Pharoux. — Uma das primeiras victimias do bombardeio.

Os motins da marinha



Vista geral da ilha das Cobras, tirada do morro de S. Bento. Bem ao centro, no alto da ladeira observam-se os efeitos dos obuzes.

No Campo de Sant'Anna



Uma festa de beneficência. — Guarnição gentilíssima de um dreadnought, incapaz de reclamar alguma cousa a não ser farta distribuição de bonbons.



Uma festa de beneficência. — Crianças a bordo do Minas Geraes... de papelão, não se assustem!

O enfoque do magazine embasado na arte caricatural ao tratar dos atos rebeldes na Marinha foi mais reduzido. A oposição entre valentia e covardia foi uma das tônicas em tal abordagem como o diálogo “Entre funcionários”, um gordo e um magro, com aquele chamando o outro de insolente para com o seu chefe, ao que este respondia que, durante o bombardeio, procurara o seu superior insistentemente, sem sucesso em encontra-lo. Já em “Castigos morais”, a conversa de dois indivíduos avaliava a anistia governamental concedida aos rebelados. A fuga de dois homens para o seio de suas casas durante os ataques era o tema de “Os prudentes”. Na ilustração “Artilharia no litoral”, uma senhora era tratada com preconceito quanto à sua aparência, ao ser comparada a um canhão por parte de seu interlocutor⁵⁰. Um outro olhar preconceituoso era apresentado na capa da revista, sob o título “A disciplina do futuro”, em caricatura que mostrava um negro como oficial, tendo como subordinado marinheiros brancos, que lhe prestavam continência. Uma suposta influência que passaria a ter o líder rebelde, a partir da notoriedade ganha durante a insurreição na Marinha foi o destaque em “Novos pistolões”, no qual um jovem reclamava da dificuldade de obtenção de um cargo público com base apenas no “bom empenho”, ao que o ancião o aconselhava a conseguir uma carta de recomendação com João Cândido⁵¹. A tentativa infrutífera de uma conquista amorosa, as difíceis relações no meio familiar e um flerte malsucedido, utilizando-se de termos que aludiam à Revolta foram as temáticas de “Pontaria imperfeita”, “Um herói” e “Comparação infeliz”⁵².

⁵⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 3 dez. 1910.

⁵¹ CARETA. Rio de Janeiro, 10 dez. 1910.

⁵² CARETA. Rio de Janeiro, 17 dez. 1910.



Castigos moraes



- E que te parece a tal amnistia?
- Deve ser a chibata de nossa alma.



Artilharia no littoral



Ella. — São uns medrosos, seu Pantaleão. Eu ia diariamente ao Cães Pharoux.

Elle. — Eu vi, excellentíssima a bateria de *canhões*.



Novos pistolões



O moço. — E' muito difficil. E' um logar que só se consegue a poder de bom empenho.

O velho. — Porque é que você não arranja uma carta de João Candido ?

Pontaria imperfeita



Elle. — O tiroteio cerrado de vossos olhos esburacou meu coração.

Ella. — Queira perdoar, cavalheiro. Foram talvez alguns projectis desviados.

Um heróe



Elle. — Qual minha senhora!... Eu já estou acostumado. A minha sogra é um respeitavel canhão que vomitou sobre mim uma granada que é minha esposa a qual se subdividiu em innumerables estilhaços que são os meus filhos.

Comparação infeliz



Elle. — O meu coração é um fragil batel que voga sobre um mar encapellado de desillusões ao sopro meigo do favonio da esperança.

Ella. — Eu tomei horror a tudo quanto cheira a marinha.

A *Careta* considerava que sua ordenação editorial era “consagrada à risonha tarefa de tornar risonhos os seus leitores”, apontando que “o negócio de imprensa é uma espécie de contrato bilateral”, no qual “as partes contratantes são os confeccionadores da revista de um lado e o Zé Povo do outro”, de maneira que, “enquanto as partes respeitam o contrato, a revista cumprindo o seu sadio programa de fazer rir Zé Povo e este correspondendo” com o dinheiro “para a manutenção da revista vai tudo muito bem”⁵³. Nessa linha, o magazine considerava que a chegada ao seu segundo ano de publicação estaria a revelar os acertos na execução de seus propósitos. Nesse sentido, a abordagem da Revolta na Marinha seguiu estritamente tal enfoque joco-sério, com textos de teor crítico e humorístico e sarcástico, envoltos em geral em pequenas historietas do cotidiano que teriam cercado o conflito. Já as poucas representações caricaturais publicadas orbitaram em torno da temática rebelde, sem necessariamente se aprofundar nas raízes da mesma. O conteúdo fotográfico foi aquele que intentou mais precisamente, de acordo com os conceitos de então, noticiar o confronto insurrecional, adotando a técnica da fotorreportagem e objetivando uma suposta imparcialidade informativa, encerrada naquilo que à época se considerava como uma propalada verdade que seria expressa a partir do registro fotográfico. Assim, associando um enfoque calcado na jocosidade, mas também na seriedade, a *Careta* apresentou uma versão ambígua para com a Revolta dos Marinheiros, mas, entre apoiá-la e criticá-la, acabou por optar pela segunda ação.

⁵³ CARETA. Rio de Janeiro, 4 jun. 1910.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

